



CARLOS AUGUSTO GODOI DA SILVA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOS SERVIDORES DA COORDENADORIA DE
SEGURANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: O
COTIDIANO E O PITORESCO NO SEU IMAGINÁRIO**

CANOAS, 2021

CARLOS AUGUSTO GODOI DA SILVA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA DOS SERVIDORES DA COORDENADORIA DE
SEGURANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: O
COTIDIANO E O PITORESCO NO SEU IMAGINÁRIO**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais. Linha de Pesquisa Memória e Gestão Cultural.

Orientação: Prof. Dr. Moises Waismann

Coorientação: Prof. Dr. Artur César Isaia

CANOAS, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586n Silva, Carlos Augusto Godoi da.

Narrativas de memória dos servidores da Coordenadoria de segurança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [manuscrito]: o cotidiano e o pitoresco no seu imaginário / Carlos Augusto Godoi da Silva – 2021.
124f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2021.

“Orientação: Prof. Dr. Moisés Waismann”.

“Coorientação: Prof. Dr. Artur Cesar Isaia”.

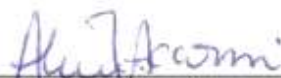
1. Memória social. 2. Narrativas - servidores. 3. UFRGS. Coordenadoria de segurança da UFRGS. 4. Imaginário. 5. Experiências pitorescas. I. Waismann, Moisés. II. Isaia, Artur Cesar. III. Título.

CDU:316.7

CARLOS AUGUSTO GODOI DA SILVA

Trabalho final aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

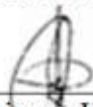
BANCA EXAMINADORA



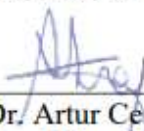
Profª. Dra. Aline Accorssi
Universidade Federal de Pelotas



Profª. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Universidade La Salle



Prof. Dr. Robinson Henrique Scholz
Universidade La Salle



Prof. Dr. Artur César Isaia
Coorientador – Universidade La Salle



Prof. Dr. Moisés Waismann
Orientador e Presidente da Banca – Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 04 de fevereiro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e também, por me conceder saúde e sabedoria para seguir em frente e nunca desistir dos meus objetivos. Gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e tiveram fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. Por isso, expresso aqui, por meio de palavras verdadeiras, a minha sincera gratidão a todas elas. O meu reconhecimento muito especial ao professor Dr. Moisés Waismann, meu orientador e, sobretudo, um querido e grande amigo, pelo ser humano e profissional que é. Obrigado por sua dedicação, e por ter depositado sua confiança em mim ao longo do curso. Agradeço pelos ensinamentos compartilhados de forma épica e por me nortear nos primeiros momentos da pós-graduação. Sem sua orientação, apoio e confiança, não unicamente neste trabalho, mas em todo o caminho trilhado até aqui, nada disso seria possível. Ao meu coorientador, professor Dr. Artur César Isaia, por todas as contribuições importantes para o desenvolvimento da pesquisa. A todos os professores que me possibilitaram o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. Não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. Agradeço também aos professores Dr^a Lucia Regina Lucas da Rosa e Dr. Robinson Henrique Scholz, membros da banca de qualificação, pelas valiosas observações e pela fineza ao apontar as inadequações do meu trabalho. A todos os colegas de mestrado, pela amizade, pela paciência, pelos ensinamentos e pelas trocas de conhecimentos e vivências, nas horas intermináveis de estudo. Ao meu pai (*in memoriam*) e à minha mãe, que me deram a educação básica para percorrer os caminhos da vida e buscar minhas conquistas. À minha esposa, Ângela, que, no transcorrer desta jornada acadêmica, soube entender e aceitar os muitos momentos em que sacrificava os dias, as noites, os fins de semana e os feriados em prol da efetivação deste estudo. Às minhas filhas Caroline e Fernanda por me auxiliarem nesta caminhada em busca dos meus sonhos e sempre me apoiarem na conquista dos meus objetivos. - Sem o auxílio de vocês nada disso seria possível. A vocês, o meu sincero obrigado! Ao meu filho Tiago que, mesmo distante, está torcendo por mais esta conquista na minha vida. A todos os amigos e colegas que, de forma direta ou indireta, auxiliaram na elaboração da presente pesquisa, pela paciência, pela gentileza e pelo estímulo que manifestaram em momentos difíceis. Para não correr o

risco de não elencar algum nome, não vou identificar ninguém. Àqueles a quem este reconhecimento se dirige, expresso aqui os meus agradecimentos.

RESUMO

O presente estudo tem como propósito descrever, recordar e resgatar as lembranças e as experiências pitorescas vivenciadas no cotidiano dos vigilantes da UFRGS, por meio de narrativas. Para maior compreensão, buscou-se investigar, a partir do estudo da memória social, de que forma essas experiências estão alicerçadas na memória desses servidores. Utilizou-se como suporte teórico as concepções de autores como Maurice Halbwachs (2006) e Michael Pollak (1992), para tratar de algumas noções sobre memória social; Icléia Tiessen (2013) e Paulo Nassar (2012) para falar sobre memória institucional; recorreu-se à teoria de Howard Becker (2008) e à Stuart Hall (1997), para proferir sobre identidade; à Peter Burke (2004) e Humboldt (1952), para contextualizar o pitoresco; o pensamento de Alberto Melucci (2005) e de Henri Bergson (1999), para dialogar sobre cotidiano e, por fim, articulou-se o arcabouço dos autores Cornelius Castoriadis (2010) e Lev Vygotski (2011), para discorrer sobre o imaginário. Recordar momentos de vida pelas representações torna-se um ato revelador de imagens que, em nosso âmago, são inextinguíveis. Assim o foi com os vigilantes. Ao recordar e narrar suas experiências sobre os fatos pitorescos, eles buscaram, em seus reservatórios, as representações mais significativas para narrar. O sentido que é dado aos fatos narrados pelos vigilantes pode ser variado e deve ser calculado pelo leitor por meio de uma organização lógica e da consideração dos contextos situacionais. Trata-se de uma investigação com viés metodológico de caráter qualitativo e descritivo. No próximo momento, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista de profundidade, realizando entrevistas individuais, e, na sequência, o tratamento dos dados por meio da análise de conteúdo. É indispensável salientar que a principal conclusão da pesquisa está no reconhecimento do valor das memórias contadas por todos os entrevistados.

Palavras-chave: Pitorescas; Memória Social; Imaginário.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo describir, recordar y recuperar recuerdos a través de narrativas, las experiencias pintorescas vividas en la vida cotidiana de los guardias de la UFRGS. Para una mayor comprensión, se buscó investigar, a partir del estudio de la memoria social, cómo estas experiencias se basan en la memoria de estos empleados. Los conceptos teóricos de autores como Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollak (1992) se utilizaron para abordar algunas nociones de memoria social; Icléia Tiessen (2013) y Paulo Nassar (2012) para hablar de memoria institucional. Se utilizó la teoría de Howard Becker (2008) y Stuart Hall (1997) para hablar de identidad; Peter Burke (2004) y Humboldt (1952) para contextualizar lo pintoresco. El pensamiento de Alberto Melucci (2005) y Henri Bergson (1999) para hablar de la vida cotidiana. Finalmente, se articuló el marco de los autores Cornelius Castoriadis (2010) y Lev Vygotski (2011) para discutir el imaginario. Recordar momentos de la vida a través de representaciones se convierte en un acto revelador de imágenes que, en nuestro núcleo, son inextinguibles. Así sucedió con los vigilantes. Al recordar y narrar sus vivencias sobre los hechos pintorescos, buscaron en sus reservorios las representaciones más significativas para narrar. El significado que se le da a los hechos narrados por los guardias puede ser variado y debe ser calculado por el lector a través de una organización lógica y la consideración de contextos situacionales. Se trata de una investigación con enfoque metodológico cualitativo y descriptivo. En el siguiente momento, se utilizó la entrevista de profundidad como instrumento de recolección de datos, realizando entrevistas individuales y, posteriormente, el tratamiento de los datos a través del análisis de contenido. Es fundamental destacar que la principal conclusión de la investigación está en el reconocimiento del valor de los recuerdos contados por todos los entrevistados.

Palabras-chave: Pintorescas. Memoria Social. Imaginario

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Organograma Operacional e Áreas de Abrangência da COORSEG..... | 17 |
| Figura 2 – Central de Monitoramento Eletrônico do Campus do Vale..... | 18 |
| Figura 3 – Patrulhamento no Morro Santana..... | 19 |
| Figura 4 – Segurança na Divulgação do Listão do Vestibular..... | 20 |
| Figura 5 – Atendimento de Ocorrência no Campus do Vale..... | 20 |
| Quadro 1 – Principais Fases da Entrevista Narrativa..... | 57 |
| Figura 6 – Petição..... | 61 |
| Figura 7 – Pisca..... | 62 |
| Figura 8 – Bira..... | 63 |
| Figura 9 – Joel Nogueira..... | 64 |
| Figura 10 – Almeida..... | 65 |
| Figura 11 – Marcelo Guedes..... | 66 |
| Figura 12 – Marcelo Schneider..... | 67 |
| Figura 13 – Mozarte..... | 68 |
| Figura 14 – Odilon..... | 69 |
| Figura 15 – Careca..... | 70 |
| Figura 16 – Renato..... | 71 |
| Figura 17 – Lazaro..... | 72 |
| Quadro 2 – Denominação dos Fatos Narrados..... | 73 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|---|
| CEEE | Companhia Estadual de Energia Elétrica |
| CONSUN | Conselho Universitário |
| COORDSEG | Coordenadoria de Segurança |
| COVID | Corona Virus Disease |
| CPD | Centro de Processamento de Dados |
| DCREG | Divisão de Cadastro e Registros |
| HCPA | Hospital de Clínicas de Porto Alegre |
| MBA | Master In Business Administration |
| PCCTAE | Plano de Carreira dos Técnico-Administrativos em Educação |
| PROGESP | Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas |
| PRORH | Pró-Reitoria de Recursos Humanos |
| PRUNI | Pró-Reitoria da Comunidade Universitária |
| RFID | Radio Frequency Identification |
| RU | Restaurante Universitário |
| SEVIG | Seção de Vigilância |
| TAs | Técnico-Administrativos |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UNILASALLE | Universidade La Salle |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 Trajetória Acadêmica e Profissional do Mestrando | 13 |
| 1.2 Contextualização da Coordenadoria de Segurança | 17 |
| 1.3 Proposta de Produção Técnica | 21 |
| 1.4 Justificativa | 22 |
| 1.5 Problema de Pesquisa | 23 |
| 1.6 Objetivos | 23 |
| 1.6.1 <i>Objetivo Geral</i> | 23 |
| 1.6.2 <i>Objetivos Específicos</i> | 23 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 24 |
| 2.1 Memória Social | 24 |
| 2.2 Memória Institucional | 29 |
| 2.3 Identidade | 31 |
| 2.4 Memória Social e Identidade | 38 |
| 2.5 Cotidiano | 40 |
| 2.6 Imaginário | 43 |
| 2.7 Pitoresco | 50 |
| 3 PERCURSO METODOLÓGICO | 53 |
| 3.1 Quanto à Classificação da Pesquisa | 53 |
| 3.2 Quanto aos Sujeitos da Pesquisa | 55 |
| 3.3 Quanto ao Levantamento de Dados | 56 |
| 3.4 Quanto às Entrevistas Narrativas | 58 |
| 3.5 Quanto ao Tratamento dos Dados | 60 |
| 4 ENTREVISTAS E NARRATIVAS | 61 |
| 4.1 Apresentando os Entrevistados | 61 |
| 4.1.1 <i>Entrevistado Ailton de Abreu Fraga</i> | 61 |
| 4.1.2 <i>Entrevistado Hamilton Silva de Moraes</i> | 62 |
| 4.1.3 <i>Entrevistado João Ubirajara da Rosa Martins</i> | 63 |
| 4.1.4 <i>Entrevistado Joel Nogueira</i> | 64 |
| 4.1.5 <i>Entrevistado Jorge Silva de Almeida</i> | 65 |
| 4.1.6 <i>Entrevistado Marcelo Guedes da Rocha</i> | 66 |
| 4.1.7 <i>Entrevistado Marcelo Schneider dos Santos</i> | 67 |

| | |
|---|------------|
| 4.1.8 Entrevistado Mozarte Simões da Costa Júnior..... | 68 |
| 4.1.9 Entrevistado Odilon Manoel Roza de Oliveira | 69 |
| 4.1.10 Entrevistado Omir Canabarro Nunes..... | 70 |
| 4.1.11 Entrevistado Renato Pieretti Duarte | 71 |
| 4.1.12 Entrevistado Roberto Marques Quevedo Lazaro | 72 |
| 4.2 Garimpando Narrativas: O Imaginário dos Vigilantes..... | 72 |
| 4.2.1 Petição - Pescaria no Parque..... | 74 |
| 4.2.2 Pisca - Equívoco no Trânsito..... | 75 |
| 4.2.3 Bira - Saída Perspicaz..... | 76 |
| 4.2.4 Joel Nogueira - O Churrasco que Não Deu Certo | 77 |
| 4.2.5 Almeida - Chineladas na Bunda | 78 |
| 4.2.6 Marcelo Guedes - Pegadinha no Supermercado | 79 |
| 4.2.7 Marcelo Schneider - O Trote do Vestibular | 79 |
| 4.2.8 Marcelo Schneider – Esperando uma Vítima | 81 |
| 4.2.9 Marcelo Schneider – Esperando a Próxima Vítima | 83 |
| 4.2.10 Mozarte - Degustação de Marijuana | 84 |
| 4.2.11 Mozarte - Medo de Apagar a Vela..... | 85 |
| 4.2.12 Odilon - Pânico no Elevador..... | 88 |
| 4.2.13 Careca - Cardápio da Janta | 88 |
| 4.2.14 Renato – Mata Afrodisiáca..... | 89 |
| 4.2.15 Lazaro - Tremia Igual Vara Verde | 91 |
| 4.3 Narrativas Sedimentadas na Memória dos Vigilantes..... | 92 |
| 4.4 Interpretando as Vozes Anônimas..... | 97 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| REFERÊNCIAS..... | 109 |
| APÊNDICE A – Relação de Vigilantes que compõem o Universo da Pesquisa | 118 |
| APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 122 |
| APÊNDICE C – Roteiro para Entrevistas Narrativas com os Servidores da Coordenadoria de Segurança | 123 |
| ANEXO I – Portaria de Criação da Coordenadoria de segurança | 124 |

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo socializar as narrativas de memória dos servidores da Coordenadoria de Segurança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – COORDSEG/UFRGS, acerca dos fatos alicerçados na memória referente a aspectos pitorescos descritos como anedóticos, cômicos, divertidos e engraçados que construíram o seu imaginário.

Inicialmente, o conceito de memória regia-se em torno de uma esfera apenas individual e como um processo de estocagem. Nessa perspectiva, a memória individual seria, a rigor, definida por Halbwachs (1994) como uma unidade de memória fechada em si mesma, sem relação com outras memórias. Contudo, os conceitos de memória ganharam expressão na literatura ao serem relacionados com a dinâmica coletiva. Teorias, principalmente a de Maurice Halbwachs, tiveram grande contribuição para a discussão. O autor referencia a memória como uma construção social constituída a partir das relações mantidas entre os indivíduos e os grupos. Nesse sentido, Rios (2013) enfatiza que a memória coletiva é sempre uma memória em grupo. Isso nos leva a crer que a duração de uma memória se limita à duração da memória de um grupo (HALBWACHS, 2006), motivo pelo qual Halbwachs tem grande influência nesta pesquisa.

A memória é proveniente da herança das civilizações, o que seria uma espécie de acervo cultural dos indivíduos (CAMARGO, 2009). E, segundo o sociólogo francês, o ato de compartilhá-la contribui para a formação de uma “comunidade de sentimentos” (HALBWACHS, 2004, p. 49). Além disso, segundo Pomian (2000), a memória social é apresentada como uma arte da linguagem que ensina a conservar as narrativas e permite que um indivíduo se torne o depositário das recordações de pessoas que ele não conheceu ou de fatos pitorescos já ocorridos, por isso, a importância das narrativas.

Nesse sentido, inserir fatos pitorescos como condutores da rememoração do passado importa dizer que eles possuem uma forma de apreensão e de concepção do mundo pautada não só pela visualidade, mas também pela maneira com que se interpreta a realidade por meio de referenciais fornecidos pela linguagem artística, que abrangem diversos campos da cultura, principalmente o da memória social. A linguagem artística tem como função expressar a realidade, considerando a perspectiva de mundo de quem a expressa e de quem a observa. Ela pode ser

entendida como uma forma de comunicação que interpreta, questiona e desafia a realidade.

Assim, a linguagem artística pode ser entendida como uma das formas de expressão artística, na qual a essência da arte está nas palavras, em seus potenciais sonoros, sintáticos e semânticos, cujo propósito é (re)construir o mundo real, imaginário e resguardar a memória dos narradores.

Desse modo, para elaboração desta pesquisa, foram realizadas entrevistas narrativas por videoconferência, por meio do *WhatsApp* e de *e-mail*, com 12 vigilantes escolhidos de acordo com a conveniência, em um grupo de 110 servidores, do quadro funcional da COORDSEG/UFRGS. Esse formato ganhou relevância devido à pandemia de Covid 19, que o mundo está enfrentando desde março de 2020. Os relatos registraram os fatos pitorescos dos servidores daquela Coordenadoria, o que contribuiu para a rememoração do passado e para a publicação de um livro relacionado a esta pesquisa de mestrado, o qual contém as narrativas desses servidores. Levou-se em consideração, para este estudo, experiências da vida pessoal e profissional, considerando como recorte temporal, a data de ingresso de cada servidor na UFRGS. A Coordenadoria de Segurança foi escolhida para a presente pesquisa porque este setor marca a trajetória do pesquisador. Assim, existe um fator preponderante para a pesquisa ser bem-sucedida: os laços de amizade entre o pesquisador e os integrantes da categoria em questão, o que eleva o grau de liberdade das narrativas nas entrevistas.

1.1 Trajetória Acadêmica e Profissional do Mestrando

Pretendo, na narrativa que se inicia, não somente especificar os acontecimentos acerca de minha trajetória profissional, mas, especialmente, descrever os princípios que nortearam a minha inserção na vida escolar e acadêmica. Nesse seguimento, a minha primeira experiência profissional teve início aos 14 anos, quando, em 1975, ingressei no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), para desempenhar a função de contínuo, da qual saí quatro anos depois.

No ano de 1980, após um breve período desempregado, iniciei minhas atividades laborais na empresa Clemente Cifali S/A Máquinas Rodoviárias, onde exerci a função de almoxarife, até abril do ano seguinte. O ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul ocorreu em outubro de 1981, sem concurso público, no

cargo de vigilante, no entanto, os contratados nessa condição tiveram que participar, obrigatoriamente, do processo seletivo realizado no ano de 1985, no qual obtive aprovação. Nesse cargo, desenvolvi minhas atividades no prédio da Reitoria durante o dia, em escala de revezamento, de 12 horas trabalhadas por 36 horas de descanso. Como, permanentemente, andava bem uniformizado e, sobretudo, sempre tratei as atividades a mim atribuídas com muita dedicação e responsabilidade, ocorreu uma mudança em minha trajetória: um ano após ser aprovado no concurso para vigilantes, deixei de exercer as atividades para as quais fui nomeado, em razão do convite do então chefe da Seção de Vigilância para integrar a equipe da secretaria com o objetivo de desempenhar atividades administrativas.

Devido às dificuldades financeiras da minha família, acabei deixando os estudos em segundo plano, no entanto, como minha vida profissional estava em evolução, senti que o caminho mais certo para ambicionar algo a mais, que me fizesse progredir em minha carreira, seria retomar os estudos. Dessa forma, a retomada ocorreu em 1985 para, na época, concluir o Primeiro Grau e, quatro anos depois, o Ensino Médio. Com o advento do Decreto nº 94.664, de 23 de julho de 1987, que, entre outras questões, tratou do enquadramento de servidores em desvio de função, tive reconhecido e valorizado o meu trabalho, ao ser indicado pelo então chefe da Seção de Vigilância para ser enquadrado no cargo de Assistente em Administração. Ainda no ano de 1987, logo após o enquadramento, fui removido para a Pró-Reitoria da Comunidade Universitária (PRUNI), para ter exercício no setor financeiro. Durante o período em que desempenhei as atividades nesse setor (até agosto de 1993), foi fundamental o conhecimento de todas as rotinas para que não houvesse imprevistos na administração dos recursos e no planejamento financeiro. As novas atividades ofereceram-me subsídios para ampliar meu leque de conhecimentos, bem como, meu desenvolvimento profissional. Além disso, sempre demonstrei interesse em realizar cursos de capacitação, visando o melhor atendimento das demandas do setor. Em setembro de 1993, a pedido do então diretor do Departamento de Registros e Pagamentos da Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRORH), fui requisitado para compor a equipe da Divisão de Controle Orçamentário e Recolhimentos. Diante do fato de ser uma pessoa extremamente comprometida, exigente e crítica com relação às minhas atribuições, passados cinco anos, recebi o convite para exercer a função de diretor daquela Divisão, na qual permaneci de março de 1998 a setembro de 2001. No final do ano de 2001, a Pró-Reitoria de Recursos Humanos sofreu uma

reestruturação e passou a denominar-se Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGESP). Tal reestruturação permitiu a criação de novas divisões, que tinham por finalidade desonerar outras que estavam sobrecarregadas.

No exercício das atividades de diretor, fui novamente convidado para, desta vez, exercer a função de diretor da Divisão de Cadastro e Registros (DCREG), local este em que permaneço até hoje, gerenciando uma equipe de dez servidores efetivos, três colaboradores terceirizados e três bolsistas. As minhas principais atribuições nessa função são: programar, organizar, orientar, controlar e coordenar as atividades, de acordo com as legislações pertinentes a cada uma delas, assim como promover reuniões periódicas com os servidores, visando a otimização dos processos de trabalho. Ainda em 2001, coordenei o projeto de reorganização e atualização do acervo documental dos servidores ativos, aposentados, exonerados, falecidos e redistribuídos para outras universidades, acervo este que contava, na época, com aproximadamente 20 mil pastas funcionais.

Com relação à minha formação acadêmica, teve início em 2006, quando comecei o curso de graduação em Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos, realizado pelo Centro Superior de Tecnologia TecBrasil Ltda. A graduação teve um significado importante no meu desenvolvimento, pois, à medida em que os professores abordavam temas relacionados às minhas atividades profissionais, mais ativa era a minha participação nos vários debates e discussões que ocorriam, os quais contribuíram positivamente para ampliação dos conhecimentos teóricos que, até então, eram desconhecidos. Nos dois anos do curso de graduação, o papel desempenhado pelos docentes das diferentes disciplinas teve fundamental importância para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional. A necessidade de compreender melhor a área de gestão estimulou-me, em 2007, paralelamente à vida acadêmica e profissional, a participar do curso de capacitação denominado “Departamento de Pessoal”, com carga horária de 120 horas. Em 2008, iniciei minha trajetória no curso de Pós-Graduação Lato Sensu – MBA em Gestão de Talentos e Clima Organizacional, na mesma instituição em que concluí a graduação. Com o propósito de controlar melhor a entrada e saída de pastas funcionais custodiadas pela divisão da qual sou diretor, desenvolvi o Projeto Integrado de Negócio intitulado “Gerenciamento do Arquivo de Pastas Funcionais da UFRGS através da Tecnologia RFID”. Esta tecnologia permite a identificação automática, por meio de ondas eletromagnéticas, para capturar as informações contidas em um dispositivo eletrônico

conhecido como “etiqueta RFID”. O projeto não foi implantado por falta de disponibilidade orçamentária, porém o reconhecimento e a valorização do meu trabalho foi uma grande motivação para aprimorar meus conhecimentos. Assim, entre 2009 e 2012, participei de cursos de capacitação, de encontros em nível nacional e de seminários, todos voltados à área de Gestão de Pessoas. Em 2014 e 2016, fui eleito pelos servidores técnico-administrativos (TAs) para ocupar um assento no Conselho Universitário (CONSUN). Ainda em 2016, fui eleito representante dos TAs, por maioria de votos dos conselheiros do CONSUN, para compor a Comissão de Legislação. Nessa comissão, minhas atribuições resumiam-se à análise e emissão de pareceres nos processos de afastamentos dos magníficos reitor e vice-reitor para o exterior e, também, em processos de renovação de convênios.

Simultaneamente a todas as minhas atividades, fui convidado pelo Magnífico Reitor, em 2016, para compor a Comissão de Ética, a qual tinha a missão de construir o Código de Ética da UFRGS. Nessa comissão, pouco contribuí, tendo uma passagem rápida, visto que não me identificava com a área.

A princípio, nunca me imaginei em um curso de mestrado. Essa ideia foi amadurecendo aos poucos, vendo meus colegas e outras pessoas ingressando em universidades, e percebendo, mais uma vez, a necessidade de ampliar meus conhecimentos. Assim, decidi ingressar no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. A escolha deve-se ao fato de ter apreciado o conteúdo apresentado pelo programa. Iniciei o curso no segundo semestre de 2018 com muitas expectativas em relação ao que me poderia vir a ser oferecido. As discussões oportunizadas nas aulas possibilitaram-me uma nova visão acerca do ser humano e do profissional que sou, uma vez que, o aprendizado ao longo das disciplinas tornou-se útil, não só no contexto acadêmico, mas também em minha vida pessoal e profissional.

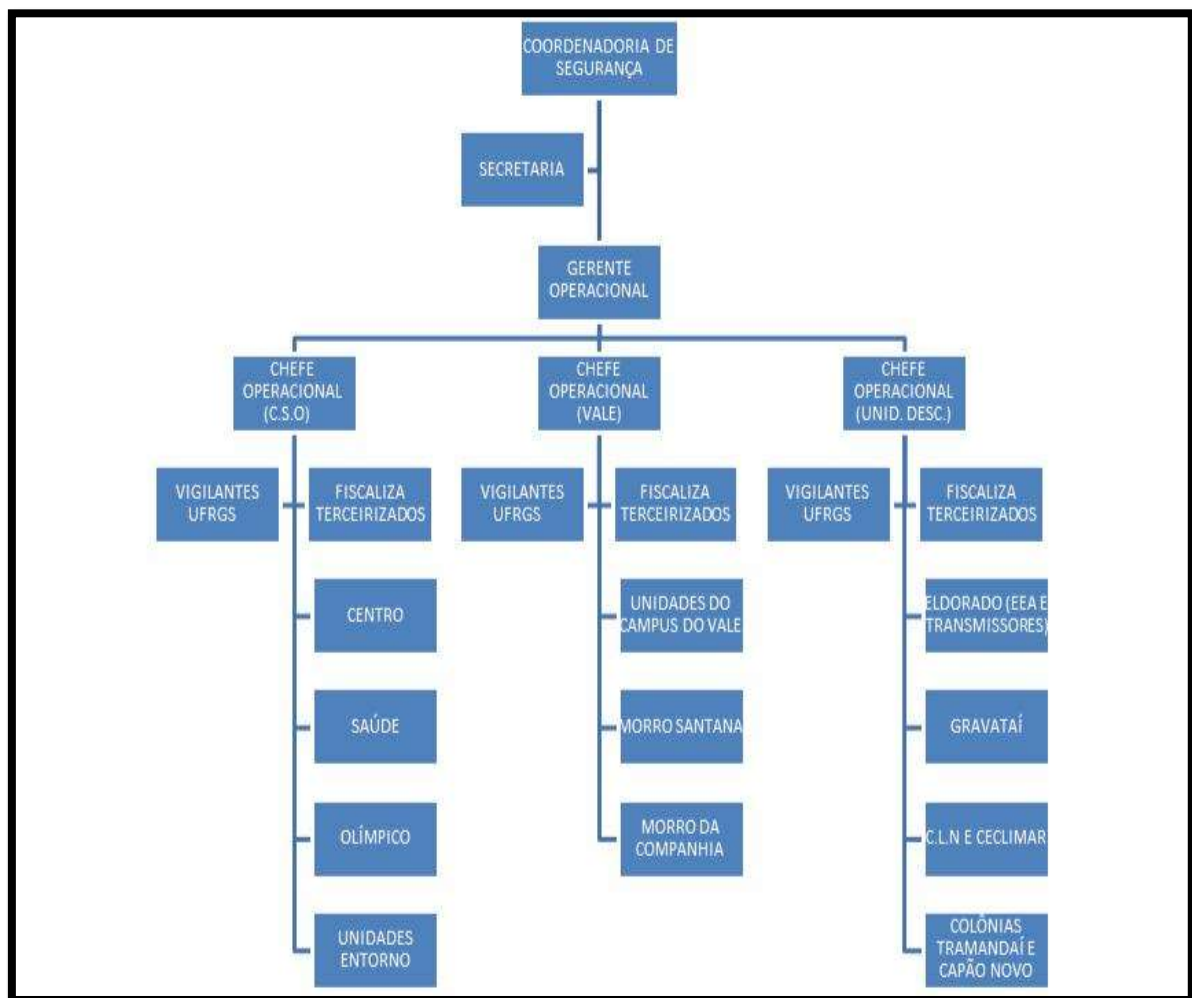
No decorrer de todos esses anos labutando na UFRGS, muitas coisas aconteceram: acompanhei a gestão de nove reitores, fui removido da Seção de Vigilância para a Pró-Reitoria da Comunidade Universitária e, posteriormente, para a Pró-Reitoria de Recursos Humanos, participei de conselhos e de comissões, mas, na minha essência, nada mudou. Criei raízes na Coordenadoria de Segurança, onde tenho muitos amigos, em um ambiente que considero agradável e descontraído. É nesse contexto, e motivado por meu orientador, professor doutor Moisés Waismann, que tenho o desafio de publicar um livro com as narrativas acerca dos fatos pitorescos

descritos como anedóticos, cômicos, divertidos e engraçados, vivenciados pelos servidores lotados na Coordenadoria de Segurança da UFRGS, assunto que considero de absoluta relevância institucional.

1.2 Contextualização da Coordenadoria de Segurança

Neste capítulo, contextualizamos, de forma breve, a trajetória da Coordenadoria de Segurança, sem adentrar nas transformações anteriores a sua criação. Criada em abril de 2002, pela Portaria nº 926, de 16 de abril de 2002 (Anexo I), a COORDSEG tem sua base administrativa no 2º Quarteirão do Campus Centro. De acordo com o organograma apresentado a seguir, verificamos que a COORDSEG possui seus setores e responsabilidades bem definidas.

Figura 1 – Organograma Operacional e Áreas de Abrangência da COORSEG



Fonte: Coordenadoria de Segurança.

Atualmente, a segurança nos diferentes *campi* da UFRGS é realizada pelos vigilantes do quadro da instituição e por vigilantes de empresa terceirizada, contratada por meio de licitação, especificamente para essa finalidade. Nesse contexto, conforme expresso no *site* da COORDSEG, “a eficácia do trabalho passa pela sinergia das equipes com suas chefias mantendo-se em suas áreas de atuação (Campus Centro, Saúde, Vale, Setor IV e Unidades Descentralizadas), afinados com o serviço terceirizado num único propósito de que devem servir e proteger a Comunidade Universitária e o Patrimônio Público que se encontram dentro de nossa jurisdição, agindo preferencialmente, de forma pró-ativa e investindo nas ações preventivas”.

A inserção do monitoramento eletrônico, ilustrado na figura 2, veio para dar grande incremento na vigilância dos *campi*, corroborou para que determinadas ocorrências, na área de abrangência das câmeras, apresentassem marcas negativas significativas. Logo, é possível auferir que os aparatos tecnológicos potencializaram o poder de ação dos vigilantes, possibilitando que a vigilância do patrimônio público e a segurança da comunidade universitária sejam realizadas de forma eficaz.

Figura 2 – Central de Monitoramento Eletrônico do Campus do Vale



Fonte: Acervo da COORDSEG.

O patrulhamento a cavalo é outra ação incorporada à rotina dos vigilantes. Nesse tipo de vigilância, os servidores percorrem áreas da UFRGS, localizadas no Morro Santana e no Campus do Vale, que veículos automotores dificilmente conseguem acessar. Na figura a seguir, os vigilantes estão prestando segurança ao professor e aos alunos em uma saída de campo no Morro Santana.

Figura 3 – Patrulhamento no Morro Santana



Fonte: Acervo da COORDSEG.

Considerando a possibilidade de tumulto em decorrência da quantidade de candidatos e familiares que se dirigem à UFRGS no dia da divulgação do listão do vestibular, as ações dos vigilantes têm fundamental importância no sentido de manter a ordem e preservar a integridade física das pessoas, como ilustrado na figura a seguir:

Figura 4 – Segurança na Divulgação do Listão do Vestibular



Fonte: Acervo da COORDSEG.

Um dos princípios básicos da segurança é avaliação do local da ocorrência para, logo após, definir as ações a serem utilizadas. Na ocorrência aqui apresentada (figura 5), os vigilantes, além de isolarem a área para remoção dos galhos da árvore, também visam apresentar a segurança como um serviço necessário ao bem-estar da comunidade universitária.

Figura 5 – Atendimento de Ocorrência no Campus do Vale



Fonte: Acervo da COORDSEG.

Por fim, após considerarmos algumas das ações que envolvem o universo dos vigilantes, visando garantir a segurança física da comunidade universitária, bem como a segurança do patrimônio público, cada profissional vigilante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é dotado de larga experiência, além de ser detentor de amplo conhecimento em relação à área e às edificações da Universidade.

1.3 Proposta de Produção Técnica

O preservar do passado está conexo aos valores simbólicos que o presente projeta para o futuro dos elementos vividos significativos para o indivíduo como expressão de grupos (HALBWACHS, 1990). Por isso, como proposta de produção técnica, inspirado na obra do escritor Renato Maciel de Sá Jr. “O Anedotário da Rua da Praia, volume 1”, apresentamos ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais um livro intitulado “O Pitoresco no Imaginário dos Vigilantes da UFRGS” contendo as narrativas acerca dos fatos pitorescos descritos como anedóticos, cômicos, divertidos e engraçados, vivenciados pelos servidores lotados na Coordenadoria de Segurança da UFRGS. Nessa publicação, foram registradas as memórias pitorescas dos servidores, constituindo-se como a rememoração do passado.

Tais memórias, fatos, ou, também, casos pitorescos nada mais são do que a divulgação de fatos que marcaram e que permearam a vida desses servidores, não apenas no cotidiano profissional, mas também vivências de caráter pessoal, acontecidas a partir da data de ingresso na Universidade. Nesse sentido, a publicação também abarcou, além da fotografia dos vigilantes, as imagens de representações de épocas passadas.

Como o propósito da pesquisa não era o estudo linguístico da fala desses servidores, optou-se pela transcrição das narrativas ajustando os erros de português e vícios de linguagem, no entanto preservando os sentidos das falas.

A proposta de pesquisa está ancorada no apoio institucional do coordenador da COORDSEG, visto que a rememoração do passado – por meio dos fatos que ficaram marcados pela sua excentricidade, os quais permitem revivê-lo – por parte dos servidores inseridos naquele setor é de grande relevância para a Instituição. A publicação está composta por 80 páginas de papel couchê brilho 115g, tamanho 16x23, com capa com quatro cores em papel supremo, 250g 60x960, visto que “a cor

é usada para provocar emoção, expressar personalidade e estimular associações” (WHEELER, 2008, p. 118). Em suas diversas tonalidades, as cores permitem um número infinito de combinações, que devem estar relacionadas com a aceitação pelo público e a representatividade da categoria em que a marca está inserida.

1.4 Justificativa

Há 39 anos faço parte do corpo técnico da UFRGS, dos quais por 6 laborei, no início da carreira, na então Seção de Vigilância. Por isso, revisito esse setor até os dias de hoje, onde tenho, além de colegas, bons amigos, em um ambiente que considero agradável e descontraído. É nesse contexto que me sinto motivado para apresentar uma proposição cuja investigação principal será conhecer e descrever os fatos pitorescos vivenciados pelos vigilantes. Acima de tudo, correlacioná-los com temas como memória social, identidade, o cotidiano e o imaginário, conforme descritos no referencial teórico.

O hábito de frequentar aquele setor, quase que diariamente, me fez perceber a necessidade de desenvolver um estudo sobre o assunto. Dessa forma, o interesse por essa investigação parte da premissa de que pretendo contribuir com um material teórico baseado nas narrativas da amostra da pesquisa acerca de fatos alicerçados na memória desses servidores. O material deve possibilitar que novos acadêmicos e o mundo científico acessem informações adicionais para o estudo da identidade, da memória social, individual e coletiva, e do imaginário relacionado ao cotidiano dos atores da pesquisa.

Importante destacar a existência de um hiato acadêmico sobre o tema na UFRGS, o que também motivou o pesquisador a elaborar uma publicação visando o enriquecimento sobre o tema para outros pesquisadores, evidenciando a relevância dessa contribuição no contexto atual. Quanto aos valores do estudo para a instituição, a proposta tem grande significado, já que uma pesquisa tornar-se-á o primeiro trabalho acadêmico com esta temática na universidade.

Outro aspecto se refere à relevância social da investigação, uma vez que, para a comunidade acadêmica desse setor, o registro dos fatos pitorescos permitirá a conservação de tais informações e memórias, que constituíram a base da identidade construída ao longo dos anos.

Além da relevância acadêmica e social, pontuo a significância profissional deste estudo, pois a pesquisa é de extrema importância para o aprendizado do mestrando, já que, realizada de forma embasada, a contribuição aclarou minha¹ capacidade de explorar conteúdos abordados durante as aulas do mestrado e de realizar pesquisas. O presente estudo é um meio que testou, na prática, todo o aprendizado que adquiri ao longo do curso. Em vista dos pontos arrolados nesta justificativa de estudo, torna-se imprescindível a elaboração desta importante contribuição.

1.5 Problema de Pesquisa

Que significados têm as memórias dos servidores da UFRGS lotados na Coordenadoria de Segurança quanto a fatos pitorescos?

1.6 Objetivos

1.6.1 Objetivo Geral

Socializar as narrativas e seus significados quanto à memória dos servidores da COORDSEG referentes a aspectos pitorescos que construíram o seu imaginário.

1.6.2 Objetivos Específicos

- ✓ Apresentar a trajetória da Coordenadoria de Segurança da UFRGS visando à compreensão de seu papel no contexto acadêmico;
- ✓ Construir a memória dos servidores lotados na Coordenadoria de Segurança;
- ✓ Descrever, por meio dos fatos pitorescos, a memória dos servidores da Coordenadoria de Segurança.

¹ Especialmente na Justificativa, optamos por utilizar a primeira pessoa, tendo em vista as informações de cunho pessoal e profissional do mestrando.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo discutir o quadro teórico e conceitual da pesquisa. A partir dos conceitos de memória social, de identidade e do imaginário relacionado ao cotidiano dos atores da pesquisa, realizou-se uma análise das diversas abordagens existentes na literatura e de seus aspectos principais.

Abordagens de memória social, principalmente a partir de Halbwachs e Pollak, contribuíram para a realização e o desenvolvimento desta pesquisa.

Segundo Viana (2006), entre os diversos entendimentos de memória social, está o de que as classes sociais lutam na teoria e na prática pela memória; e, na teoria de Pomian (2000), os conceitos oscilam, desde a memória ser arte de linguagem até ser herança depositária (CAMARGO, 2009). Sobretudo, relacionou-se a memória com relatos (POLLAK, 1992), espaço, tempo (TEDESCO, 2014), grupo e experiências (HALBWACHS, 1990) que resultam na rememoração do passado.

A identidade, que também é relacionada a grupos (BAUMAN, 1998), é o resultado de uma construção ao longo dos anos por cada indivíduo. Desse modo, são assumidas diversas identidades (RODRIGUES, 2017), uma vez que elas são mutáveis e estão em constante transição (HALL, 1992).

E, por fim, saliento a importância do imaginário para a construção de paisagens comuns e diversificadas acerca dos fatos pitorescos vivenciados pelos vigilantes no seu cotidiano, assim como a importância da definição do termo “pitoresco” para as narrativas do presente estudo.

2.1 Memória Social

O estudo da memória foi, e ainda é, desenvolvido por diversos autores de distintas áreas de pesquisa, os quais sempre buscaram, por meio de seus respectivos aportes teóricos, compreendê-la e, acima de tudo, apreendê-la. Porém, o estudo da memória e de sua relação com o social, com a dinâmica da sociedade e a identidade contém lacunas, apesar de a psicologia, a filosofia e até mesmo a sociologia tentarem abordar e incorporar tal aspecto em suas discussões recentes. De acordo com Gondar (2005), enquanto objeto de pesquisa, a memória social não se enquadra e, muito menos, pertence a nenhuma disciplina existente. Mas, segundo ela, há sempre uma

concepção de memória social aplicada na escolha do que conservar e do que interrogar.

Nesse sentido, Viana (2006), ao abordar a memória social, enfatiza um esclarecimento conceitual e empreende uma discussão teórica sobre o tema. O autor ressalta que existe uma luta pela memória, e os principais agentes dessa luta são as classes sociais e os seus representantes intelectuais. As inúmeras abordagens do passado (tanto das representações cotidianas quanto do pensamento complexo) estão envolvidas nesse processo. Mas essa luta não termina aí e ocorre para além disso, em torno da definição de memória e de suas determinações. A luta pela memória, conclui o autor, é, simultaneamente, teórica e prática. A princípio, tinha-se que a memória era algo muito particular e confinado na esfera privada do indivíduo. Assim, o que é selecionado pela memória é, em sua maioria, o que é determinado pelos interesses da classe dominante e suas classes auxiliares, já que ela possui a hegemonia cultural na sociedade civil. As recordações de atos heroicos do passado são retomadas em momentos de lutas e combates, lembrando figuras heroicas, indivíduos, símbolos, utilizando-os a partir dos interesses atuais. Para Camargo (2009), a memória é a depositária da herança das civilizações, dos povos, das castas, das classes sociais, dos agrupamentos e das famílias. Graças a ela, um jovem do século 21 já se desenvolve com uma bagagem de afinidades e de rejeições ou identificações, dirigidas ao antigo, ao passado. Assim, a memória seria uma espécie de acervo cultural dos indivíduos, um patrimônio compartilhável e intersubjetivo próprio.

Entretanto, a exemplo das narrativas deste estudo, Pomian (2000) descreve a memória social como uma arte da linguagem, pois ela ensina a conservar as narrativas e permite que um indivíduo se torne o depositário das recordações daqueles que nunca conheceu ou dos fatos já ocorridos no passado. Na esteira desse pensamento, Pollak (1992) mostra que a memória é um fenômeno construído. As pistas acabam sendo relatos do passado, tendo o passado existido independentemente dessas pistas. Porém, hoje, ele só pode existir por causa dela e de outras. De acordo com Tedesco (2014), a memória é o espaço a partir do qual se produz uma síntese entre o cotidiano e a experiência vivida. Nesse sentido, o cotidiano acaba sendo o espaço por excelência dos materiais de memória. Por isso, a experiência da nossa própria vida passada é apoiada sobre atos racionais em tempo recorrente (RAMPAZI, 2001), como os lugares de memórias nos relatos descritos pelos vigilantes.

É importante destacar, ainda segundo Tedesco (2014), que tempo e espaço são carregados de valores, de símbolos socialmente definidos, os quais são disseminados pelos grupos dos quais os indivíduos participam ao longo de suas vidas. Importante destacar que, para Halbwachs (1990), o tempo de cada indivíduo é proveniente do pertencimento aos grupos, e essa abrangência tonifica o sentimento de coparticipação. Para o autor, o indivíduo necessita de referências, de representações sociais do tempo, de testemunhos, de discurso coletivo que o sustente, de memórias e experiências de outros, de influência social, de narrações, de símbolos compreensíveis e de códigos de percepção comum para poder se guiar no tempo e no espaço e para constituir categorias comuns que consentem conhecer e comunicar tempos passados, recordações singulares e formas grupais de memória. Embora haja diversas críticas a respeito da teoria de Halbwachs e suas considerações sobre memória social, esse autor tem grande relevância na literatura a respeito desse assunto. Dessa maneira, cabe mencionar o fato de que Maurice Halbwachs é o fundador dos estudos sobre a memória na área das ciências sociais, concebendo-a como um fenômeno inteiramente coletivo. Os seus estudos estão centrados nas condições sociais da memória, tentando traçar uma ponte entre a psicologia e a sociologia (WEBER; PEREIRA, 2010).

No esquema analítico de Halbwachs (1990), o preservar do passado está conexo aos valores simbólicos que o presente projeta para o futuro dos elementos vividos significativos para o indivíduo como expressão de grupos. Assim, só é possível ao sujeito construir e acessar lembranças na condição de membro de um conjunto ou totalidade que o ultrapassa. Para reforçar a teoria do autor, na maioria das narrativas existe um testemunho, pois para Halbwachs o indivíduo isolado não forma lembranças, ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para alimentá-las e formatá-las. Logo, as memórias individuais acabam se formando a partir da relação com o outro. Para o autor, é necessário haver um mínimo de concordância entre as lembranças dos indivíduos para que elas possam se complementar, formando, então, um patrimônio comum de recordações. Como conclusão, a memória tem um caráter relacional, formando-se na interação entre os indivíduos (RIOS, 2013). O ato de compartilhar memórias contribui para o desenvolvimento de uma “comunidade de sentimentos”. Por meio da memória, “o grupo lança suas raízes no passado, assentando suas origens num momento distante e, muitas vezes, mítico” (HALBWACHS, 1990, p. 41).

Essas memórias, por sua vez, são objetivadas no espaço, conferindo materialidade e estabilidade ao modo de vida do grupo. Para o autor, a memória não diz respeito simplesmente a uma experiência iniciada e concluída no passado, mas sim a algo que permanece vivo, animando os pensamentos e as ações dos indivíduos e dos grupos no presente. Para Halbwachs (2006), a duração de uma memória está limitada à duração da memória do grupo. Isso significa dizer que há necessidade de preservação de elos entre os integrantes de um grupo para que a sua memória permaneça. Portanto, é a partir dos estudos por ele realizados que se pensa em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo esse autor, “as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Para expressar o processo de memória, a linguagem que utilizamos é fundamental. A linguagem oferece possibilidades várias, criando palavras, e, em cada época da história, algumas delas adquirem um prestígio especial. Além disso, de acordo com Alcoforado (2008, p. 4), a linguagem é responsável pela “carga emotiva que está por trás dos gestos do personagem dando a ideia aproximada da dramaticidade da cena”.

Deste modo, as narrativas registraram, de forma breve, os fatos pitorescos vivenciados pelos servidores da Coordenadoria de Segurança da UFRGS - COORDSEG, relacionando-se, para tanto, com a rememoração do passado. Tais histórias ou, também, casos pitorescos, nada mais são do que a divulgação de fatos que marcaram e que permearam a rotina desses servidores ao longo de sua vida, a partir do seu ingresso na universidade. As histórias pitorescas permitem que fatos vividos sejam rememorados, recontados e revividos, possibilitando, não apenas transmitir aquilo que foi sentido, como também, demonstrar a experiência pela qual alguém passou. Assim, é possível dizer, inclusive, que tais histórias são dotadas de um valor simbólico, cultural e social, uma vez que sua lembrança representa momentos de uma dada época, histórica ou não, mas que são representativos de um grupo social que os vivenciou. No contexto da teoria de Halbwachs (2006), há destaque para o que ele denomina quadros sociais da memória. Estes, por sua vez, não são simples formas vazias, nas quais as recordações, vindas de fora, inserem-se, mas os quadros são, ao contrário, os instrumentos dos quais a memória coletiva se serve para recompor uma imagem do passado que, em cada época, está em acordo

com os pensamentos dominantes da sociedade. Funcionam como pontos de referência para a construção subjetiva de lembranças. Eles determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado pelos indivíduos. Tão importante quanto conseguir memorizar é conseguir esquecer. O esquecimento acontece porque somos bombardeados com incontáveis estímulos o tempo inteiro, muitos dos quais são irrelevantes. Por isso, selecionamos as informações mais importantes para serem arquivadas em nossa memória (MOURÃO; ABRAMOV, 2011, p. 786). Este pensamento dialoga perfeitamente com o que coloca Halbwachs (1990, P. 32), “permanência do apego afetivo a uma comunidade dá consistência as lembranças. Em contrapartida, o desapego está ligado ao esquecimento. “Esquecer um período da sua vida” “é perder contato com aqueles que nos rodearam”.

Na esteira desse pensamento Schmidt e Mahfoud (1993, p. 5) corroboram com a teoria de Halbwachs ao dizer: “no desapego não há reconhecimento, não há lembrança”.

A contextualização realizada pelos quadros sociais inclui, ainda, a padronização social do tempo e do espaço, dimensões fundamentais da experiência humana.

Além disso, a memória é constituída por uma dimensão dinâmica, um esforço de significação, não só de seleção, mas de reinterpretação sucessiva do passado. Nos escritos de Bohleber (2007), há destaque para as narrativas de Odilon e Mozarte, pois, segundo o autor as memórias traumáticas desenvolvem uma dinâmica própria, não sendo passíveis de uma adaptação através de ligações associativas com base em novas experiências ou por meio de recalçamento. Portanto, a imagem que o indivíduo tem de si mesmo é o produto da sua experiência social. Compreender as histórias pitorescas como aquelas que trouxeram fatos que ficaram marcados pela sua excentricidade permite que o passado seja rememorado, justamente porque chamou a atenção por conta de sua particularidade.

Assim, tal história permite que uma memória do passado possa se tornar ou não um marco para um determinado grupo social, seja por possuir certa capacidade de entreter ou por ter sua essência própria que remete a coisas acontecidas de forma diferente. Por fim, pode-se dizer que a linguagem é o maior dom que o homem possui. Porém, seus traços denotam ambivalência, podendo ser tanto difusora da verdade quanto propagadora da mentira. A linguagem oferece possibilidades para, em comum,

descobrir a verdade e, também, transmitir fatos contidos na memória e no processo de rememoração do passado. (QUINTÁS, 2009).

2.2 Memória Institucional

Para que se possa adentrar no tema relacionado à memória institucional, consideramos a necessidade de realizar uma pesquisa quanto aos conceitos relacionados à memória organizacional e à memória institucional, que, por vezes, são utilizados como sinônimos. Dessa forma, autores como Costa et al. (2013) manifestam a necessidade da diferenciação entre os conceitos e fazem a distinção dos termos, atribuindo à memória organizacional a responsabilidade de procedimentos relacionados à eficácia e à estratégia da organização utilizando o “conjunto de meios, através dos quais o conhecimento do passado é recuperado em atividades do presente” (COSTA et al., 2013, p. 212). Todavia, a memória institucional se manifesta pela sua função normatizadora, que delimita regras fundamentais de uma organização. Nas palavras de Rueda, Freitas e Valls (2011, p. 7), é uma “estrutura decorrente de necessidades sociais básicas, com caráter de relativa permanência, identificável pelos valores de seus códigos de conduta, alguns deles expressos em leis”, atribuindo significado idêntico à instituição. Nesse sentido, a publicação deste estudo se baseia no que Costa et al. (2013, p. 108) descreve como “um instrumento legal de reprodução das relações sociais [...] que regem o funcionamento de uma determinada sociedade ou organização”. De acordo com Thiesen (2013, p. 87),

as instituições lembram e esquecem. No âmbito da memória institucional, lembrar e esquecer constituem dois momentos de um único e mesmo movimento. Para que determinadas lembranças aflorem é necessário que outras fiquem adormecidas, contidas, silenciadas ou mesmo esquecidas. A memória é seletiva. A instituição, na medida em que retém o que interessa a sua reprodução, também trabalha por seleção.

Nesse sentido, Vitoriano (2011, p. 99) pondera que a memória de uma instituição “[...] é a representação, ou o conjunto de representações, que o grupo faz do passado dessa organização, a partir de elementos disponíveis para isso”. A narrativa histórica é responsável pelo alicerçamento dos valores da empresa. É ele que indica o entendimento do presente – para o indivíduo e para a organização. A história de uma organização é uma narrativa individual, social ou organizacional,

estruturada com base em memórias individuais, sociais ou organizacionais. Assim, ela é uma narrativa possível entre muitas outras narrativas. O fundamental é entender que essa construção é alicerçada naquilo que foi ou é interessante para cada indivíduo, grupo ou organização. Assim, constitui a memória (NASSAR, 2012). Portanto, de acordo com Ribeiro e Barbosa (2005, p. 106), as instituições “buscam através de uma história e de uma memória, construir uma identidade institucional, produzindo a partir desse movimento a sua própria legitimação”, por isso ressaltamos a importância da produção técnica para a constituição da identidade da Universidade.

De acordo com Costa (1997, p. 9), “a memória institucional é um permanente jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas. O instituído e o instituinte – as duas faces da instituição – fazem suas jogadas na dinâmica das relações sociais”. Sendo que, no processo de memória institucional, o indivíduo é sujeito e objeto do processo instituído por meio das relações sociais.

Dito de outra forma, Matos (2004, p. 59) salienta que “[...] a memória não só se constitui como elemento cultural de profunda legitimidade, como, também, é indispensável à renovação permanente da própria cultura”. Para Puhl e Araújo (2012), a construção e socialização da memória é um processo dinâmico e ativo, e se alimenta da troca de recordações pessoais e institucionais que operam como suporte para difundir as informações que alimentam a memória coletiva. A memória das instituições é importante para a sociedade, pois está ligada à memória social. Desse modo, o conhecimento das lembranças dos eventos e das pessoas é importante para reconstrução de sua trajetória perante a sociedade. Assim, as lembranças dos fatos pitorescos vivenciados pelos servidores lotados na COORDSEG são constituintes dessa memória. A memória institucional é um meio de comunicação com a sociedade e, como parte integrante dela, tem um papel fundamental na formação da memória social. Sob essa perspectiva, Costa (1997, p. 145) relata que:

[...] a memória é um elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição. Tendo em vista que as instituições funcionam em rede no campo social, o limite de uma instituição é outra instituição.

A memória institucional, por sua vez, nada mais é do que uma memória coletiva que assevera características identitárias a determinada instituição e a seus membros,

criando em seus integrantes uma relação que os identifica perante a sociedade e consolida os valores que regulam sua conduta.

Eu seu estudo, Barbosa (2013) considera que, por intermédio de ações, as organizações reforçam sua imagem e marcam seu legado na sociedade, refletindo assim, nas questões de sentimento de identidade, pertencimento e legitimação no ambiente social. Após todas as abordagens relacionadas à memória institucional, compartilha-se do entendimento de Barbosa, quando declara que:

A Memória Institucional consiste em uma (re)construção de fatos e acontecimentos significativos da trajetória e das experiências da organização, selecionados e (re)organizados com o objetivo de estimular o processo de (re)construção de uma identidade comum entre esta e seus públicos de interesse (BARBOSA, 2010, p. 11).

Ademais, Barbosa (2010, p. 12) ressalta que “[...] memória institucional consiste em uma (re)construção de fatos e acontecimentos significativos da trajetória e das experiências da organização, selecionados e (re)organizados com o objetivo de estimular o processo de (re)construção de uma identidade comum”; e Rezende (2015) complementa declarando que a memória institucional pode e deve ser concebida como um meio eficaz para a preservação da informação com vistas à gestão institucional.

2.3 Identidade

A construção da identidade se compõe e se transforma ao longo da existência do indivíduo e é o resultado de processos vividos no cotidiano. Para Bauman (1998), a identidade deve ser entendida como uma realização, um produto de conquista na (inter)relação entre grupos diferenciados.

Reflexões sobre o significado de identidade social (seja individual, seja coletiva) tornaram-se indispensáveis para explicar as relações humanas na contemporaneidade. O sentido delas indica a importância da discussão sobre pertencer culturalmente a uma coletividade e como esse sentimento define os sujeitos, sendo estes socialmente localizados e integrados a um dado contexto espaço-temporal.

Não obstante, segundo Rodrigues (2017), somos portadores de várias identidades, e cada indivíduo possui uma identidade composta de muitas afiliações e pertencças (MAALOUF, 2003), o que significa dizer que cada vigilante é dotado por um conjunto de identidades. A diversidade de raças, cores, etnias, classes sociais, entre outros, explica o fato de a identidade ser denominada identidade cultural/social e, portanto, coletiva. Segundo Hall (1992), a identidade pode ser mutável, pois é sempre resultado transitório de processos de identificação. Identidades são, portanto, identificações em curso.

No entanto, para França (2002), é necessário notar que a noção de identidade é um construto com alguns elementos de sustentação, os quais incluem discursos, objetos e práticas simbólicas que definem a posição dos sujeitos no mundo. Além disso, ela é capaz de demarcar nosso lugar em relação ao outro. Nesse sentido, argumenta o autor, ao fazer isso, a identidade também marca e estabelece uma posição, o lugar que efetivamente construímos e no qual nos inserimos. De outra forma, Hall expressa:

Nossas identidades poderiam provavelmente ser melhor conceituadas como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e particularmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 1997, p. 26-27).

A esse respeito, Silveira (2010) afirma que possuir uma identidade não mais significa se inserir primordialmente em um núcleo imutável e atemporal que liga o passado ao presente, e este ao futuro. Para o autor, na contemporaneidade, a identidade social é um discurso em permanente processo de elaboração. Caracteriza-se mais como uma produção que nunca se completa, formada e transformada no interior das representações. Estas, por sua vez, são forjadas pelo prisma da multiplicidade e, principalmente, pelas práticas simbólicas que nos posicionam no mundo.

Nesse contexto, os sujeitos, por meio de seus posicionamentos, acabam assumindo identidades múltiplas nos diversos momentos e espaços nos quais sua história de vida adquire sentido e encontra ressonância. A própria noção de sujeito, atualmente, encontra amparo na noção de “pós-modernidade”, a qual reflete fragmentação. Assim, o sujeito acaba sendo dotado de identidades múltiplas e

contraditórias, resultado das mudanças estruturais, institucionais e de valores da sociedade contemporânea (GUIMARÃES *et al.*, 2002).

Todavia, segundo Silveira (2010), é a partir das táticas e das estratégias que são usadas para interiorizar, significar e exteriorizar um determinado referencial simbólico, que acabam sendo definidos os sujeitos. Somente o sujeito é capaz de assimilar e transformar o mundo com o qual ele mesmo interage. Isso quer dizer que a identidade emerge, não tanto de um centro interior, mas do diálogo entre os conceitos, definições e práticas que são representadas para os sujeitos pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por esses significados.

Nessa senda, Hall (1997) observa que a identidade social pode ser mais bem-conceituada como as sedimentações, através do tempo, daquelas diferentes identificações ou posições que os indivíduos adotam e procuram “viver”. Isso tudo seria ocasionado por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e particulares. Assim, as identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Dessa forma, um entendimento muito esclarecedor advém de Silveira (2010), que coloca que o grande conflito que enfrenta o homem moderno diz respeito à capacidade de construir laços de sociabilidade que liguem sua história individual à história do grupo ao qual se insere. Isso, por sua vez, configuraria formas de interações que encontrariam ressonâncias na vida social. Portanto, a partir da noção de identidade social estaria a ideia de inclusão de táticas e estratégias das quais o homem moderno poderia lançar mão para acessar referenciais simbólicos que lhe permitissem formular uma imagem de si e da cultura na qual está imerso.

Assim, em seu conjunto, esses referenciais são produzidos, preservados e compartilhados por inúmeras esferas da vida social – a família, a escola, a igreja, os sindicatos, o trabalho, entre outras – por meio das práticas culturais que lhes caracterizam. Aliada a isso, e por ser uma atividade ligada à reconstrução do vivido (individual ou coletivo), a memória certamente se encontra em posição de destaque nesse jogo de trocas simbólicas (SILVEIRA, 2010).

A esse respeito, Halbwachs (2006) salienta que a identidade se faz aos poucos, com base na experiência vivenciada, memorizada, retida anteriormente. Nesse sentido, a memória é o componente essencial para a identidade do indivíduo e para sua integração social. A memória individual de cada vigilante, por exemplo, carrega dentro de si os conceitos de uma coletividade, e o indivíduo, de certo modo, vê-se

preso a lembranças dentro de um construto que pode não ser adequado a si. Por outro lado, ela contribui para a construção de uma memória coletiva. A memória coletiva, por sua vez, é de suma importância para a formação de qualquer estrutura social, é ela que carrega ideias e valores conseguidos ao longo de um percurso histórico e que, a partir da individualidade, pode ser repassada e apreendida por uma dada sociedade. Halbwachs (2013) esclarece que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Desse modo, a memória coletiva estaria, de certa maneira, ligada à influência do grupo social ao qual o indivíduo pertence.

Enquanto construção identitária, o indivíduo é incorporado a uma estrutura social. Segundo Bourdieu (2007), ao incorporar essa estrutura, o indivíduo a legitima e a reproduz a partir de três conceitos: campo, *habitus* e capital. O campo representaria, para o autor, o espaço simbólico em que os confrontos legitimariam as representações. Esse poder simbólico permitiria classificar os símbolos de acordo com a existência ou ausência de códigos de valores. Enquanto isso, o *habitus* seria a capacidade, presente nos indivíduos, de incorporar sentimentos, pensamentos e ações a uma determinada estrutura social. Por último, o autor defende que o capital representaria o acúmulo de forças que o indivíduo poderia alcançar dentro de um campo.

Na análise de Bourdieu (2007), os julgamentos de gostos e de preferências não são o reflexo da estrutura social a que o indivíduo pertença, mas um meio de afirmar ou até mesmo de conformar uma vinculação social. Esse fator determinaria, por exemplo, que as condições de participação social basear-se-iam na herança social. Isso permitiria considerar, portanto, que a arte e o consumo artístico, segundo o autor, estariam predispostos a desempenhar, independentemente das vontades e do saber existentes, uma função social de legitimação das diferenças sociais.

Sob o ponto de vista de Becker (2008), regras, desvios e rótulos são construídos em processos políticos, nos quais determinados grupos sociais possuem maior imposição sobre os demais. Segundo o autor, o desvio é definido com base na imposição de julgamento desses grupos; portanto, “não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete o ato e aquelas que reagem a ele” (BECKER, 2008, p. 27).

Buscando delinear o conceito do autor, é indispensável partir da premissa de que o desviante é aquele que se diferencia da média comum das outras pessoas; em termos generalistas, o desviante é “diferente” dos modelos convencionais da sociedade. Dessa forma, Becker salienta que “desviante é tudo que varia excessivamente com relação à média” (BECKER, 2008, p.18).

Segundo Moura (2009), sociedades complexas são sempre compostas por diversos grupos, imposições de regras e rotulações de atos e pessoas; elas envolvem também conflitos e divergências acerca de definições, o que Becker (2008, p. 15) consideraria como “aquele que infringe a regra pode pensar que seus juízes são *outsiders*”.

Indispensáveis para o entendimento de forma compreensiva as afirmações de Howard S. Becker:

Regras formais, impostas por algum grupo especialmente constituído, podem diferir daquelas de fato consideradas apropriadas pela maioria das pessoas. Facções de um grupo podem discordar quanto ao que chamei de regras operantes efetivas. Mais importante para o estudo do comportamento de hábito rotulado como desviante, as perspectivas das pessoas que se envolvem são provavelmente muito diferentes das visões daqueles que condenam. Nessa última situação, uma pessoa pode sentir que está sendo julgada segundo normas para cuja criação não contribuiu e que não aceita, normal que lhe são impostas por *outsiders*. (BECKER, 2008, p. 28).

Além disso, Becker também destaca que alguns desviantes constituem sua vida, estruturam sua identidade em torno do desvio, ou seja, utilizam o desvio como modo de viver. Enfatiza que o indivíduo aprende a participar de uma subcultura organizada em torno da atividade desviante própria (BECKER, 2008).

Ademais, cumpre salientar que, em seus estudos, Becker (2008) pondera que o processo de construção de padrões estáveis desviantes motivados pela rotulação disseminada, isto é, a experiência de ser rotulado publicamente como desviante, resulta em consequências consideráveis para a pessoa que adota a identidade desviante. Nesse sentido, Becker salienta que:

Em qualquer dos casos, ser apanhado e marcado como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e a autoimagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. Cometer um ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou-se um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de “bicha”, “viciado”, “maluco” ou “doido” e tratado como tal. (BECKER, 2008, p. 42).

Nos seus escritos cristalinos, Becker (2008) observa que a influência da reação pública é experimentada de forma incondicional por parte daquele que realiza uma conduta desviante. Todavia, o indivíduo rotulado como desviante expõe a ameaça de sempre ser tratado dessa maneira e, por conseguinte, poderá se tornar indesejado nos demais aspectos da vida cotidiana, sendo identificado como desviante antes que qualquer reconhecimento possa ser manifestado, sendo este o que predominará. Assim, a identidade construída pelo desvio revela-se dominante.

Todavia, segundo Goffman (1999), a vida social pode ser entendida como um palco no qual se encenam diferentes papéis sociais; desse modo, o indivíduo, dependendo das circunstâncias em que se apresenta, não será o mesmo, desempenhando, entre outros aspectos, trejeitos e até mesmo vocabulários específicos. O autor parte do pressuposto de que uma interação é estabelecida de acordo com uma definição prévia de hierarquias, papéis e expectativas envolvidas em cada encontro. A partir dos estudos de Goffman (1985), podemos perceber que todos nós somos intérpretes que manipulamos a emissão de gestos e de ações com intencionalidade e por influência do meio social.

Além disso, Goffman (1985) empregou na sua ótica de interação a metáfora da teatralização, ou seja, efetuou a correlação do teatro para diferenciar os espaços de interação entre palco e bastidores. No palco, as pessoas reiteradamente engendram e orquestram gesticulações, de modo a trazer à tona reações almejadas por outros – reações que asseveram sua autoimagem e que constituem as imposições normativas da situação. Nos bastidores, possibilitam alguma privacidade com companheiros que compartilham as dificuldades de subir ao palco, já que, sem os bastidores, a vida seria conturbada e, sem o palco, a organização social seria problemática.

Para isso, entre os indivíduos é negociado e também compreendido o que precisa ser definido em uma determinada interação; a partir dessa definição, o indivíduo passa à apresentação do seu EU (*self*), em relação às impressões anteriormente estabelecidas, com vistas a alcançar objetivos formulados previamente, de maneira consciente ou não. Desse modo, cada interação social se estabelece de acordo com os “atores”, a “plateia” e as expectativas estabelecidas entre eles.

Nessa senda, Goffman (1999) enfatiza que, a partir do momento em que realizamos a representação de nós mesmos para o outro, sempre tentamos parecer melhores do que somos; é o princípio da idealização que se efetiva: “[...] um ator cuida de dissimular ou desprezar as atividades, fatos e motivos incompatíveis com a versão

idealizada de sua pessoa e de suas realizações” (GOFFMAN, 1999, p. 51). Nesse sentido, o autor salienta:

O “eu”, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado (GOFFMAN, 1999, p. 231).

Salutares para a compreensão de forma cristalina as palavras de Goffman:

O indivíduo que se apresenta como personagem será considerado o que é: geralmente, um ator solitário, ocupado em uma frenética atividade para pôr em cena sua representação. Detrás das múltiplas máscaras e dos distintos personagens, cada ator tende a ter um só aspecto, um aspecto desvelado, não socializado: o aspecto de alguém que está ocupado em um objetivo difícil e traiçoeiro (GOFFMAN, 1996, p. 170).

Conforme salienta Goffman (1996, p. 41), “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo”.

A identidade, como já demonstrado, perpassa por um construto social, no qual o indivíduo pode não somente sofrer a influência de um grupo, como também a assimilação de diversas identidades associadas a diferentes situações presentes ao longo da sua vida. Essa construção identitária, no entanto, também pode estar correlacionada ao que Halbwachs (2013) considera como memória individual e coletiva. Segundo o autor, a memória individual existe enraizada dentro de quadros sociais, ligada às representações coletivas estabelecidas por grupos sociais. As lembranças seriam, portanto, frutos desses esquemas ou quadros adquiridos na convivência social (família, grupo profissional, classe social). Para maior compreensão, observamos a relação social entre os narradores e as testemunhas das experiências pela qual cada vigilante vivenciou. Assim, é possível concluir que os vigilantes pertencem a um grupo social em comum e desfrutam de representações coletivas formadas pelo próprio grupo.

Os conceitos de incorporação à estrutura social (Bourdieu), desvios (Becker) e *performance* (Goffman) são importantíssimos nos estudos sociais. Todo indivíduo partirá de uma coletividade, que carrega em si outras vozes predefinidas, mas que

podem ser recusadas ou reformuladas, uma vez que fazem parte do ser humano a reformulação de conceitos e a adaptação a eles. No entanto, nenhum, de fato, poderá fugir dessa totalidade social. É por isso que muitas construções são difíceis de serem revistas até mesmo na sociedade atual, pois fazem parte de todo um quadro alicerçado em diferentes valores, ao passar dos anos. Para que haja reformulação, esse quadro precisa ser, em parte, desconstruído.

2.4 Memória Social e Identidade

Existe uma importante consideração a se fazer entre as ideias de memória e identidade social. Inicialmente, considera-se que a memória é essencialmente um processo de elaboração e reelaboração da experiência de vida humana, a partir do reconhecimento de uma lembrança. Tal dinâmica só é possível por meio do contato com a realidade presente, já que o indivíduo usa conhecimentos acumulados para lidar com situações novas, que se encontram unidas a novas lembranças. Estas, por sua vez, estão associadas à maneira de pensar de tantos outros que fizeram e que ainda fazem parte da história de tal sujeito.

Sabendo que a memória não é apenas uma evocação literal do passado, mas sim uma reaproximação/recriação do vivido, deve-se considerar que ela está presente em tudo e em todos. Nesse sentido, os vigilantes são tudo aquilo que lembram, isto é, a memória que têm. Além disso, a memória não se limita ao pensamento, à imaginação ou à construção social. Seus sentidos também definem uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente. Sendo assim, é capaz de ser objetivada em representações, rituais, textos e comemorações (SANTOS, 2003).

Outro ponto a ser salientado é que a memória está ligada, primordialmente, a um conjunto de funções psíquicas que permitem ao homem atualizar impressões ou informações passadas. Porém, como excede a mente humana, a memória também se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que circulam na esfera do social, podendo configurar-se, assim, em construto coletivo resultante da interação entre indivíduos no presente. Logo, partindo da noção de que a memória é uma faculdade estruturada por indivíduos em interação constante, que são a um só tempo constituídos e constituintes de sua história, é possível dizer que a preservação e o acesso às ferramentas da mente se convertem em táticas e estratégias poderosas

para que o homem moderno fundamente seus referenciais identitários (SILVEIRA, 2010). O que se quer dizer é que, para poder evocar as experiências do passado que respaldam as ações no presente, cada narrador utiliza como ponto de referência as lembranças. Estas têm a função de nortear seus feitos por intermédio de elementos que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. São, assim, construções discursivas resultantes da atividade inter-relacional dos sujeitos, e entre eles e as coisas no presente.

Nesse contexto, o homem elabora suas memórias de duas maneiras: individual e coletivamente. A partir de uma perspectiva individual, pode-se dizer que decorre dos acontecimentos vividos e interpretados subjetivamente. Coletivamente, ocorre por meio da constatação de que todo sujeito compartilha, com o grupo ao qual pertence, acontecimentos e situações que se configuram como experiências fundamentais para a constituição do quadro de referências no qual os contornos de sua memória se assentam. É dessa forma que as ideias de memória e identidade social se encontram e se entrelaçam: os laços de sociabilidade que ligam a história individual, de cada narrador e testemunho, à história do grupo ao qual o indivíduo se insere são fundamentais para criar sua identidade social e construção da memória. Nesse processo, a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. “A memória se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9).

Em seus escritos, Pollak (1992) observa que há uma ligação curta entre memória e identidade e que o sentimento de identidade é o mais superficial quando referente ao sentido da imagem de si para si e é a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria. A imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992). Ainda, segundo o autor, o sentimento de coerência leva diferentes elementos que formam um indivíduo a serem efetivamente unificados. Desse modo, é importante ressaltar que, se houver forte ruptura desse sentimento de continuidade, podem ser observados fenômenos patológicos. Por isso, é dito que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

Alguns autores compreendem a memória como processos sociais e históricos, de expressões, de narrativas de fatos, de coisas vividas que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo (CRUZ, 1993). Nessa esteira, segundo Halbwachs (1992, p. 38), “a identidade reflete todo o investimento que um grupo faz, ao longo do tempo, na construção da memória”. Por isso pode-se afirmar que a memória coletiva é a base da construção da identidade. Isso é o que garante a continuidade histórica, ou seja, a rememoração do passado, do grupo.

2.5 Cotidiano

Inicialmente, saliento que a sociologia pode ser relacionada e estudada pelas experiências individuais e sociais na vida cotidiana. Os espaços sociais, presentes na vida cotidiana de uma sociedade, apresentam um cenário para observações e reflexões. Nesse sentido, Pais (2003, p. 27) pondera que somos “desafiados o tempo todo a imaginar, a descobrir e a construir a realidade que se observa”. Segundo ressalta Stecanela (2008), a vida cotidiana pode proporcionar o conhecimento para a realidade. Já Pais (2003) salienta que é preciso explorar o cotidiano como um campo de produção imaginário, pois, segundo aponta Leite e Vasconcellos (2006), alguns estudiosos da sociologia indicaram que muitas práticas do ser humano são constituídas por hábitos construídos na rotina cultural e nas ações diárias.

Importante contribuição advém de Bergson (1999). O autor enfatiza as lembranças, as imagens e a percepção:

Sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam [...]. Ela não negligenciaria nenhum detalhe: atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural (BERGSON, 1999, p. 62).

A memória (passado) e a vida cotidiana (presente) andam juntas no processo de construção de sentidos que os sujeitos conferem ao mundo e às suas condições de vida (LOBO, 1992).

Nesse mesmo pensamento, é possível relacionar com o conceito de cotidiano a ideia de presente, daquilo que acontece todos os dias e que implica rotina de repetição.

Nessa esteira, Spink (1996) destaca que fica cada vez mais evidente que o dia a dia, o cotidiano mundano, não é um vazão de restos aleatoriamente espalhados pelo chão, mas, ao contrário, é um lugar onde a gente se reconhece como gente no sentido comunicativo. Pais (2003, p. 29) salienta que, “ao passear por caminhos que cruzam a rotina e a ruptura, a sociologia do cotidiano peneira a paisagem social em busca dos significantes mais do que dos significados”. No caminho, mantém-se aberta a tudo que acontece, mesmo quando, aparentemente, nada ocorre. Para Pais (2003, p. 31), “o verdadeiro desafio que se coloca à sociologia do cotidiano é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da “aparente” rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica”. Schutz (1974) identifica o indivíduo como construtor do seu próprio mundo, arquitetando sua vida cotidiana, e o senso comum é o recurso cognitivo que estabelece a relação e as ações do cotidiano, compartilhando suas experiências cheias de significados. Essa relação com o outro viabiliza a experiência e, conseqüentemente, as experiências cotidianas que não são privadas, particulares, e sim compartilhadas e construídas a partir de relações com diferentes atores por meio da comunicação. Portanto, as ações na vida cotidiana só têm sentido em relação às ações dos demais. Desenvolvem procedimentos de ajustes para que a experiência de um seja assimilada pelo outro, a partir de processos de comunicação e interação; dessa forma, elabora-se uma realidade que se pode compartilhar criando uma vivência comum, entendida por todos aqueles que convivem no mesmo espaço social.

Nesse contexto, as narrativas aqui descritas se tornam alavanca para o conhecimento do cotidiano. Para Melucci (2005, p. 22), “as palavras permanecem como matéria-prima. A palavra é o instrumento através do qual a narração descreve e analisa o vivido, o percebido e o concebido”. “Da mesma forma que o dizer não apenas desvenda como oculta, o silêncio também revela no que aparentemente encobre” (PAIS, 2003, p. 25).

Em suas palavras, Stecanella (2008) reforça que as práticas sociais cotidianas são produtoras de estrutura social e ressalta como uma influência a outra, pois, ao se exaltar os detalhes em uma narrativa, é possível revelar as estruturas sociais, permitindo recompor o todo, por meio das partes. Nesse sentido, é possível interpretar

que os sujeitos constroem e partilham sentidos sobre a realidade vivida, não apenas com a finalidade de interpretá-la, mas também de transformá-la. Tais sentidos expressam as suas identidades sociais e culturais, mas não são abstrações puras porque, tanto são gerados quanto se integram às suas experiências e práticas cotidianas, refletindo e constituindo reflexos da estrutura social, da ideologia e da cultura que as sustentam. Portanto, o seu sentido está inscrito não somente nas estruturas cognitivas de quem lembra, mas também no conjunto de códigos, valores e normas que informam determinada estrutura social e nos sujeitos que delas participam. A nitidez do seu conteúdo não se relaciona apenas a um vigilante que recorda, mas à experiência social do seu grupo de referência, do mesmo modo que o conteúdo das lembranças, por sua vez, relaciona-se com os interesses sociais que com elas estão relacionados.

Dessa forma, o cotidiano que, no senso comum, tem um sentido muito associado à repetição, é composto, em seu desenho geral, por eventos assemelhados, porém não idênticos. Nas palavras de Teixeira (1990, p. 103),

A vida cotidiana se compõe de microatitudes, de criações minúsculas, de situações pontuais e totalmente efêmeras. É, *stricto sensu*, uma trama feita de fios minúsculos estreitamente tecidos, onde, cada um, em particular, é exatamente insignificante. Mas é exatamente essa insignificância que constitui a força e garante a permanência da vida cotidiana. A existência cotidiana é ruídos, polissêmica, constituída de sombras e luzes, em uma palavra, é feita por um homem ao mesmo tempo “*sapiens*” e “*demens*”.

Nessa esteira, há que se destacar as palavras de Melucci, quando salienta que:

As experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos (MELUCCI, 2004, p. 13).

O autor defende a ideia de que as tendências que emergem no âmbito da cultura e da ação devam ser compreendidas de forma a entrelaçar as experiências individuais na vida diária com a estrutura social (MELUCCI, 1997). Ainda segundo o autor, é nas temporalidades da vida cotidiana que “os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites da ação” (MELUCCI, 2005, p. 29).

Nesse sentido, Certeau faz uma observação dizendo que “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer”. São feitura de espaço (CERTEAU, 1994, p. 207).

A esse respeito, Maffesoli (2012) considera que o imaginário e o cotidiano estão intrinsecamente ligados no espírito da contemporaneidade. Segundo o autor, pode-se falar nesses dois termos como caracteres essenciais pelos quais a sociedade pode ser reconhecível entre os diferentes momentos da história. De acordo com o autor, pode-se compreender o cotidiano como “[...] o substrato, o solo sobre o qual cresce uma maneira de estar junto, que é a sociedade. Quanto ao imaginário, ele poderia ser esse céu das ideias que, de uma forma um pouco misteriosa, garante a coesão do conjunto social” (MAFFESOLI, 2012, p. 106).

Para dar conta da interpretação do social, é preciso encontrar um *modus operandi* que permita ir além do domínio da abstração, passando para o da imaginação e do sentimento, aliando o inteligível ao sensível. Como aponta Maffesoli,

[...] sabendo integrar, de um ponto de vista epistemológico, a experiência sensível espontânea que é a marca da vida cotidiana, a progressão intelectual poderá, assim, reencontrar a interação da sensibilidade e da espiritualidade, própria, por exemplo, ao barroco, e assim alcançar, através da aparência, a profundidade das maneiras de ser e dos modos de vida pós-modernos que, de múltiplas maneiras, põem em jogo estados emocionais e “apetites” passionais que repousam, largamente, sobre a iluminação dos sentidos (MAFFESOLI, 1998, p. 196).

É salutar ressaltar que os relatos do cotidiano dos vigilantes são objetos muito afeitos ao interesse dos fatos vivenciados e têm como principal objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17).

2.6 Imaginário

Início este capítulo com uma interrogação: de que forma se dá o imaginário no cotidiano dos vigilantes da COORDSEG? Partindo dessa questão, será abordado este, que não é um tema inédito. No entanto, o imaginário do qual pretendo me servir e ao qual me refiro é um campo intangível e definido de diferentes formas dentro da pluralidade do pensamento humano. Os autores citados nesta pesquisa procuram definir o conceito de *imaginário*, revelam, em certos casos, ter significados diferentes

para cada pessoa e, podem ainda, ser entendidos sob diferentes pontos de vista, dependendo do contexto em que se inserem. A expressão imaginário no latim se grafa *imaginariu* e significa: imaginação que se compõe por imagens mentais daquilo que a mente (consciência) representa sobre objetos ausentes, isto é, a capacidade que todos têm de inventar, criar. Na teoria de (SILVA, 2006, p. 11) o imaginário funciona como catalizador, estimulador e estruturador dos limites das práticas. Desse modo, o imaginário é responsável pela união das representações mentais feitas, definindo-se como espaço no qual se localiza a imaginação. Nessa esteira, Postic (1993) busca conceituar o imaginário. Para esse autor, a imaginação é um processo, e o imaginário, seu produto. Ressalto dentre as suas afirmações: “[...] imaginar é uma atividade de reconstrução, até de transformação do real, em função dos significados que damos aos acontecimentos ou das representações interiores que eles têm em nós [...]” (POSTIC, 1993, p. 3).

Segundo Pitta (2005, p. 67), “[...] o imaginário longe de ser o domínio do não existente, é uma presença real, tão “verdadeira” quanto a matéria, e mesmo mais, pois ela é transfigurativa e ativa”. Quando se refere ao “imaginário” e ao mundo “real”, Sartre (1964, p. 33) afirma que “ambos os mundos, o imaginário e o real, estão constituídos pelos mesmos objetos: só variam o agrupamento e a interpretação desses objetos. O que define o mundo imaginário como universo real é uma atitude da consciência”. Vê-se assim, que a atividade imaginária tanto toma do real a matéria sobre a qual opera, quanto produz novas (ir)realidades. Nesse cenário, é a oportunidade de redefinir acontecimentos, impressões, imagens já vividas que parece caracterizar a imaginação e sua habilidade criadora, e, para Vygotski (2011), é a imagem, como cópia mais ou menos fiel do real, que serve de base para essa atividade que combina e cria. No entanto, se é verídico que a imaginação se baseia na experiência e na realidade, é também certo que o distanciamento do real constitui-se em movimento fundamental para o funcionamento imaginativo:

Para a imaginação é importante a direção da consciência, que consiste em afastar-se da realidade, em uma atividade relativamente autônoma da consciência, que se diferencia da cognição imediata da realidade. Junto com as imagens que se criam durante o processo de cognição imediata da realidade, o indivíduo cria imagens que são reconhecidas como produto da imaginação. [...] toda penetração mais profunda na realidade exige uma atitude mais livre da consciência para com os elementos dessa realidade, um afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária (VYGOTSKI, 1998, p.129).

De modo análogo, Bourdieu (2009) expõe que a representação apenas se torna possível a partir do contato existente entre o sujeito e o objeto, pois, assim, o imaginário pode fornecer sentido à realidade em que se encontra. Nessa direção, Pino (2006, p. 54) revela que o campo do imaginário é um campo da subjetividade restrita, “ao qual só o sujeito tem acesso antes que seus conteúdos se tornem expressões objetivas da subjetividade”. As imagens criadas pela fantasia são capazes de despertar emoções e sentimentos reais. Nesse caso, a imaginação seleciona elementos da realidade e os combina, de modo que corresponda ao estado afetivo e não à lógica exterior. O produto da imaginação pode não se assemelhar com a realidade, mas é capaz de despertar emoções e sentimentos reais. Ademais, Assunção (2008, p. 235) ressalta que “a comida está relacionada aos laços sociais, pois evoca lembranças, emoções e sentimentos que nos remetem as memórias do passado e dos indivíduos com quem nos relacionamos”. Para Carneiro (2013), a alimentação, além de ser uma necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais. Assim, o resultado da imaginação pode evidenciar algo absolutamente novo, que ganha existência própria na realidade.

Esses produtos da imaginação passaram por uma longa história, que, talvez, deva ser breve e esquematicamente delineada. [...] os elementos de que são construídos foram hauridos da realidade pela pessoa. Internamente, em seu pensamento, foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produto da imaginação. Finalmente, ao se encarnarem, retornam à realidade, mas já como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação (VYGOTSKI, 2011, p. 28-29).

O filósofo polonês Bronislaw Baczko (1984) observa que a expressão imaginário acrescida do adjetivo social também não contribui muito para esclarecer o conceito de imaginário. Todavia, serve para delimitar o território característico deste, que é a vida coletiva:

[...] designa a inserção da atividade imaginativa individual em um fenômeno coletivo [...]. Os imaginários sociais são referências específicas no vasto sistema simbólico que produz toda coletividade e através do qual ela se percebe, se divide e elabora suas finalidades. (BACZKO, 1984, p. 27).

Nesse contexto, para Pesavento (2002), o imaginário é um sistema de representações coletivas que os indivíduos constroem ao longo da história para dar significado ao social. O imaginário é, assim, um processo de invenção da realidade.

Ainda segundo Pesavento (1995, p. 24), “o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, discursos e representações alegóricas figurativas”. De acordo com Baczko (1985), o imaginário social estaria diretamente atrelado ao contexto histórico, levando-o a se transformar de acordo com as circunstâncias do período e/ou os interesses dos sujeitos que dele se utilizam. Na abordagem de Bourdieu (1998), o autor defende a identidade dos grupos por meio de representações mentais com que se conhecem e se reconhecem como os objetos que lhes dão ideia de pertencimento a uma classe, grupo ou nação. Segundo salientam os estudos de Baczko (1985), o imaginário social não deve ser entendido como uma mera faculdade produtora de ilusões, sonhos e símbolos. Pelo contrário, pois, ao atribuímos um imaginário social a um determinado grupo, somos capazes de legitimar a sua autoridade ou disforizar a sua imagem frente à sociedade (BACZKO, 1985). Os autores Baczko e Bourdieu fazem parte da corrente historiográfica chamada Nova História Cultural. Ambos empregam conceitos específicos, que se achou, por bem, esclarecer para proporcionar um melhor entendimento dos autores em relação a sistema simbólico, imaginário, imaginário social e representação. Para isso, recorreu-se a outros autores que também defendem esses conceitos.

Nesta esteira, Castoriadis (1982) evidencia a relação entre imaginário e simbolismo quando reflete sobre o fato de que o imaginário adota o simbólico para existir e ainda evoca imagens diante das representações e relações de objetos não reais. O imaginário (como representação do real) é sempre alusão a algo ausente. O imaginário enuncia, evoca, reporta-se a alguma coisa não presente. Apresenta sentidos e significados para além do real aparente. Castoriadis (2010) expressa, ainda, que a instituição da sociedade é a instituição imaginária da sociedade, por meio da criação de significações imaginárias sociais. A sociedade compreendida desse modo só pode ser auto instituição humana condensada por intermédio de três formas de imaginários reciprocamente implicados e inerentes: o imaginário ou imaginação radical; o imaginário social instituinte ou sociedade instituinte e o imaginário social instituído ou sociedade instituída.

O imaginário social ou a sociedade instituinte é na e pela posição-criação de significações imaginárias sociais e da instituição; da instituição como “presentificação” destas significações e destas significações como instituídas. A imaginação radical é na e pela posição-criação de figuras como “presentificação” de sentido e de sentido como sempre figurado-representado. (CASTORIADIS, 2010, p. 414).

Além disso, no pensamento de Castoriadis (1982), o imaginário radical é fonte de criação incessante, e a realidade não é outra coisa senão o imaginário efetivado. No meio, localiza-se o simbólico, pois “o imaginário deve utilizar o simbólico não somente para exprimir-se, o que é obvio, mas para existir, para passar do virtual a qualquer coisa mais” (CASTORIADIS, 1982, p. 154). É em sua noção de imaginário radical que Pino encontra a possibilidade de pensar o imaginário como “uma fábrica de produção”, como uma usina produtora de imagens (PINO, 2006, p. 55).

Nesse sentido, buscamos nas palavras de Castoriadis (1992) elevar o entendimento sobre a construção de imagens que, de alguma forma, colaboram para reconstrução do imaginário dos vigilantes.

A sociedade faz os indivíduos que fazem a sociedade. Os indivíduos são feitos ao mesmo tempo que eles fazem a sociedade. A sociedade é obra do imaginário instituinte. Os indivíduos são feitos, ao mesmo tempo que eles fazem e refazem, pela sociedade cada vez instituída: num sentido, eles são sociedade (CASTORIADIS, 1992, p. 123).

Proferido de forma diferente, conforme assevera Pino (2006, p. 55), o homem pode produzir imagens humanas “[...] transformando as imagens naturais em imagens de natureza simbólica, ou seja, detentoras de significação [...]”, e é o caráter semiótico dessas imagens que proporciona a atividade criadora. As imagens fazem parte do cotidiano, da realidade vivenciada. O imaginário está totalmente incluído em nossa visão de mundo, interfere nas nossas decisões de como viver, morar, vestir, o que comer, como expressar as crenças, quaisquer que sejam, como construir as práticas culturais que farão parte de nossa representação de um mundo, fechando um ciclo.

Nas palavras de Pino (2006), o “material básico” da atividade da imaginação são as imagens, e, se a imagem é “uma espécie de reprodução da realidade”, as imagens humanas são de “natureza simbólica, detentoras de significação”.

Assumir uma imagem de sujeito humano a partir de referências que serão recebidas de outros seres da mesma espécie consiste em uma vitória psíquica.

O sujeito não se diz, mas é dito por alguém, existe, pois, como parte do mundo de um outro (certamente, por sua vez, travestido). O sujeito é dominado por um imaginário vivido como mais real que o real, ainda que não sabido como tal, precisamente *porque* não sabido com tal (CASTORIADIS, 1982, p. 124).

As significações imaginárias sociais e as instituições, depois de criadas, consolidam-se no imaginário social conquistando o *status* de realidade social, isto é,

sociedade instituída. Essa condensação das criações imaginárias é o que faz uma sociedade existir, ter alguma estabilidade e consistência, torna possível a existência de uma realidade. Conforme Castoriadis (2010), a sociedade instituída é

de cada vez, necessariamente, instituição daquilo que é e não é, vale e não vale, como do que é factível e não factível, tanto no “exterior” da sociedade (relativamente à „natureza) como no interior desta. Como tal ela deve necessariamente ser também “presença”, para a sociedade, do não-ser, do falso, do fictício, do simplesmente possível, mas não efetivo. É mediante a sinergia de todos esses esquemas de significância que se constitui a “realidade” para uma sociedade dada. (CASTORIADIS, 2010, p. 415).

Em seu notável livro “A Instituição Imaginária da Sociedade”, de 1982, Cornelius Castoriadis ressalta a relação entre a autonomia e a formação do imaginário, que nada mais é do que o conceito psicanalítico que designa o fator imaginativo do sujeito. Castoriadis (1982, p.124) afirma que “a característica fundamental do discurso do Outro, do ponto de vista que aqui interessa, é sua relação com o imaginário”. E não o que é capaz de imaginar, criar e escolher a partir de ideias soltas, mas “um sujeito autônomo é aquele que sabe ter boas razões para concluir: isso é bem verdadeiro, e: isso é bem meu desejo” (CASTORIADIS, 1982, p. 126). Esse sujeito é o único capaz de compreender, refletir e deliberar.

Nesta pesquisa, a linguagem verbal foi abordada como um espaço privilegiado de interação e de significação, manifestada pelo dito e pelo silenciado, pela existência, mas também pela omissão de fatos e acontecimentos vivenciados pelos vigilantes. Vygotsky (2001) salienta a relação entre pensamento e linguagem no desenvolvimento humano e explica que

a relação entre pensamento e linguagem modifica-se no processo de desenvolvimento tanto no sentido quantitativo quanto no qualitativo. Noutros termos, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento realiza-se de forma não paralela e desigual. As curvas desse desenvolvimento convergem e divergem constantemente, cruzam-se, nivelam-se em determinados períodos [...] (VYGOTSKY, 2001, p. 111).

Nessa mesma perspectiva, a contribuição de Castoriadis (1986) em relação à linguagem está em dar-lhe impulso renovado ao ligá-la à instituição imaginária, em abordar a linguagem no plano pragmático, como ação práxis criativa. As vinculações da linguagem às manifestações da dimensão simbólica se inserem, nesta pesquisa, como um sistema de significações existentes na sociedade. Nas palavras de Castoriadis (1992, p. 92),

só podemos pensar esse imaginário social, que cria a linguagem, as instituições, os costumes como a capacidade criadora do anônimo coletivo que se põe em funcionamento cada vez que os humanos se reúnem e se dão, uma figura singular instituída para existir.

Nessa relevante percepção, o significado para Vygotski (2001, p. 10) abarcaria um *briefing* entre pensamento e linguagem, pois, na sua percepção, o significado “pertence ao reino da linguagem tanto quanto do pensamento”, mas não seria apenas isso; o significado condensaria ainda, nas palavras de Vygotski (2001, p. 14), a “unidade da generalização e da comunicação, da comunicação e do pensamento”, complementando, além disso, que “as relações entre pensamento e palavra e generalização e comunicação devem ser a questão central e cuja solução dedicamos nossas pesquisas”. É importante ressaltar que a generalização surge como uma categoria relevante na teoria de Vygotski, uma vez que ele infere que a palavra se constituía num reflexo difundido da realidade. No entanto, nesse processo, as palavras não são escolhidas ocasionalmente, elas não são materializadas como uma sombra, como lembra Vygotski, mas representam todo um conjunto de mediações que se processa entre o pensamento e a palavra, permitindo ao pensamento fazer generalizações que se aproximem das objetivações e das significações existentes na realidade social.

Entretanto, Vygotski (2003) assinala que o pensamento e a linguagem têm raízes genéticas distintas, isto é, têm origens diferentes e afirma que o progresso da fala não é análogo ao desenvolvimento do pensamento. Para ele, “as curvas de crescimento de ambos cruzam-se muitas vezes; podem atingir o mesmo ponto e correr lado a lado, e até mesmo fundir-se por algum tempo, mas acabam se separando novamente” (VYGOTSKI, 2003, p. 41). Ele conclui que “as duas funções se desenvolvem ao longo de trajetórias diferentes e independentes” (VYGOTSKI, 2003, p. 51); entretanto, no processo de evolução do pensamento e da fala, tem início uma conexão entre ambos que depois se modifica e se desenvolve.

Nesse contexto, a língua é mais que um sistema de signos, uma atividade social por meio da qual transmitimos as informações, expomos os sentimentos e agimos sobre o outro. A língua constitui-se de usos concretos, envolvendo o locutor e o interlocutor com objetivos previamente estabelecidos. Para Vygotski (1996, p. 113), “[...] toda função superior estava dividida entre duas pessoas, constituía um processo psicológico mútuo [...]”, de modo que “[...] a relação entre as funções psicológicas superiores foi outrora relação real entre pessoas [...]” (VYGOTSKI, 2000, p. 25).

Destarte, a linguagem tem um papel fundamental na formação das complexas conexões psicológicas produzidas quando essas funções se transformam em individuais.

Todo signo, se tomarmos sua origem real, é um meio de comunicação e, poderíamos dizê-lo mais amplamente, um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Traslado por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem (VYGOTSKI, 1996, p. 114).

Por todo o exposto, a fala como ação planejadora, de acordo com Vygotski (2008, p. 13), “é tão importante quanto a ação, pois fazem parte da mesma função psicológica complexa dirigida para a solução de um problema”. Quanto maior a complexidade do problema, maior a importância da fala durante a operação.

Para complementar o campo do imaginário, o abordamos pelo viés da linguagem cotidiana dos vigilantes, que pode ser entendida como metáfora da interpretação do que se passa no dia a dia dessa categoria social. A linguagem passa a ser a expressão das imagens mentais, ou seja, do imaginário e as metáforas, recursos de linguagem utilizados e aproveitados das narrativas dos interlocutores empíricos e teóricos, que se convertem em tentativas de interpretação da ação diária dos sujeitos. Segundo Pais (2003, p. 18), “as metáforas desempenham o papel de ‘transportar ideias’, perfazem um meio de ‘redescrever a realidade’”.

2.7 Pitoresco

O pitoresco é um termo polissêmico que abrange uma infinidade de definições e aproximações em virtude de seu caráter transdisciplinar, perpassando da geografia ao urbanismo, da pintura à arquitetura, da filosofia à sociologia, dentre outros campos do saber. Cada sentido dado denota um recorte da realidade e um olhar delimitador de um discurso teórico, que vem a refletir a consciência do termo. Assim, a concepção de uma noção sobre o pitoresco implica na apropriação de distintos discursos, que são determinantes na sua apreensão e intervenção, além de induzir reflexões de uma realidade que articula construções sociais, culturais e as experiências do cotidiano. Com o tempo, o termo pitoresco, cunhado em meados do século XVIII no âmbito das artes plásticas, foi ganhando outros significados e, atualmente, na língua portuguesa,

o termo pode ser usado como sinônimo de algo interessante, inusitado, bizarro, excêntrico, que chama atenção. Assim, qualquer coisa que se sobressaia, por seu caráter incomum, seja uma cena do dia a dia, seja um incidente, seja uma paisagem, seja um fato, seja um acontecimento, pode ser classificada como pitoresca. Efetivamente, o conceito de pitoresco designou atitudes, comportamentos, um posicionamento social e, sobretudo, um pensamento estético. Para Peter Burke (2004, p. 54), a “ideia de pitoresco ilustra um aspecto geral sobre a influência das imagens na nossa percepção do mundo”.

De fato, as implicações do pitoresco abrangeram diversos campos da cultura: desde os arranjos de jardins à literatura, e da moda à política. Desta maneira, o pitoresco contribui para a consolidação de uma forma de apreensão e concepção do mundo pautada pela visualidade, em que se interpretava a realidade por meio de referenciais fornecidos pela linguagem artística.

Nos escritos de Price (1810), o pitoresco seria aquilo que, além de estar mais adaptado ao cenário, não uniformiza nada, mas faz da singularidade seu diferencial, por isso se relaciona com o local dos fatos vivenciados pelos vigilantes. Para Humboldt (1952), o pitoresco encontra-se na própria natureza, na sua riqueza, nos seus contrastes e particularmente na sua coerência; sugere uma ideia do pitoresco, concebida a partir dos elementos naturais, especificamente com respeito ao traço que imprime caráter pitoresco a um motivo.

De acordo com Krauss (1996), o pitoresco tem uma singularidade decorrente da forma como as imagens ficam registradas, e da função destas na imaginação, e não de uma delimitação singular de um território.

A noção de pitoresco não é exclusiva no debate sobre paisagem, mas é nele que se fixa o sentido que nos interessa. Aubin Louis Millin (1806) afirma que a palavra pitoresco “se diz a respeito de uma atitude, de um contorno, de uma expressão, enfim, de todo objeto em geral que produza ou possa produzir, por uma singularidade interessante”. O autor ainda enfatiza que o “Pitoresco não é propriamente o resultado do gênio nem traz consigo sentimentos que produzam reações elevadas na alma, mas é coisa que deleita a visão” (MILLIN, 1806, p. 280).

Ao descrever as narrativas, uma teia de quatro categorias eclodiu: anedótico, cômico, divertido e engraçado; lançando luzes sobre as várias percepções pelas quais a organização é representada e compreendida pelos sujeitos pesquisados, neste estudo os 12 vigilantes da COORDSEG. Se o efeito pitoresco pode ser alcançado com

as narrativas dos vigilantes, é no trato dos detalhes – nas entrelinhas das narrativas – que ele se afirma.

O termo anedótico é proveniente de um gênero textual denominado anedota, que apresenta uma narrativa breve e composta por diálogos. Uma das suas principais características é relatar fatos curiosos e, conseqüentemente, despertar o riso, sendo muito utilizada como recurso humorístico do cotidiano e por isso, a história passa a ser considerada pitoresca. Não só presente na narrativa, a anedota pode ser produzida na linguagem escrita, por envolver fatores como entonação, capacidade oratória do intérprete e até representação, como se pode observar nas narrativas aqui descritas. Nesse sentido, Romão (2001) assevera que a surpresa da descoberta do imprevisto que provoca o humor serve-se, em geral, do que está implícito.

A categoria do cômico carrega uma variedade de noções e expõe o pitoresco da vida organizacional mais irônico, engraçado e sarcástico do que o feio propriamente dito. Por isso, Strati (2000) afirma que a categoria do cômico também se relaciona com a beleza, pois esta suaviza a repugnância trazida pelo feio. Para Vásquez (1999), o cômico desvaloriza algo que é real e, de certa forma, faz uma crítica à ordem estabelecida. O cômico é parte integrante da vida cotidiana nas organizações, sendo que não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano (VIEIRA, 2011). Assim sendo, o cômico reside nos eventos do dia a dia, como nos gracejos e nos sarcasmos que os vigilantes revelaram ao narrarem os fatos vivenciados no seu cotidiano.

Ao contrário do que se pensa, divertido e engraçado não são sinônimos. O divertido está associado ao que provoca sensação de prazer e gozo, algo relacionado à empolgação. Já o engraçado, é utilizado no sentido de hilário provocando humor e, conseqüentemente, o riso ou o sorriso. Estas duas categorias manifestaram-se nas narrativas como fator preponderante, por gerar entusiasmo (divertido) e alegria (engraçado), tanto no entrevistador quanto nos entrevistados. Diante do exposto, tornou-se possível classificar os fatos narrados pelos vigilantes como pitorescos.

Assim, podemos dizer que qualidade pitoresca é determinada pelo conjunto de elementos que caracterizam os fatos narrados. Ao fazer a leitura da narrativa, o leitor faz um exercício de selecionar, organizar e formar imagens mentais para caracterizar a história e a sequência de seus componentes, principalmente aqueles que conduzem a lembranças de experiências passadas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A memória dos servidores lotados na COORDSEG, que resulta em rememoração acerca de fatos pitorescos vivenciados no passado, requer uma análise da estruturação do problema de pesquisa. De acordo com Minayo (2008, p. 14), a metodologia é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Goldenberg (2004, p. 14) corrobora que a metodologia “consiste em um caminho possível para a pesquisa científica”. Richardson (1999, p. 22) destaca que método é “o caminho ou a maneira para se chegar a determinado fim ou objetivo”, e a metodologia pode ser compreendida como “os procedimentos e regras utilizadas por determinado método”. Desse modo, para alcançar os resultados pretendidos e obter a resposta para o problema da pesquisa, propõem-se, a seguir, os métodos escolhidos pelo pesquisador.

3.1 Quanto à Classificação da Pesquisa

Pretendemos desenvolver uma pesquisa por meio de uma abordagem qualitativa, de maneira que o interesse central esteja nas narrativas dos fatos pitorescos vivenciados no cotidiano dos sujeitos da pesquisa. As estratégias adotadas nessa perspectiva visam identificar “como o fenômeno acontece, como se manifesta, como é percebido, como é representado pelos atores etc. O antes, o durante e o depois são considerados, os passos, a trajetória, o percurso etc”. (TEIXEIRA, 2009, p. 123). Nessa senda, Denzin (2006, p. 23) salienta que a “pesquisa qualitativa ressalta a intrínseca relação do pesquisador e seu objeto de estudo permeada pelos obstáculos que influenciam sua pesquisa”. Nessa perspectiva, infere-se que neste tipo de pesquisa há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, e o pesquisador é o instrumento-chave. A pesquisa qualitativa pode ser considerada um processo de reflexão e análise da realidade, utilizando métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo no seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação (OLIVEIRA, 2013). Assim, os atores sociais envolvidos na pesquisa são levados a refletir sobre suas ações e as consequências

dessas ações para a realidade na qual estão inseridos. “A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. (RICHARDSON, 1999, p. 79).

A pesquisa qualitativa busca entender um fenômeno específico em profundidade; ela trabalha com descrições, comparações e interpretações. Portanto, mais participativa e menos controlável, visto que os participantes podem direcionar o rumo de suas interações com o pesquisador. Na abordagem qualitativa, não se pode pretender encontrar a verdade com o que é certo ou errado, ou seja, deve-se ter, como primeira preocupação, a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade (MINAYO, 1999), e ainda, segundo afirma Godoy (1995, p. 62),

algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 62).

Nesse contexto, buscamos compreender e interpretar as informações que foram obtidas a partir das entrevistas, com o propósito de dar significado aos fatos narrados pelos sujeitos da pesquisa.

Quanto ao seu objetivo, esta pesquisa foi classificada como descritiva. As pesquisas descritivas objetivam a descrição de determinada população, fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis. Esse tipo de estudo tem como característica mais significativa a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como as entrevistas e a observação sistemática. Segundo Malhotra (2001, p. 108), a pesquisa descritiva “é um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo a descrição de algo”, um evento, um fenômeno ou um fato. Nessa esteira, Martins (1994, p. 28) salienta que a pesquisa descritiva “tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos”.

Nas palavras de Triviños (1987, p. 110), “o estudo descritivo pretende descrever „com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”, de modo que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer

determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

Segundo Andrade (2009), na pesquisa descritiva temos a observação, o registro, a análise, a classificação e a interpretação, sem que haja a interferência do pesquisador; portanto, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador. O caráter descritivo tem o propósito de descrever os resultados obtidos com a análise da pesquisa. Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 32),

[...] a descrição constitui a habilidade de fazer com que o outro veja mentalmente aquilo que o pesquisador observou. Em outras palavras, a descrição deve ser suficientemente precisa para que o interlocutor, ou o leitor, seja capaz de visualizar exatamente aquilo que o pesquisador observou.

Os termos pesquisa descritiva, descrição ou descrever referem-se ao fato de esse tipo de pesquisa apoiar-se na estatística descritiva para realizar as descrições da população (mediante amostra não probabilística), do fenômeno ou relacionar as variáveis.

Nesse sentido, buscamos descrever os fenômenos ou situações pitorescas em detalhes, especialmente os fatos que ocorreram no passado, permitindo, assim, que sejam revividos no presente.

3.2 Quanto aos Sujeitos da Pesquisa

O universo da pesquisa é composto pelos servidores ativos e aposentados lotados na Coordenadoria de Segurança da UFRGS (COORDSEG), classificados na tabela do Plano de Carreira dos Servidores Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE – Lei nº 11.091/2005) como categoria B. O levantamento realizado no mês de maio de 2020, por meio do relatório disponibilizado pela PROGESP (Apêndice A), indica que, atualmente, a COORDSEG conta com 64 servidores ativos e 46 aposentados, todos do sexo masculino, no quadro da instituição. Para conhecer os fatos pitorescos vivenciados pelos sujeitos da pesquisa, o pesquisador adotou a técnica de saturação teórica do tipo aleatória simples como forma de determinar o número da amostragem.

Os autores Guest, Buncem e Johnson (2006) constataram que a saturação ocorre até a 12ª entrevista e, além disso, defendem que categorias centrais tendem a aparecer até a 6ª entrevista; nessa perspectiva, foram entrevistados 12 servidores. Os vigilantes ativos estão distribuídos em escalas de revezamento de 12x24h e 12x72h, no Campus Central e no Campus do Vale; no Campus Litoral Norte (Tramandaí e Imbé), o vigilante cumpre uma jornada de trabalho de 6 horas diárias de segunda a sexta-feira; na Estação Experimental Agronômica (Arroio dos Ratos), os vigilantes cumprem o seu expediente de 6 horas noturnas em uma escala de revezamento de 6 por 1, ou seja, trabalham 6 noites e folgam uma noite. Já na administração da COORDSEG, a equipe é formada por 1 Assistente em Administração e 5 vigilantes, além do coordenador, que também é vigilante; estes vigilantes, devido a compromissos, muitas vezes extrapolam a jornada de trabalho. O último concurso público da UFRGS para o cargo de vigilante foi realizado no ano de 1993. Assim, todos os servidores inseridos neste contexto têm mais de 26 anos de trabalho na universidade, o que foi de grande relevância para a construção de paisagens de memória comuns e diversificadas.

3.3 Quanto ao Levantamento de Dados

Para este tipo de pesquisa, foram utilizadas entrevistas narrativas nas quais buscamos informações com os sujeitos da pesquisa, pois, segundo Minayo (2008), alguns autores utilizam a expressão “entrevista narrativa” para designar uma forma de entrevista realizada por meio de conversas com finalidade de obter uma história de vida ou experiência de vida. Nesse sentido, utilizamos a entrevista do tipo não estruturada, na qual o entrevistador teve maior grau de liberdade para desenvolver as situações em qualquer direção. Dessa forma, proporcionou-se a exploração mais ampla das questões envolvidas, além de ser possibilitada a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais. Somado a isso, a entrevista narrativa é o método mais eficaz para a investigação de fenômenos sociais, pois ela vai ao encontro da realidade manifestada por cada um dos entrevistados. A entrevista narrativa é definida por Jovchelovitch e Bauer (2002) como sendo uma entrevista com perguntas abertas e é uma forma de encorajar os entrevistados. De acordo com os autores, caracteriza-se pela forma de motivar o entrevistado a relatar alguma situação importante, tanto na sua vida pessoal quanto na sua vida social:

As entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

A tabela abaixo expressa de forma estruturada a metodologia para o desenvolvimento das entrevistas narrativas:

Quadro 1 – Principais Fases da Entrevista Narrativa

| FASES | REGRAS PARA ENTREVISTA |
|-------------------|---|
| Preparação | Exploração do campo Formulação de questões exmanentes |
| Iniciação | Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais (opcional) |
| Narração central | Não interromper Somente encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar narração Esperar por sinais de finalização (“coda”) |
| Fase de perguntas | Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por que?” Avançar de perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa) para perguntas imanentes (emergem do relato do entrevistado) |
| Fala conclusiva | Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por que?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista |

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Jovchelovich e Bauer (2002).

Os instrumentos de coleta de dados foram plataforma virtual para realização de videoconferência, aparelho de telefone celular com o aplicativo *WhatsApp*, endereço eletrônico para o envio e recebimento de *e-mail*, que auxiliaram na condução do processo. Como todos os servidores dessa categoria têm mais de 26 anos de trabalho, o levantamento dos 12 entrevistados foi realizado de forma empírica, isto é, pelo fato de o pesquisador frequentar cotidianamente, antes da pandemia de covid 19, o plantão dos vigilantes e a secretaria da COORDSEG, onde vários fatos engraçados eram narrados, tornou-se fácil a tarefa de selecionar os entrevistados. No entanto, o critério adotado pelo pesquisador foi selecionar, não só vigilantes da área operacional, mas também os que atuam junto à administração da COORDSEG e os aposentados. Esse critério foi relevante para a construção de paisagens de memória comuns e diversificadas. Diante disso, o contato foi realizado pelo número de telefone dos

selecionados, com o propósito de convidá-los a participar desta pesquisa. Essa proposição tem a finalidade não só de rememorar os acontecimentos do passado a partir da memória dos servidores inseridos nesse contexto, mas também de desenvolver um trabalho acadêmico de grande relevância institucional, e, para que a pesquisa seja bem-sucedida, há um fator preponderante, que são os laços de amizade que o pesquisador tem com os integrantes dessa categoria, elevando assim o grau de liberdade nas entrevistas.

3.4 Quanto às Entrevistas Narrativas

Considerando a proximidade do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e, para dar mais liberdade aos entrevistados, foram feitas perguntas não estruturadas, denominadas como não diretivas por Richardson (1999). A entrevista não estruturada caracteriza-se por ser totalmente aberta, pautando-se pela flexibilidade e pela busca do significado, na concepção do entrevistado, ou, como afirma May (2004, p. 149), “permite ao entrevistado responder perguntas dentro da sua própria estrutura de referências”. Nesse tipo de entrevista, o encontro é realizado entre duas pessoas, tendo o entrevistador clareza de seus objetivos, mas não roteiro determinado. Nas entrevistas narrativas, considera-se que nossa memória é seletiva: lembramos aquilo que podemos, e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente.

Desse modo, foram delineadas as questões que nortearam a elaboração desta pesquisa. Essas questões foram estabelecidas em conformidade com o problema e com os objetivos propostos. Assim, são sugeridos alguns instrumentos que possibilitam o levantamento de dados e subsídios relevantes para a construção deste estudo. Nessa perspectiva, considera-se pertinente a entrevista narrativa, sobre a qual Alves Mazotti e Gewandsznajder indicam que de “um modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito com uma conversa” (1998, p. 168).

Dessa forma, com esta pesquisa, buscamos construir um olhar atento aos relatos dados pelos vigilantes acerca dos fatos pitorescos. Para isso, utilizou-se a entrevista narrativa, a qual consiste em formular uma situação que proporcione ao entrevistado narrar sobre o vivenciado no seu cotidiano. No dizer de Bauer e Gaskell,

“através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (2002, p. 91).

Os autores complementam ainda que a entrevista narrativa é “aquela que tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado a dissertar, a contar a história de um acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (BAUER e GASKEL, 2002, p. 93).

Em vista disso, ouvir o que as pessoas narram, encarar cada palavra como se esta fosse descobrir o mistério que é a forma de cada sujeito olhar o mundo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), é como foi abordado o momento da entrevista, permitindo que cada participante narre os fatos e acontecimentos que mais lhe parecem significativos nesse “revisitar” de suas memórias.

Assim, consideramos o enfoque da entrevista narrativa como fator essencial desta pesquisa, onde os depoimentos representam um caráter de retrospectão, que autoriza o narrador a alusões ao futuro e às situações do presente (GENETTE, 1995). É, portanto, nesse sentido que se trouxe essa modalidade de entrevista como meio de coleta de dados, a fim de permitir maior grau de liberdade aos vigilantes, para que contém os fatos vivenciados que estão alicerçados em suas memórias.

Ainda que por vontade alheia do pesquisador, optou-se por realizar as entrevistas por videoconferência, por meio do *WhatsApp* e por *e-mail*, considerando para o estudo todos os vigilantes ativos e aposentados. Esse formato ganhou relevância devido à pandemia de Covid 19, que o mundo está enfrentando desde março de 2020. Foi recomendado ao entrevistado escolher um ambiente que tivesse absoluto silêncio para que não houvesse interferência nas gravações. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas no decorrer desta pesquisa, sendo necessário o cuidado de enviar para o endereço eletrônico de cada um dos participantes o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, visando autorizar o pesquisador a utilizar, divulgar e publicar tanto as gravações quanto os relatos das entrevistas para fins acadêmicos.

Importa destacar, que as experiências relatadas não dizem respeito apenas ao cotidiano profissional desses servidores, mas também são vivências acontecidas fora do âmbito da universidade. Foram considerados para o estudo os relatos de vivências acontecidas a partir da data de ingresso na UFRGS, de cada um dos sujeitos da pesquisa.

3.5 Quanto ao Tratamento dos Dados

Após ser feita a transcrição dos áudios gravados com base nas entrevistas realizadas, e para possibilitar a sua compreensão dentro do contexto de pesquisa e do material teórico-conceitual disponível, utilizou-se a análise de conteúdo para o tratamento dos dados. A análise de conteúdo, para Richardson *et al.* (2007), busca compreender melhor um discurso, aprofundar suas características gramaticais, fonológicas, cognitivas e ideológicas e extrair os momentos mais importantes. A organização da análise de conteúdo envolve três fases: pré-análise; exploração do material, também chamada de descrição analítica e análise e interpretação dos resultados. Na pré-análise, são feitas a escolha e a organização do material. A escolha do material depende do que o pesquisador procura e do que ele espera encontrar. Tem como orientação a questão norteadora ou problema de pesquisa e os objetivos. Com o resultado da coleta de dados, isto é, com as informações obtidas nas entrevistas e nas anotações resultantes das observações, o pesquisador inicia o processo de análise com uma leitura geral, que Bardin (1985) chama de leitura que flutua. Dessa leitura emergem as unidades de registro ou categorias de análise, que são palavras ou expressões, temas ou mesmo um acontecimento. Identificadas as unidades de registro, o pesquisador passa a localizá-las no texto, iniciando, assim, a segunda fase.

Exploração do material ou descrição analítica do conteúdo: codificação, classificação e categorização são as atividades básicas dessa fase. É na interpretação dos resultados que se correlaciona o conteúdo do material analisado com a base teórica referencial.

4 ENTREVISTAS E NARRATIVAS

Este capítulo inicia-se com uma breve apresentação dos entrevistados. Em seguida, apresentam-se as narrativas acerca dos fatos pitorescos descritos como anedóticos, cômicos, divertidos e engraçados que estão alicerçados na memória dos vigilantes para, logo após, adentrar nas categorias de análise das entrevistas e na interpretação dos resultados.

4.1 Apresentando os Entrevistados

Este subcapítulo revela ao leitor, em ordem alfabética, o perfil de cada entrevistado. Trata-se de uma síntese das suas trajetórias profissionais na UFRGS, que apresenta algumas informações de caráter pessoal e funcional que foram trazidas, durante as entrevistas, por cada um dos vigilantes, além dos fatos pitorescos vivenciados. Em alguns casos, estas informações foram, ainda, complementadas pela Secretaria da Coordenadoria de Segurança. Durante a escrita deste trabalho, optou-se pela utilização dos nomes dos entrevistados da forma como eles se autodenominam e como são conhecidos pelos colegas. Justifica-se, portanto, a utilização de apelidos.

4.1.1 Entrevistado Ailton de Abreu Fraga

Figura 6 – Petição



Fonte: Acervo do entrevistado.

Ailton de Abreu Fraga tem 56 anos. Ingressou na UFRGS em 1º/05/1984, sem concurso público. No entanto, obteve aprovação no concurso público realizado no ano de 1985. Recebeu o apelido “*petiço*” por ser um homem de estatura baixa. Informou que, às vezes, tem, como ritual, pedir proteção para que Deus o ilumine e o mantenha livre dos maus. Atualmente, trabalha por escala de revezamento e tem, como responsabilidade, servir e proteger a comunidade universitária e o patrimônio do Campus Centro.

4.1.2 Entrevistado Hamilton Silva de Moraes

Figura 7 – Pisca



Fonte: Acervo do entrevistado.

Hamilton Silva de Moraes tem 56 anos. Ingressou na UFRGS em 04/01/1993, por meio de concurso público. Recebeu o apelido “*pisca*” devido aos *tiques* nervosos. Destacou que seu ritual diário é pedir proteção e agradecer a Deus por mais um dia. Desenvolve suas atividades em horário comercial na Secretaria da COORDSEG.

4.1.3 Entrevistado João Ubirajara da Rosa Martins

Figura 8 – Bira



Fonte: Acervo do entrevistado.

João Ubirajara da Rosa Martins tem 60 anos. Ingressou na UFRGS sem concurso público em 15/10/1983. Obteve, contudo, aprovação no concurso público realizado no ano de 1985. Mais conhecido como “*Bira*”, recebeu a alcunha de “*rosinha*”, diminutivo do sobrenome “*Rosa*”, devido a suas brincadeiras com fala e gestual imitando o sexo feminino. Informou que não faz nenhum tipo de ritual antes ou após o término da sua jornada de trabalho. Atualmente, trabalha por escala de revezamento e tem como responsabilidade servir e proteger a comunidade universitária e o patrimônio do Campus Centro.

4.1.4 Entrevistado Joel Nogueira

Figura 9 – Joel Nogueira



Fonte: Acervo do entrevistado.

Joel Nogueira tem 61 anos. Ingressou na UFRGS sem concurso público em 1º/06/1983. Obteve, contudo, aprovação no concurso público realizado no ano de 1985. Por vezes chamado de “*delegado*” devido a seu instinto policialesco, seu ritual diário é dar graças a Deus no final do expediente, por mais um dia. Atualmente, desempenha suas atividades por escala de revezamento, tendo como responsabilidade servir e proteger a comunidade universitária e o patrimônio do Campus Centro.

4.1.5 Entrevistado Jorge Silva de Almeida

Figura 10 – Almeida



Fonte: Acervo do entrevistado.

Jorge Silva de Almeida tem 60 anos. Ingressou na UFRGS em 1º/12/1981. No entanto, obteve aprovação no concurso público realizado no ano de 1985. Também é chamado pelos colegas de “*nego Almeida*”. Relatou que seu ritual é falar para ele mesmo no início do expediente “bom dia” e, no final, “muito obrigado”. Atualmente, desenvolve suas atividades por escala de revezamento e tem como responsabilidade servir e proteger a comunidade universitária e o patrimônio do Campus Centro.

4.1.6 Entrevistado Marcelo Guedes da Rocha

Figura 11 – Marcelo Guedes



Fonte: Acervo do entrevistado.

Marcelo Gudes da Rocha tem 53 anos. Foi admitido na UFRGS em 12/10/1989, através de contrato emergencial. Não recebeu nenhum tipo de apelido desde seu ingresso. Informou que não tem qualquer tipo de ritual antes ou após o término da sua jornada de trabalho. Atualmente, desempenha suas atividades por escala de revezamento e tem a responsabilidade de servir e proteger a comunidade universitária e o patrimônio do Campus Centro.

4.1.7 Entrevistado Marcelo Schneider dos Santos

Figura 12 – Marcelo Schneider



Fonte: Acervo do entrevistado.

Marcelo Schneider dos Santos tem 54 anos. Foi admitido na UFRGS em 29/11/1989, através de contrato emergencial. Recebeu alguns apelidos; no entanto, nenhum se fixou. Informou que não tem qualquer tipo de ritual antes ou após o término da sua jornada de trabalho. Atualmente, é Chefe Operacional do Campus Centro, Saúde e Olímpico em horário integral, ou seja, trabalha em horário comercial e está sempre à disposição para atender eventuais ocorrências.

4.1.8 Entrevistado Mozarte Simões da Costa Júnior

Figura 13 – Mozarte



Fonte: Acervo do entrevistado.

Mozarte Simões da Costa Júnior tem 54 anos. Ingressou na UFRGS em 19/11/1993, após ser aprovado em concurso público realizado no ano de 1993. Não recebeu nenhum apelido desde seu ingresso. Tem como ritual, nos dias do seu plantão, verificar se o armamento, a viatura, o material de higiene e de cozinha estão em perfeitas condições. Atualmente, desenvolve suas atividades por escala de revezamento e tem a responsabilidade de servir e proteger a comunidade universitária e o patrimônio do Campus do Vale.

4.1.9 Entrevistado Odilon Manoel Roza de Oliveira

Figura 14 – Odilon



Fonte: Acervo do entrevistado.

Odilon Manoel Roza de Oliveira tem 64 anos. Ingressou na UFRGS sem concurso público em 30/05/1981. No entanto, obteve aprovação no concurso público realizado no ano de 1985. Recebeu o apelido de “*alemão*” devido à cútis bastante clara. Seu ritual é rezar para Deus na entrada e na saída do seu turno de trabalho. Atualmente, desempenha suas atividades por escala de revezamento e tem a responsabilidade de servir e proteger a comunidade universitária e o patrimônio do Campus Centro.

4.1.10 Entrevistado Omir Canabarro Nunes

Figura 15 – Careca



Fonte: Acervo do entrevistado.

Omir Canabarro Nunes tem 67 anos. Ingressou na UFRGS sem concurso público em 15/09/1981. Obteve, porém, aprovação no concurso público realizado no ano de 1985. É chamado pelos colegas de “*louco*” pela sua personalidade forte, mas também atende pela alcunha de “*careca*”, a qual recebeu por ser um homem calvo. Aposentou-se em 25/05/2015.

4.1.11 Entrevistado Renato Pieretti Duarte

Figura 16 – Renato



Fonte: Acervo do entrevistado.

Renato Pieretti Duarte tem 55 anos. Ingressou na UFRGS por meio de concurso público e sua posse foi realizada em 11/05/1992. Adquiriu o apelido de “*hunter*” na década de 90 por gostar de caçadas. Atende também por “*tackleberry*”, alcunha recebida em alusão ao personagem do filme “Loucademia de Polícia” pelo fato de, na época do seu ingresso, ser proprietário de uma arma calibre 38 considerada estupidamente grande. Não tem nenhum tipo de ritual antes ou depois de encerrar seu expediente. Atualmente, é responsável pelos seguranças das Unidades descentralizadas (Campus Litoral Norte, localizado no município de Tramandaí, e Estação Experimental Agronômica, localizada na cidade de Arroio dos Ratos) em horário integral, ou seja, trabalha em horário comercial e está sempre à disposição para atender eventuais ocorrências.

4.1.12 Entrevistado Roberto Marques Quevedo Lazaro

Figura 17 – Lazaro



Fonte: Acervo do entrevistado.

Roberto Marques Quevedo Lazaro tem 61 anos. Ingressou em 02/10/1985 em razão de redistribuição do Instituto Federal de Santa Catarina para a UFRGS. Enquanto esteve em atividade, recebeu o apelido de “*bafo de bode*” em função dos aperitivos que gostava de degustar. Aposentou-se em 08/01/2018.

4.2 Garimpando Narrativas: O Imaginário dos Vigilantes

A poética do pitoresco pressupõe um “ambiente variado, acolhedor, propício, que favorece nos indivíduos o desenvolvimento dos sentimentos sociais”. (ARGAN, 1992, p. 12).

Na esteira das palavras de Giulio Carlo Argan, este trabalho procura, em um primeiro momento, levantar aspectos, por meio das respectivas narrativas, que contribuam não só para a construção de paisagens comuns e diversificadas, mas também para a identificação da forma como ficaram alicerçados na memória desses vigilantes, os fatos pitorescos vivenciados no seu cotidiano. Deste modo, entendemos

que a narrativa, no que se refere ao desenvolvimento desta pesquisa, proporcionou, de certa forma, o entendimento a respeito da maneira com a qual os vigilantes entrevistados dão sentido aos fatos narrados, a partir do seu ingresso na UFRGS.

Estes depoimentos trazem consigo as memórias destes vigilantes que, por sua vez, recordam fatos carregados de sentimentos, os quais, no vai e vem das recordações, podem ter sido criados e inventados em algum momento das narrativas. Cada uma das experiências passadas, contadas pelos vigilantes, de algum modo, foi marcada pela sua excentricidade. Nesse prisma, torna-se relevante destacar que, dentre os inúmeros fatos vivenciados ao longo de nossa vida, selecionamos aqueles que consideramos significativos, pois a memória é seletiva, e lembramos através de momentos singulares e marcantes. As experiências relatadas não dizem respeito apenas ao cotidiano profissional desses servidores, mas também são vivências, acontecidas fora do âmbito da Universidade, como fora referido no percurso metodológico.

A partir do conteúdo exposto por meio das narrativas, o pesquisador optou por denominar cada fato narrado, visando à familiarização dos leitores. Desta forma, a partir da identificação das vozes dos entrevistados, apresenta-se, a seguir, quadro no qual os nomes estão dispostos na mesma ordem em que aparecem no subitem 4.1.

Quadro 2 – Denominação dos Fatos Narrados

| Subitem | Entrevistado | Denominação dos Fatos |
|---------|--------------------------------|-------------------------------|
| 4.2.1 | Ailton de Abreu Fraga | Pescaria no Parque |
| 4.2.2 | Hamilton Silva de Moraes | Equívoco no Trânsito |
| 4.2.3 | João Ubirajara da Rosa Martins | Saída Perspicaz |
| 4.2.4 | Joel Nogueira | O Churrasco que não Deu Certo |
| 4.2.5 | Jorge Silva de Almeida | Chineladas na Bunda |
| 4.2.6 | Marcelo Guedes da Rocha | Pegadinha no Supermercado |
| 4.2.7 | Marcelo Scheider dos Santos | O Trote do Vestibular |
| 4.2.8 | | Esperando uma Vítima |
| 4.2.9 | | Esperando a Próxima Vítima |
| 4.2.10 | Mozarte Simões da Costa Junior | Degustação de Marijuana |
| 4.2.11 | | Medo de Apagar a Vela |
| 4.2.12 | Odilon Manoel Roza de Oliveira | Pânico no Elevador |
| 4.2.13 | Omir Canabarro Nunes | Cardápio da Janta |
| 4.2.14 | Renato Pieretti Duarte | Mata Afrodisíaca |
| 4.2.15 | Roberto Marques Quevedo Lazaro | Tremia Igual Vara Verde |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Como o objetivo deste trabalho não era o estudo linguístico da fala destes servidores, optamos pela transcrição das narrativas tão somente com o ajuste dos erros de português e dos vícios de linguagem, preservando-se, dessa forma, os sentidos das falas.

A análise das informações foi realizada de acordo com o tipo de dado gerado pelo instrumento de pesquisa. Desta forma, os conteúdos auferidos por meio das entrevistas gravadas foram imediatamente transcritos. Em seguida, procedemos à leitura detalhada e cuidadosa de todo o material, a fim de destacar os conteúdos evocados através do imaginário dos vigilantes.

4.2.1 *Petiço - Pescaria no Parque*

Olha, logo no início, quando entrei na UFRGS, no tempo das vacas magras, nós recebíamos o apoio da brigada militar. Naquela época era frequente a presença do pessoal da brigada, pois havia muitas ocorrências de roubo a pedestres aqui na volta. Então, de vez em quando os brigadianos passavam aqui, nós oferecíamos cafezinho, água gelada, e, às vezes, eles jantavam. Assim nós fomos fazendo amizade com eles. E, na época, tinha uma viatura, era um opalão 1861. Essa viatura - nunca vou esquecer... 1861 - um opala preto só com uma listra escrito *Brigada Militar* e o banco traseiro todo de fibra era o xadrez.

Aí, um belo dia, nós num plantão lá, alguém diz: – Ô, vamos comer um peixe? Vamos fazer uma comida, uma coisa? – Até vamos cara! - O que nós vamos fazer?” – Quem sabe vamos fazer uma carpa? – Ah! Carpa daonde? – Vamos no mercado, eu disse. – Não cara, vamos ali na redenção com vocês. Aí é barbada. Como a gente vem cedo, chega aqui, faz umas pipocas... a gente pega umas pipocas, eu trago os anzóis.... A gente vai ali e pesca umas carpas. As carpas da redenção acostumadas com pipoca, né?

– A gente vai ali, encosta a viatura na beira do lago, eu fico na parte de trás, tu desce, abre a porta do xadrez, eu fico dentro do xadrez, vou ali, atiro umas pipocas não leva 2 minutos e já estamos com a pescaria feita. Só tem um problema: nós, vigilantes, não podemos ir sozinhos por causa dos guardas da prefeitura.

– Ah tá! Tá combinado!

No outro plantão, os guris chegaram, fizeram a pipoca, e eu entrei no xadrez, na viatura. Naquela época, eu era pequenininho, magrinho. Eu tinha 85 kg, por aí, 86 kg, eu acho. Então eu entrei no xadrez e saímos pra Redenção. Paramos bem na beirinha do lago. Eu não cheguei a atirar duas vezes a pipoca! E as carpas já começaram a pegar!

Atirei a linha e já peguei umas carpas e joguei elas dentro do xadrez. Mas quando nós estava saindo, encostaram os guardas da prefeitura, de bicicleta: – Ah! O que houve aí?, pros brigadianos, né. – Não, não, não. Tem um cara dentro do xadrez. Nós viemos atirar uma água dentro da viatura. Pegamos e atiramos uma água aí... E aquele barulho das carpas pulando nos meus pés dentro da viatura!

O guarda perguntou: – Tu que encosta na nossa central pra lavar a viatura? E um dos brigadianos respondeu: – Não, não. Toquei uma água só... Já dei uns petelecos nesse cara aí. E tinha que tocar uma água nele...Mas tá tudo tranquilo. Tchau pra ti!

Só que nós não podíamos fritar as carpas na guarita por causa da ronda, né... Eu já tinha levado o liquinho, arrumado tudo no canto do prédio, tudo escondido, por causa da ronda. E sempre cuidando a ronda.

Naquela época, o Centro de Processamento de Dados ficava aqui no centro. Na frente, tinha uma garagem, e, pra despistar o fiscal, eu fingi que troquei de posto com o colega do CPD, pra poder fritar o peixe dentro da garagem. Aí, pra comer o peixe, a turma dava uma volta, vinha, comia um pedaço... Eu sei que foi uma janta que foi uma beleza! Isso foi pra umas 9 pessoas... era uma turma grande.

4.2.2 Pisca - Equívoco no Trânsito

Bah, tem várias... Mas eu acho que a mais engraçada foi quando eu e o Marcelo fomos levar um material lá no Campus do Vale e, na volta, ali na Avenida Ipiranga, próximo à CEEE, nós paramos numa sinaleira e um cidadão que tinha parado com o carro ao lado, olhou pra nós e começou a xingar, e eu nem me liguei no que ele estava falando. O Marcelo, que estava dirigindo, perguntou pra ele o que tinha acontecido, mas eu estou na minha ali... E esse senhor reclamou: – Ah! Esse teu amigo aí... Tá fazendo sinalzinho com a cabeça para a minha mulher. Daí o Marcelo se ligou, né, que eu tenho problema de cacoete, de fazer movimentos com a cabeça, às vezes, quando eu estou meio cansado, meio nervoso. Então o Marcelo se ligou e começou a

rir. Ele olhou pra mim e falou: – olha o rapaz ali. Daí, olhei para o cara, mas, na hora, eu não estava entendendo nada. E o Marcelo falou pro cara: – Não, presta atenção, o rapaz tem um problema de cacoete. Se tu te ligar, tu vai ver que ele está fazendo cacoete.

E aí tudo bem, abriu o sinal e nós arrancamos. Na outra sinaleira, eles pararam no nosso lado de novo e o Marcelo olhou pra mim e disse: – olha lá, o cara está rindo da tua cara! Porque eu balançava a cabeça, porque eu tinha cacoete e, aí, o Marcelo conta isso até hoje...

E, inclusive, esse cacoete também já me atrapalhou em outras oportunidades. E o pior é que é sempre junto com o Marcelo. No restaurante, que a gente estava almoçando, o garçom vinha toda hora me atender e perguntava o que eu queria. – Não, não estou te chamando. Daí o Marcelo, também, uma hora se ligou e falou pro garçom: – Não, ele tem cacoete, rapaz. Tu pensa que ele está chamando, mas não é. O balancinho da cabeça dele é cacoete mesmo. E é sempre com o Marcelo... Parece que é sina..., mas tudo bem.

4.2.3 Bira - Saída Perspicaz

Foi no ano de 2005. Eu estava afastado da segurança e voltei em 2005. E daí, na Coordenadoria de Segurança, na época, tinha o Carlos, o Marcelo e o Daniel, e eu fui nomeado como Secretário-Geral. E o Carlos começou..., como ele também era da antiga né, começou a pegar no meu pé, me chamar de Rosinha pra cá, Rosinha pra lá... Aí eu peguei no pé dele! Não sou racista (eu também sou preto, né?). Comecei a chamar ele de “babuíno”, a imitar ele: fazia sons imitando um macaco, coçava a cabeça²...

E, um dia, entrou o “Chagas”, que é moreno também, né? Nesse dia tinha uns dez dentro da sala, mais ou menos. O Carlos chegou e disse assim: – Bira, Bira, ô Bira, me imita! Quero ver tu me imitar agora! Que nem tu costuma me imitar...

² Esta pesquisa tem o propósito de socializar os fatos pitorescos acontecidos no cotidiano dos vigilantes. Assim fez João Ubirajara, ao revelar uma brincadeira que ocorreu entre colegas de trabalho, no passado. No entanto, sua narrativa nos traz palavras de cunho racial. Optamos por manter o depoimento do entrevistado somente na dissertação, pois ele poderá desencadear novos desdobramentos em pesquisas futuras sobre o racismo no ambiente de trabalho.

Então eu levantei da mesa, fui lá, passei a mão no rosto dele, afinei a voz e imitei uma mulher! Aí, o Chagas, sem entender nada, disse assim: – Não estou entendendo essa brincadeira de vocês... (risos).

Mas, apesar dele ser assim, é uma pessoa muito querida. Nós tínhamos liberdade um com o outro (risos).

4.2.4 Joel Nogueira - O Churrasco que Não Deu Certo

É, eu vou te contar um fato que eu acho que deve ser meio cômico, assim, mas que também é trágico! O cara só não me cagou a pau porque não conseguiu me pegar...

Mas é assim: estava eu e um amigo meu lá no Parque Marinha, mas junto com mais pessoas. Só que, como eu e ele nos damos super bem, depois que a gente bateu uma bolinha lá, o pessoal foi para um lado, e nós fomos para outro. Daí eu botei na cabeça: – cara vamos tomar uma cerveja lá em Ipanema. Ele tinha um Escort na época. O cara é um baita cara, com quase 2 metros de altura! Parecia o Maurício, o jogador do Inter. Tinha uma presença! Ele tinha um Escort conversível e eu uma moto. E ele disse: – vamos lá, cara. Mas, antes disso, a gente já tinha tomado todas! Passamos no açougue, compramos uma carne. E ele disse que tinha um boteco para ir que eu ia gostar. E eu disse: – vamos aonde tu quiser, mas tem que ser em Ipanema.

Chegamos em Ipanema. Nesse boteco, que eu não sei se é de algum conhecido dele. Eu entrei e tinha uma churrasqueira e, enquanto ele foi buscar a carne no carro, eu olhei... uma gaiola no meio do salão... Mas estou a milhão pelo Brasil! Eu olhei... uma gaiola no meio do bar, com um gato. E eu inventei de levantar aquela grade da gaiola do gato, e esse gato deu um pulo e fugiu!

Eu achei que não tinha feito nada... Daqui a pouco, chegou um baita de um cara e perguntou quem é que tinha soltado aquele gato. E o único que estava ali era eu. Aí eu disse: – fui eu cara. E ele assim: – mas por que tu soltou o gato? Aí eu respondi: – cara, como é que tu vai botar o bicho aí? Como é que vai deixar o bichinho aí, preso?

– Mas, cara, quem é que te mandou mexer nesse gato?

– Cara o bicho tem que ser solto!

E eu, com aquele instinto de polícia: – Ô meu, seguinte: te liga rapaz! E ele assim: – Te liga tu! Tu vai ter dois minutos para largar daqui! E eu: – tá! Então tá!

– Ah é?! E o cara se avançou para cima de mim. Eu olhei a porta e não parei mais de correr! Aí, parei lá do outro lado da avenida. E o cara assim: – tu vai ver, tu vai ver! Porque tu vai ter que vir pegar tua moto. E eu assim: – Eu sei. Eu só não vou aí para não te machucar. E ele disse: – como eu quero que tu me machuque.

E esse meu amigo só dava risada, tomando cerveja... Acho que era amigo do cara! Eu acho que o cara me deu só um cagaço. Daí não sei o que o cara fez, ele nem esquentou a cabeça comigo, teve que sair. E eu aproveitei, peguei a chave e disse: – Ó cara, vamos embora, vamos comer essa carne em outro lugar. Daí saímos: “– vamos no primeiro bar que tiver por aí.

Então achamos um bar, um barzinho com umas pedras, e falamos: – cara, vamos fazer esse churrasco aqui mesmo. Aí chegamos no local, já improvisei uma grelha, acendi o fogo e tal. Nisso, tem uns quatro mendigos eu acho, mais ou menos uns quatro mendigos, tocando, falando americano. E eu penso: mas bem capaz! E digo: – e daí meu, não rola uma viola aqui? E os caras: – só se sair uma carnezinha. – É lógico. E o meu amigo: – mas já vai me arrumar outra, né? E eu: – não, não, os caras são gente boa... E ele disse: – seguinte: assim, eu não quero mais essa carne! Uma, esses caras já meteram a mão nela, e outra, não tem uma corda nesse violão! O que tu qué, rapaz? Tu só me arruma problema! Tu já me arrumou um problema por causa do gato. Agora tu me arrumou mais esse problema. Eu não quero mais! Te larguei, negão! Eu vou embora! E foi embora mesmo. E eu fiquei: “mas que cara ignorante!”

4.2.5 Almeida - Chinelas na Bunda

Tinha um colega nosso que veio transferido do Rio de Janeiro. Na época, não era da nossa turma e, quando nós víamos, ele estava aqui no Plantão, incomodando... Prejudicava o andamento do nosso serviço.

Num determinado dia, um colega que estava tirando serviço no Restaurante Universitário nos ligou, dizendo que esse colega que veio do Rio estava lá incomodando.

Então, resolvemos ir até o RU e trouxemos ele grampeado. Penduramos ele numa árvore, algemado, baixamos suas calças e batemos por alguns minutos de chinelo na bunda dele.

4.2.6 Marcelo Guedes - Pegadinha no Supermercado

Um fato que me marcou muito, foi uma coisa engraçada... Na época em que entrou a vigilância terceirizada pra trabalhar com a gente, por causa da defasagem de funcionários, né, tinha um vigilante da Rudder, chamado Fabiano. Ele era muito engraçado, estava sempre fazendo pegadinha com a gente. Eu me lembro dessa ocasião em que estávamos reunidos para fazer a janta do plantão da noite, e, aí, tocou pra mim a ida ao mercado pra fazer as compras dos mantimentos. E o Fabiano disse que iria junto comigo. Aí, eu logo falei para ele: – se tu começar de palhaçada no mercado... - já que ele estava sempre de arreganho. – o pau vai comer! E ele: – tá! Vamos juntos.

Chegamos no mercado, fizemos as compras todas... Quando chegou no caixa, ele começou a dizer coisas como se fosse minha mulher. Me chamava de meu amor e começou a perguntar: – amor, compramos tudo pra casa? A mulher do caixa me olhou... olhou pra ele com os olhos arregalados... o guri que estava empacotando as compras ficou olhando pra nós dois.

E o Fabiano de pegadinha... quanto mais eu xingava ele, mais ele tentava passar a mão no meu rosto, mais ele me abraçava, me chamava de meu amor. E eu louco para dá um soco nele! E a guria do caixa não se aguentou e começou a se finar, rindo. O pessoal da fila também estava olhando, e ele cada vez mais de arreganho. Paguei as compras ligeiro e saí do mercado. E ele veio: – ué, amor, tu está tão bravo comigo... E todo mundo rindo. Eu saí na porta e o pau pegou, veio apanhando no carro até a UFRGS [risos].

Ele era um cara que estava sempre fazendo brincadeiras com a gente e aprontando com cada um de nós. Então, foi uma coisa que me marcou muito porque passei vergonha no mercado.

4.2.7 Marcelo Schneider - O Trote do Vestibular

As histórias são muitas. Mas tem uma que é muito engraçada pela saída que o colega deu na hora.

Nós trabalhávamos por plantão. Antigamente não existia a Coordenadoria de Segurança, era SEVIG. Então, nossa sala era separada, mas dentro do Plantão. Hoje em dia, a Coordenadoria de Segurança tá separada do Plantão. O Plantão fica num

quartirão, e nós estamos num outro prédio. Mas naquela época nós trabalhávamos junto com o Plantão. Então, tinha aquelas trocas de turma pela manhã. O pessoal da noite que morava longe, quando tinha que ir ao banco ou fazer alguma coisa no centro, ficava esperando o tempo passar junto com o plantão do dia, até que o banco abrisse ou que chegasse o horário dos seus afazeres na rua.

Aí tinha um colega, o Paulo César Pereira, a gente chamava ele de PC. E o PC estava na escala da noite e, aí, naquele dia chegamos pro serviço e ele: – ah não! Hoje vou ter que ficar. Tenho que esperar até às 10 horas porque eu tenho que ir no banco. Aí ficou com a gente, na SEVIG, na parte da Secretaria, que é onde eu trabalho, e junto com o pessoal do Plantão. Então tomamos café, e ele, muito brincalhão, o tempo todo brincando com o pessoal. E o pessoal: – ô meu, nós temos que trabalhar, vê se para um pouco de rir que nós temos um dia pesado hoje pela frente, vai ter protesto de tarde hoje, e tu fica aí brincando. E o pessoal pedia pra ele parar, mas ele, muito brincalhão, não parava.

Então, não sei por que, alguém falou: – ô, se tu não parar, nós vamos te amarrar. Eu tenho o dia todo pra ficar aqui. E ele: – ah é?! Aí os colegas foram no vestiário e pegaram uns cordões e resolvemos amarrar ele na cadeira. Deixamos ele amarrado dentro do nosso plantão, numa cadeira giratória. – Ô, agora tu não te mexe mais! Para um pouco. Vê se fica quieto um pouco. Só que ele não parava nunca! Mexia com um, brincava com outro, xingava outro... Então alguém disse: – bah! Mas nem amarrado esse cara para!! E um dos colegas teve a ideia: – não... Esse cara tá incomodando demais! Vamos botar ele lá na rua! Aí, claro: a sacanagem sempre tem uma parceria. Já grudou um de cada lado, e botaram ele no meio do pátio todo amarrado! Numa cadeira dessas que gira.

E botaram ele lá na frente. E nós ficamos rindo dele... acho que dá uns 20 ou 30 metros de onde nós estávamos. Nós ficamos na porta do Plantão, e ele lá no meio do pátio, todo amarrado na cadeira.

Nós pegando no pé dele, e ele folgando de lá. E a gente não tinha se flagrado que tinha terminado uma aula, da antiga Escola Técnica, que tem as salas de aula quase na frente do plantão. E, quando vimos, sai um professor com uma turma de alunos! E daí nós ficamos até assustados né, preocupados: – bah! Olha ali! Pegaram a gente fazendo brincadeira... E aí passou aquele pessoal olhando pra ele... meio apavorado... e depois eles olharam pra nós, viram que ele era segurança e

perceberam que deveria ser alguma brincadeira. Mas olharam meio assustados pra ele...

E a saída dele foi a melhor! Ele disse: – Ô, essa foi boa... Olha aí! Não dá nem pra passar no vestibular... o trote que os caras fazem! O pessoal da turma saiu rindo.

Só segurança mesmo que faz isso...

4.2.8 Marcelo Schneider – Esperando uma Vítima

Nós aqui da segurança..., segurança é igual o pessoal das obras: o pessoal gosta muito de brincadeira, gosta muito de sacanagem. Então, o cara vive fazendo sacanagem de uma turma pra outra. Tipo trocar açúcar por sal..., essas coisas assim, que isso sempre gera brincadeira. Mas chegou uma época aqui, que começou umas sacanagens, umas brincadeiras que era bacia cheia de água em cima das portas. Então as portas ficavam todas entreabertas; e, às vezes, tu não via, mas tinha uma bacia ou um balde em cima da porta. E, só nessa daí, já têm várias histórias.

Mas tem uma que é muito engraçada, porque o nosso colega ficou muito bravo, o José Áureo. Ele é chefe da Cavalaria, que tem sede no Campus do Vale. Às vezes, antes de ir pro trabalho, ele tinha que fazer alguma coisa no centro e, então, passava aqui no setor, no Plantão, porque sempre tem alguma coisa pra levar: algum papel, uma escala, alguma coisa... Naquele dia, não me recordo ao certo o que ele tinha que fazer aqui, mas nós tínhamos colocado uma bacia d'água em cima da porta da Secretaria, onde nós ficávamos. E nós estávamos todos do lado de fora, esperando uma vítima chegar.

Aí, chega o nosso amigo Áureo, que é muito marrento e pega muito no pé do pessoal. Nós estávamos na frente do plantão e não podíamos entrar porque tinha uma bacia d'água na porta, aguardando uma vítima. E, quando vimos, chegou o José Áureo da Cavalaria. Ele foi no centro fazer alguma coisa e passou aqui pra pegar alguma escala ou algum papel que tinha pra levar pro setor dele. E nós ali na frente, esperando pra entrar, porque o balde ficava equilibrado em cima da porta, então, qualquer batida – quando o cara ia abrir –, caía aquele balde d'água.

E isso eu já fazia com muitas pessoas... Até tinha um quadro que nós colocamos uma época, que tinha 78 vítimas que tinham caído. Nós anotávamos o nome das pessoas. Então todo mundo já sabia disso, mas o Áureo, como estava naquela correria – não sei o que tinha que fazer no centro – e veio naquela de

passada: – eu já estou indo..., não tem ninguém indo pra Cavalaria? – Sim, vai um carro sim. Tenho que levar uma coisa no Campus. Aí te deixo na Cavalaria – Ah tá! Então eu pego carona. Só quero pegar meus papeis. Cadê aqueles papeis que eu pedi pra vocês? – Tá ali dentro da Secretaria.

Aí deixamos o Áureo entrar na Secretaria e ficamos só olhando, do lado de fora... Quando ele vai entrar na Secretaria, que ele abre a porta, cai uma bacia d'água nele! E ele ficou muito brabo! Se molhou todinho... e ele de sobretudo... era inverno. Mas estava muito brabo! Aí começou a xingar a gente: – por que isso não tem cabimento! Onde já se viu isso? Um serviço público, e vocês fazendo isso! Começou com aquelas histórias... Mas ele já sabia... porque tinha a história do quadro e ele conhecia várias pessoas que já tinham caído nessa.

Aí ele começou a nos xingar. Ele nos xingando e a gente rindo dele... E ele mais brabo ainda... Daí ele deu um chute na porta, mas muito brabo! Aí, bom, alguém tem que falar com ele... e ninguém quis ir falar. Então eu fui: – ô, calma aí... – Não! Mas onde já se viu! Eu de sobretudo nesse frio e vocês molhando a gente! Como é que pode?! Aí eu: – ô meu, te acalma... Não adianta tu brigar... Vai e te seca ali no vestiário. Mas de que adianta tu chutar a porta e quebrar as coisas? Não tem essa necessidade. E ele: – ah, mas vocês são muito isso, muito aquilo! Xingou e saiu. Foi pro vestiário.

Quando foi pro vestiário, tinha outra bacia lá.... E ele tinha tirado o sobretudo e estava carregando ele no braço. Quando ele empurrou a porta... mas caiu na cara dele! E molhou todo o sobretudo! Aí ele ficou muito brabo: – porque vocês vão me pagar! E eu: – ô, calma aí... Nós te levamos lá. Nós vamos pro Campus.

– Não quero mais nem ir com vocês! Onde é que já se viu isso?!, retrucou ele, furioso.

E tu não vai acreditar... O cara foi embora de ônibus, podendo ir de viatura, porque estava brabo com a gente.

Aí levou uns dois dias até que a gente pudesse chegar nele. Passaram dois dias e ele voltou. E eu: – e aí Áureo? Como é que foi? E ele: – pô cara! Aquela dali não deu pra aguentar! Porque o seguinte: não estava chovendo. E todo mundo me olhando no ônibus... o sobretudo pingava... e as pessoas não entendiam por que eu estava todo molhado. E eu bravo... com a cara de bravo. Então ninguém me perguntou nada também.

4.2.9 Marcelo Schneider – Esperando a Próxima Vítima

É... Na verdade, essa da água, a gente fazia sacanagem pra gente mesmo. Tinha dois momentos: ou a gente colocava o balde d'água e ficava dentro da sala – mas ficávamos presos porque, se tu mexesse na porta, imagina uma bacia ou um balde equilibrado em cima? Não dava pra mexer, né? Então a gente ficava preso. E o engraçado dessa história é que a gente acabava se punindo, porque queríamos ir no banheiro, mas não podíamos porque tinha que esperar alguém cair na brincadeira. Ou – que nem na época em que a gente contou do José Áureo – nós ficávamos do lado de fora, fora da sala, esperando alguém entrar na sala pra cair, pra, só então, poder entrar na sala porque, pra tirar a bacia cheia d'água de cima, com certeza, iríamos nos molhar. Então, nós ficávamos presos dentro da sala, ou fora, sem poder sair ou entrar.

E, numa dessas, que nós ficamos presos dentro da sala e não chegava ninguém, já tinham passados uns 40 minutos e não chegava ninguém... Porque, como o Plantão funcionava o tempo todo, eles saíam pro pátio, faziam uma ronda...

Na volta, eles sempre entravam pra conversar com a gente e, nisso, alguém caía na brincadeira. Só que, naquele dia, eles ficaram observando alguma coisa lá por baixo, e nós não tínhamos como sair da sala. Nós esperando... esperando... Estávamos entre três ou quatro dentro da sala: um queria ir no banheiro, o outro tomar um café... E nós não podíamos sair... Só esperando alguém chegar... E ninguém chegava!

Tu não vai acreditar no que aconteceu: nós estávamos olhando pela janela, esperando que alguém chegasse... E tu não vai acreditar... Quase tivemos um “ataque”! O chefe retornando do centro... O Prefeito Universitário, o Itabira! A segurança era vinculada à Prefeitura do Campus, naquela época. E aí, ele vem descendo as escadarias e, quando nós o vimos, falamos: – só o que falta ele vir pra cá! E foi a gente fechar a boca, ele dobrou à esquerda, em vez de seguir reto no corredor. – Esse cara vai vir pra cá!

O meu chefe imediato, na época, o Ênio Verçosa, disse: – cara, tira daí! O Itabira vem vindo! E eu respondi: – eu não vou tirar! Já tem 78 no quadro... Vai ter mais um...

– Não cara! Tu tá louco?! É o nosso chefe!

– Não, meu chefe é tu. Quem vai ter que tirar é tu.

– Com o que tu tá brincando rapaz?! É o nosso chefe! Tu tem que tirar!

– Não, eu não vou tirar. Já tem 78 ali no quadro. Bem capaz! Ele vai ter que abraçar essa... Se eu for tirar ainda vou acabar me molhando.

– Não cara! Tu tem que tirar, não sei o quê...

– Não! Ele vai ficar aí. Porque eu não vou tirar.

Aí, o coitado do nosso chefe teve que tirar e, claro, quando ele tirou – ele era mais baixo do que eu –, caiu um monte d’água nele! E ele ficou todo molhado. Nisso, o Prefeito entrou: “– o Verçosa tá aí?

Daí eu sacaneei ele: – Sim, sim. Tá aqui.

– Verçosa! Mas o que houve, que tu tá todo molhado?!

– Ah! Nós estava limpando aqui e virou uma bacia em cima de mim. Coloquei ela em cima do armário e, na hora de tirar, não vi que estava com água. E virou a água em cima de mim. Ele contando essa história... Mas, na verdade, ele foi tirar a bacia pro chefe não cair e foi ele que se molhou todo.

Nós ficávamos sempre presos dentro da sala, ou fora, até que alguém caísse na brincadeira.

4.2.10 *Mozarte - Degustação de Marijuana*

Ah não, isso aí tem bastante! Mas o que me ocorre, assim, são dois.

Vou contar um: eu trabalhava no Pórtico. O Pórtico é uma guarita que fica na entrada do Campus do Vale. Essa guarita fica bem no meio da rua; ela que divide o canteiro. Aí, estava eu e meu colega tomando um chimarrão..., parou o ônibus. Normal... Tem uma parada de ônibus bem na frente da guarita. Agora ela está um pouco mais distante... uns 50 metros distante da guarita..., mas, naquela época, ela era quase em frente.

Nós estamos ali, sentados... verão... tomando um chimarrão... E, aí, parou o ônibus. Tudo bem, tudo normal. É normal parar o ônibus, já que é uma parada de ônibus. Então o ônibus arrancou. Ficaram dois indivíduos, elementos, conversando, e um botou a mão no bolso, puxou um cigarro de maconha e acendeu. Aí, o meu colega Jair Marques, que estava ao meu lado, olhou pra mim e disse: – poxa, mas isso aí é uma falta de respeito com a gente, né Mozarte? Vamos lá?

– Vamos lá!

Só que, quando a gente se deslocou em direção aos dois rapazes que estavam na parada do ônibus, o que estava com a maconha na mão – que a gente presumiu que fosse um cigarro de maconha, já que tinha cheiro e característica de maconha –, ele simplesmente saiu correndo! E eu saí correndo atrás dele, lógico, em perseguição. Só que eu notei que, na corrida, ele foi correndo e comendo a maconha, comendo, comendo, comendo... Foi comendo a maconha!

Quando chegou na Avenida Bento Gonçalves, que ele viu que eu não ia parar de persegui-lo, ele parou; parou e levantou as mãos. Quando ele levantou as mãos, eu olhei e percebi que elas estavam vazias. Aí, perguntei pra ele: – tá, vem cá cara...Cadê a maconha que estava na tua mão? E ele: – ué, que maconha? Não estou vendo maconha nenhuma. – Mas como, rapaz?! Se vi tu acendendo a maconha e fugindo com o cigarro de maconha na mão!

Aí, eu pedi para ele abrir a boca e, eis que eu me deparo: a boca dele estava toda suja da erva. Tu não vais acreditar, cara, mas, no momento em que ele estava correndo, ele estava comendo a maconha. Estava fugindo do flagrante, entendeu? [rindo].

Eu achei tão engraçado que fiquei sem ação, sem ação na frente dele. O que eu pensei: “bom, se não se tem a materialidade do crime, logo, não se tem crime”. Aí, eu mandei ele embora, né... Mandei ele embora, só que, quando eu mandei, lembrei que tinha ficado um outro com o meu colega.

Então pensei: – bah, meu colega ficou sozinho com o outro... E se o outro estiver armado? Voltei correndo. Só que voltei correndo e olhando para o meu colega, e quando cheguei perto do outro elemento, do outro rapaz que estava com ele... tu não vai acreditar!! [rindo]. O meu colega gritou: “– Para Mozarte! Para! Olha pra baixo! E eu pensei que o cara que tinha ficado com ele estivesse armado, com a mão na arma, sei lá, alguma coisa assim...

Botei a mão em cima da minha arma! Quando eu olho pra baixo, eis que ele não tinha uma perna. Ele estava de muleta! Por isso que o cara não correu.

4.2.11 Mozarte - Medo de Apagar a Vela

Bom, mas essa foi engraçada depois que terminou, né... Enquanto estava acontecendo, a ocorrência foi muito tensa!

Então, o negócio é o seguinte: nós tínhamos uma ordem, aqui na UFRGS... Porque antigamente, na Faculdade de Veterinária, era cerca de arame farpado. Então, cresciam aqueles chuchus, que se enrolam e criam tipo uma rama nos arames farpados, e depois que passa a época, eles ficam todos secos; e nós tínhamos, aqui na UFRGS – agora tem, mas é menos – muitos Centros de Umbanda, casas religiosas de matriz africana, que vinham largar os seus serviços aqui. Entre aspas os seus serviços, como eles chamam, suas oferendas.

Nós tínhamos uma ordem, aqui na UFRGS, da segurança, que eles poderiam fazer suas oferendas, mas não poderiam acender velas em cima da grama, porque isso estava dando muito incêndio, pois as ramas estavam muito secas naquela época. Estávamos numa estiagem muito grande no Rio Grande do Sul. Então a ordem era essa: que eles poderiam largar as oferendas, mas que não acendessem velas. E que, se precisasse acender velas, teria que ser próximo do cordão da calçada entendeu? Para não pegar fogo, né...

Bom, eu estou trabalhando no Pórtico, esse da entrada do Campus do Vale, trabalhando ali... E lá, bem na esquina com a Bento Gonçalves, chegou uma Terreira né, que nem se chama... uma Terreira, com seus integrantes, todos vestidos a caráter, do Centro de Umbanda. E começaram... bate tambor, bate tambor... E eu pensando, cá comigo: “ai meu Deus do céu... tomara que eles não acendam vela...” Porque era bem numa época de seca. Então tinha rama de chuchu seca na cerca da Veterinária, que começava na Bento e terminava dentro do mato. Se pega fogo naquilo ali... bom, aí eu estava enrolado! E eu só pensava cá comigo, eu sozinho: “cara, tomara que eles não acendam vela; senão, vou ter que ir lá...” Pois não é que eles começaram a acender vela? E o tambor cantando... bate tambor, bate tambor e canta e canta e canta... E eu pensando cá comigo: “meu Deus, o que eu vou fazer?”

Tive que ir lá! Eles estavam acendendo vela. Aí cheguei lá na Terreira e, depois, foi engraçado, porque, na hora, foi tensa a coisa! Aí perguntei: – vem cá, quem é o chefe? Ou o Pai de Santo? Ou o cara que coordena? Veio o cara: – pois não, o que houve? E eu disse: – olha, meu senhor, o negócio é o seguinte: o senhor pode largar aqui a oferenda pros santos, bem bonitinho. Só que as velas, o senhor não pode acender onde o senhor tá querendo acender, porque vai pegar fogo aqui. A gente tem uma ordem. Até porque se pegar fogo aqui, vai dar uma confusão danada. Então por que o senhor não acende aqui... bem no cordão da calçada, junto ao asfalto, que não tem perigo nenhum?

Mas como já tinha umas velas acessas ali, ele olhou pra mim e disse: – ah, não tem problema, vai lá apagar. Aí eu disse: – não, espera aí meu amigo. Vamos começar de novo: olha só, eu estou tendo toda a educação contigo... E contei tudo pra ele novamente..., a mesma coisa. E ele respondeu: – olha, tudo bem, o senhor pode ir lá apagar. Então eu tive que retrucar: – olha, meu amigo, eu não vou lá apagar porque não tem cabimento. Eu não sei o que tu fez aí..., eu não sei pra quê... E se eu boto a mão aí e um santo me castiga depois? Na verdade, eu estava com medo de apagar a vela. Como é que eu vou apagar a vela de um santo, rapaz? Sem chance!!

E o que me ocorreu na hora foi dizer: – olha só meu amigo, se o teu santo é verdadeiro, e eu acredito que ele seja, ele tá vendo que eu não estou mentindo. E não é porque tu vai tirar a vela ali de cima que ele não vai te atender. Eu não sei o que tu pediu, eu não sou de religião, não faço parte da religião. Não acredito e não descredo, como eu vou apagar a vela do santo? Sem chance.

Nisso, já incorporou! E baixou o santo nuns dois, três, lá! E já começaram a gritar! E eu pensei: “meu Deus do céu! E agora? O que eu faço?” E aí, disse pra ele: – olha meu senhor, o senhor não vai levar a mal, mas o senhor vai ter que tirar as velas daí, senão, eu vou ter que ir numa outra Sessão que tem aqui perto – e não tinha nada, eu nem sabia se tinha também né... – eu vou ter que ir numa outra Sessão aqui perto, pedir uma orientação, ver se eu posso apagar ou não apagar as velas, por que, se pegar fogo aí, quem vai se ralar é eu e o teu santo.

Claro que, agora, contando... agora, eu estou rindo, mas, na hora, foi muito *punk* o troço! Ele me olhava com uma cara de quem queria me matar. Eu não sabia se era o anjo da guarda dele ou o santo que baixou nele que me olhava atravessado.

Aí, ele me olhou assim: – ta bom... vou acreditar em ti. Mas se tu estiver mentindo, tu vai sofrer as consequências.... E eu: – cara, eu não estou mentindo!

E, nisso, eu comecei a me descreditar. Será que é verdade mesmo? Será que essa ordem de serviço é verdade mesmo? Ou eu excedi? Por que, se essa ordem de serviço for mentira, eu estou ralado, né? Aí ele foi lá, pegou as velas e botou direitinho no lugar certo. Olhou pra mim: – aqui tá bom? Eu disse: – não, aí tá ótimo! Até se for uma coisa pro bem, pede uma segurança pra nós, que estamos trabalhando de noite. Ele olhou com uma cara como quem dissesse: – eu vou pedir é pra te queimarem com essas velas! E, enquanto eu estou falando com ele, o tambor tá tocando, os cânticos não pararam. E aquilo parecia que entrava lá no fundo do meu cérebro, sabe? E eu pensando: “meu Deus do céu! Me tira daqui. Faz com que esse cara acredite em mim”.

Mas, graças a Deus, ele foi embora, e eu voltei pro Pórtico – mas voltei assim... apavorado!

Bom, naquela noite, eu enxerguei até gente caminhando na volta do Pórtico.

4.2.12 Odilon - Pânico no Elevador

No ano de 82, eu trabalhava sozinho no prédio da Gráfica, no Campus da Saúde. As aulas encerravam às 23 horas, por aí. De vez em quando ficava algum professor, algum funcionário... Então, geralmente, perto da meia noite, eu pegava o elevador, subia até o quarto andar e descia pelas escadas, revisando as portas, as janelas, apagando luz, alguma coisa que tivessem deixado aberto ou ligado... E, nessa noite, o mês eu não me recordo, se era abril ou maio, eu, como de rotina, chamei o elevador. Geralmente ele já estava no térreo. Mas, nesse dia, ele estava lá pra cima, no quarto andar, eu acho, terceiro... E eu apertei o botão pra ele descer e, não sei se deu uma pane, mas ele desceu muito rápido! Não era normal ele descer desse jeito. Descida rápida e com barulho. Aí, abriu a porta e, quando eu fui entrar no elevador, parecia que era uma pessoa que estava enforcada dentro dele! E eu me assustei muito! Fiquei muito nervoso! E, claro, depois fui analisar, e era um boneco. Só que esse boneco era perfeito, como uma pessoa, bem vestido... tinha cabelo... Botaram cabelo! Naquele momento, era uma pessoa pra mim!

Eu sei que esse boneco deu muito comentário, por muitos anos... E ele rodou pelo Campus Centro, Campus da Saúde, Campus do Vale. Então, o boneco ficou famoso. E aquele boneco quase matou um guarda de susto! Depois daquele momento, eu passei a noite muito mal. Continuei trabalhando com as minhas escadas lá na Gráfica, mas nunca mais peguei elevador. Subia pelas escadas e descia pelas escadas. Naquele setor, eu não quis mais saber de elevador. Foi horrível a cena. Foi muito horrível! E, na época, a gente não usava nem arma, e o prédio era escuro... não tinha nem luz pelas redondezas do prédio. Muita escuridão pela cidade... E, na época, a Universidade era muito aberta.

4.2.13 Careca - Cardápio da Janta

Nós estávamos num plantão da noite, sem dinheiro. Eu estava louco de fome, pra jantar. E comecei a conversar com um colega, mas, daí, outro colega saiu e não

falou para onde iria. E aquilo demorou uma hora mais ou menos... E esse colega que havia saído chegou lá com um ratão do banhado! Aí, ele limpou, cozinhou o tal ratão. Só tinha água e sal. E ele fez aquele bicho mesmo assim! Mas eu era meio nojento para comida e, então, acabei não comendo. Na hora, a gente não ficou sabendo de onde ele tirou o bicho, no entanto, depois deu uma polêmica, e ele foi chamado pela chefia, e acabou falando. Contou que ele pegou o bicho, deu umas pauladas, sangrou e matou; e que botou nas costas e o bicho veio pingando sangue..., entrando no pátio da UFRGS. E os pingos de sangue terminaram lá na guarita. Daí, o cara que cuidava o pátio, que era um engenheiro, parece – chamavam ele de Paulão –, viu aquele sangue e foi seguindo o rastro das gotas do sangue e, então, quando chegou na porta da guarita, o sangue sumiu. E, na cabeça dele, falou pra todo mundo, e foi falar para a chefia, que os guardas tinham matado uma pessoa, e que tinham escondido o corpo. E daí deu um bafafá, né?

Então, nós tivemos que contar tudo: que era um ratão que ele tinha pegado na Redenção. Eu não comi aquele bicho por que fiquei com nojo. Só tinha água e sal, e o ratão tem que ser bem temperado, né? Os outros comeram, mas eu não comi. Aquele bicho com aqueles dentes aparecendo ali, em cima da mesa... Que nojo!

4.2.14 Renato – Mata Afrodisíaca

Eu recordo de um fato bem engraçado... que foge bastante da questão de segurança.

Eu era novo na Universidade... isso foi lá por 92/93... trabalhávamos, eu e o colega Telmo Farias, no posto do Biotecnologia, que, naquela época, ainda era guarnecido pelo nosso pessoal. E, além daquela área, onde já existia o prédio da Ecologia e uma parte pequena da Informática, a gente também tinha um certo controle sobre o espaço da Universidade onde havia a vegetação nativa, digamos assim. E tinha o antigo anel viário. Antigo porque ele era bem maior do que é hoje, acredito que o dobro do tamanho... era uma área bem maior.

Nós cuidávamos dos prédios. Apesar de serem poucos, era uma área extensa, porque ainda tinha o que a gente chamava de “esqueletos”, que eram aqueles prédios que, hoje todos estão prontos, construídos, mas, naquela época, havia apenas os pré-moldados, digamos assim. Cuidávamos daquela área ali e mais o anel viário, que, na ocasião, era aberto e tinha trânsito de pessoas estranhas à UFRGS, que atalhavam

por ali. E, por isso, fazia parte da nossa rotina dar uma caminhada pelo anel viário. Na época, era de terra, chão batido. Às vezes, carros furtados eram abandonados lá. Acontecia também de pessoas irem pra lá pra fazer trabalhos religiosos e acabavam acendendo velas, com risco de queima da vegetação... enfim...

Então, fazia parte da nossa rotina fazer aquele circuito também. E, numa dessas ocasiões, estávamos eu e o Telmo Farias caminhando por ali e, como tinha trânsito eventual de moradores daquela região, nós encontramos uma bola de futebol, sem couro, assim, rasgada, amarela. E o Farias chutou ela pra mim. Era uma bola furada, sem couro... Assim..., acho que nem tinha mais nada dentro.

Ela veio alta, e eu levantei o braço para tentar defender. E defendi. E quando ela caiu no chão, eu virei. Só que a gente estava passando por um local que tinha o cruzamento de um córrego canalizado; e esse lado, que eu virei, era o lado mais baixo, e ali havia uma parte profunda, um barranco como se diz, onde a água saía. Quando a bola caiu e chegou na beira daquele barranco, eu olhei lá pra baixo e vi um camarada deitado por cima de uma boneca de pano do tamanho de uma pessoa normal. E ele estava lá... abraçado naquela boneca. E ora ele beijava a boneca... ora ele transava com a boneca, fazia um sexo com ela... Sei lá qual é o termo que se usa numa situação dessas! Foi uma coisa que, assim, num primeiro momento me causou espanto!

Então eu chamei ele e disse: – Quem é tu? O que tu tá fazendo aí?

E ele colocou a roupa – porque ele estava sem roupa. Vestiu um macacão, e o macacão estava lá na canela dele! E ele ali, bem faceiro... namorando...

E aí, ele ficou meio assim, sem reação. Então, deu pra ver que se tratava de um andarilho. Inclusive, o cara tinha as costas retalhadas. Não sei, parecia que ele tinha apanhado de facão! Então mandei que ele subisse o barranco:

– Sobe e te identifica.

Ele começou a subir e eu: – Não! Traz tua namorada!

Aí, ele pegou a boneca e subiu o barranco. Só que, na verdade, a gente não sabia do que se tratava. Naquele momento, era uma coisa muito estranha, muito estranha mesmo! Mas, claro, depois que ele subiu, a gente percebeu do que se tratava e tal...

E ele subiu com um saco também! Trazia consigo um saco cheio de roupas e um pouco de lixo, e, aí, deu pra ver que ele era doente. E trouxe a namorada... E a namorada nada mais era do que duas meias de mulher, assim..., cheias de enchimentos de papel e tecido. Tinha uma peruca e tudo. Eu acredito que tenha sido

algum trabalho religioso que alguém fez. Mas ele a encontrou ali... e aí resolveu curtir a namorada e tal!

Não tinha documento..., não tinha nada... Mandamos que ele fosse embora, e ele partiu. E deixou a namorada pra trás!

Toda a vez que a gente conversa sobre isso... Inclusive, agora, questão de uma semana atrás, eu acho, eu tive lá no Campus do Vale, conversando com o Telmo farias, e a reação dele é “sempre” a mesma! Ele sempre diz, com um ar de espanto – deixa eu tentar lembrar o termo que ele usa –... Ele faz assim, uns olhares, e fala: – Bah, ele tinha uma “benga” desse tamanho!!

E diz até hoje. Se tu mostrar essa gravação pra ele, sem essa última parte, e falar: – Oh meu irmão, o que tu lembra dessa história?

Ele vai se focar na mesma parte e pontuar a mesma coisa. Foi o que ele fez com o Daniel, nosso chefe. Nós estivemos lá no Campus do Vale, com o Daniel, e aí eu contei que havia conversado contigo e tal, sobre esse trabalho, e que eu iria contar aquela história do cara que a gente encontrou naquela vez... E a primeira reação do Farias foi essa:– Bah! O taradinho com a “benga” desse tamanho!

4.2.15 Lazaro - Tremia Igual Vara Verde

Então, certo dia, estávamos de serviço, e eu era o supervisor. A turma era composta de cinco ou seis integrantes. Um deles, o senhor Maia, já falecido. Aconteceu que dois indivíduos estavam bebendo no interior do bar, localizado dentro do primeiro piso da antiga Faculdade de Medicina. Não lembro bem exatamente o ano, mas creio que era por volta de 98. Chegando lá, percebemos que aqueles dois já estavam levemente alterados. Com muita calma, conversei com o dono do estabelecimento. Ele já tinha informado aos dois que precisava fechar as portas, devido ao horário estabelecido pela Faculdade. Bom, observei aqueles dois, e percebi que um deles havia cochichado algo para o outro... Disse, então, o maior deles, calculo 1,82m de altura, robusto: – vamos permanecer aqui só pra ver o que eles farão... E o outro, por sua vez, concordou, acenando com a cabeça, em tom de deboche...

Estávamos encostados no balcão do bar, em pé, postura ereta, como todo o vigilante... O tempo foi passando, e eles apenas davam muitas risadas, cada vez mais debochadas... Estávamos lá para garantir a ordem. Pensei: “tenho que tomar uma atitude, afinal eu sou o chefe”. Dei ordem para meus colegas: – vocês fiquem aqui. Eu

já volto. Fui até o Diretor da Faculdade e coloquei-o a par da situação. O Diretor, por sua vez, foi até o local e conversou com os dois rapazes. Depois, se dirigiu a nós e disse: – agora o resto é com vocês...

Esperei e notei certa tensão por parte da equipe, pois já esperávamos uma grande confusão... Me dirigi à mesa onde eles estavam, já com garrafas de cerveja em cima, e, então, educadamente, comuniquei a eles que tinham que se retirar, pois havia esgotado o tempo de permanência de ambos. Foi quando começaram a dar gargalhadas, e o clima foi ficando pesado.... Decidi retornar para perto dos colegas e, como de costume, arquitetar um plano: – vou até lá e tiro as garrafas, por serem perigosas, caso o caldo engrosse...

Entre os colegas, havia um que era muito nervoso. Qualquer coisa tremia. Sempre o deixava na retaguarda. Não fazia mal nem para uma mosca. Era só nervoso mesmo... Só que ele tinha uma das pernas que por nada obedecia. Qualquer atrito, por menor que fosse, ela começava a tremer.

O tempo foi passando, e aqueles dois nada de saírem. Foi então, que tomei a decisão: – bom, agora vamos encarar estes dois de qualquer maneira, antes que fique chato pra nós... Todos concordam? Então vamos lá!

Mas, antes, vou pedir mais uma vez, a gentileza de se retirarem... Olhei para os colegas e fomos em frente... A situação ficou tensa... Olhei para o colega, aquele da perna, e pedi: – por favor colega, para de tremer esta perna. E ele respondeu: – eu não consigo! Olhei para a perna... De fato, era difícil... Tremia muito, mas muito mesmo! Aconselhei então: – fica encostado no balcão. Não adiantou...

Percebi que a perna cada vez tremia mais! [risos].

Finalmente, os dois foram saindo do recinto. Mas, cada vez que lembro da perna do colega... kkkk... caio na risada!!!

4.3 Narrativas Sedimentadas na Memória dos Vigilantes

A análise das informações contidas nas narrativas foi realizada de acordo com o tipo de dado gerado pelo instrumento de pesquisa. Dessa forma, os conteúdos inferidos por meio das entrevistas gravadas foram imediatamente transcritos na sua íntegra. Em seguida, procedeu-se uma leitura detalhada de todo o material.

Ao analisar acuradamente as narrativas, relacionamos os relatos à memória, à construção do imaginário e à identidade individual e coletiva dos narradores.

Sobretudo, relacionamos esses aspectos com a vida cotidiana dos vigilantes. Camargo (2009) destaca a importância das narrativas para a construção da memória dos sujeitos pesquisados, pois, por meio dos depoimentos, eles contribuíram para o patrimônio cultural compartilhável da Universidade.

Iniciamos observando que, ao longo dos discursos, aparecem algumas expressões temporais, como “logo no início”, “naquela época”, “antigamente”, “na época”, utilizadas por Petiço, Renato, Mozarte, Odilon, Marcelo Scheneider, Joel, Bira, Marcelo Guedes e Almeida. Essas expressões informam que os episódios ocorreram em um passado distante. A referência ao “antigo anel viário” feita por Renato; o termo “xadrez”, utilizado por Petiço para denominar o banco de trás da viatura – que caiu em desuso – e os guardas da Prefeitura que não rondavam o Parque da Redenção de carro, como rondam nos dias de hoje, também referidos por Petiço, admitem recordações que, da mesma forma, advêm de um passado longínquo e marcante. Para Halbwachs (2004, p. 71) “os quadros coletivos da memória representam correntes de pensamentos e de experiências onde reencontramos nosso passado”.

Muitos acontecimentos, como os das histórias de Renato e Mozarte, são narrados com riqueza de detalhes. Alguns narradores evidenciam memórias positivas, como nas falas de Petiço, que exalta a relação com a Brigada Militar daquela época; e memórias negativas, como quando ele utiliza a expressão “vacas magras”. Todos os vigilantes narram seus fatos pitorescos de forma cômica, exceto Almeida, que ficou introvertido e não detalhou os fatos como normalmente detalha quando está em serviço. Movimentos involuntários do rosto, como os de Pisca, podem gerar situações engraçadas, mas ao mesmo tempo constrangedoras para quem manifesta comportamentos considerados atípicos. Contudo, o narrador conta o episódio aos risos, demonstrando encarar os fatos de forma cômica.

A entrevista narrativa é responsável por evocar muitas lembranças nos entrevistados. Ao serem perguntados sobre a existência de algum fato pitoresco ocorrido em suas vidas, eles reagiram da mesma forma: com semblante pensativo. Ao iniciar sua narrativa, Pisca diz: “– bah, tem várias...”. Percebemos, na fala, que o vigilante revisita brevemente o passado ao lembrar que existem vários episódios pitorescos que constituem seu imaginário. Porém, ele escolhe narrar o fato que julga ser o mais engraçado. Ao descrever que carros eram furtados e abandonados, que acontecia também de pessoas fazerem trabalhos religiosos e que acabavam acendendo velas, com risco de queima da vegetação, Renato também revisita o

passado, visto que recorda de outros acontecimentos que vão além do fato que ele estava narrando. Assim como Marcelo Schneider, ao descrever que o colega vinha com o carro e esquecia de colocar gasolina. Podemos compreender as narrativas a partir dos escritos de Bauer e Gaskel (2002, p. 91), “através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”.

Outro aspecto a ser apontado é que, ao unirmos fragmentos de recordações, construímos um conjunto que resultará na totalidade da memória. Isso é evidenciado em alguns trechos das narrativas: ao citar o modelo e a cor do veículo e apenas o numeral da placa da viatura - não mencionando as letras - Petição revela fragmentos de sua memória e evidencia um passado descontínuo. Nas narrativas, ficam evidentes as lembranças de apenas alguns fatos ou cenas, enquanto outros foram esquecidos, assim como descreve Lazaro, ao dizer: “- não lembro bem exatamente”; Pisca, ao dizer: “- não me recordo ao certo”; e Odilon, ao dizer: “- o mês eu não me recordo”. Na busca de significado para esses eventos Thiesen (2013, p. 87) salienta: “para que determinadas lembranças aflorem é necessário que outras fiquem adormecidas, contidas, silenciadas ou mesmo esquecidas”.

Apesar de individual, a memória também é construída pelas relações sociais. Desta forma, Pisca relaciona suas recordações contadas a um colega chamado Marcelo Schneider, visto que, em todos os fatos narrados, este colega esteve junto e o defendeu.

Na teoria de Halbwachs (1990), um indivíduo carece de outros indivíduos para formalizar uma recordação, uma vez que ele não é capaz de sustentá-la por muito tempo, ou seja, é preciso preservar o elo entre os integrantes do grupo para que a memória permaneça, assim provado pela narrativa de Renato, que compartilha a memória de seu colega ao dizer: “- toda a vez que a gente conversa sobre isso, inclusive, agora, questão de uma semana atrás, eu tive lá no Campus do Vale, conversando com o Telmo farias, e a reação dele é “sempre” a mesma! Ele sempre diz [...]: - bah, ele tinha uma “benga” desse tamanho”; referenciando com as mãos o tamanho do pênis do andarilho.

Pisca também deixa isso evidente ao dizer que seu colega Marcelo Schneider “- conta até hoje” o mesmo fato narrado por ele. Deste modo, Pollak (1992) salienta

que a memória é uma construção social constituída a partir das relações mantidas entre os grupos.

Marcelo Schneider, quando cita o trecho: “segurança é igual ao pessoal das obras: o pessoal gosta muito de brincadeira, gosta muito de sacanagem”, evidência que a memória coletiva, além de ser a base para construção da identidade, é sempre uma memória em grupo a que o indivíduo pertence (HALBWACHS, 2013). Podemos ainda traçar um paralelo entre as lembranças de Mozarte e Renato, que, apesar de narrarem fatos bem distintos, compartilham uma recordação em comum: o risco de queima da vegetação diante das velas acesas nos trabalhos religiosos. O início da narrativa de Marcelo Schneider permite-nos analisar uma característica do cotidiano de seu grupo – “vive fazendo sacanagem” –, que é um marco da sua coletividade, e é lembrada ao ser contada no episódio. Ainda assim, quando Marcelo Schneider cita um colega marrento, que tem uma conduta diferente dos demais vigilantes, notamos a relação antagônica entre os membros: um comportamento dos que cometem o ato, e outro, oposto, daquele que reage. Para Becker (2008, p. 27), o desvio “não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete o ato e aquelas que reagem a ele”.

Ao exporem suas experiências, os vigilantes exteriorizam características que acabam os definindo e caracterizando parte de sua identidade (RODRIGUES, 2017). Os objetos contidos nas imagens mentais dos grupos, descritas pelos autores das entrevistas e a lembrança em comum de colegas, como a de Renato e a de Telmo Farias e como a de Marcelo Schneider e a de Pisca, também caracterizam a identidade do grupo a que pertencem. Para Bauman (1998), a identidade, que também está relacionada a grupos, é o resultado de uma construção ao longo dos anos por cada indivíduo. Segundo Halbwachs (1992), a identidade reflete todo o investimento que um grupo faz, ao longo do tempo, na construção da memória. Portanto, a memória coletiva está na base da construção da identidade.

Revisitar a memória é buscar informações que foram arquivadas durante um longo período, de forma que, ao revisitarmos um passado distante, formamos um acervo de imagens mentais. Mas somente as imagens mais relevantes são transportadas para esse acervo.

Um aspecto relevante da memória é que as lembranças de um ocorrido podem interferir na relação do indivíduo com o exterior. Percebemos essa ocorrência na narrativa de Odilon. Após o susto no elevador, o vigilante declara ter mudado a rotina

e nunca mais ter pegado o elevador. Subia pelas escadas e descia pelas escadas. “– Naquele setor, eu não quis mais saber de elevador”, salienta o narrador. Mozarte acrescenta à narrativa de Odilon em torno do medo ao dizer, no início de sua fala: “[...] a ocorrência foi muito tensa!”. O narrador descreve toda comicidade dos fatos em função do seu medo de apagar as velas.

Analisamos, em seguida, o imaginário, por meio da linguagem das narrativas e indagamos o cotidiano dos vigilantes, o que nos levou a explorar esse imaginário. Na teoria de Vygotski (2011), as imagens mentais que estão na imaginação formam o imaginário de cada um. As imagens, sejam elas criadas pela fantasia sejam elas concretas, são capazes de despertar emoções e sentimentos reais. As imagens contidas no imaginário de Almeida, de Joel e de Careca foram narradas de forma a parecer que os entrevistados vivenciavam o episódio em tempo real, pois, ao citar os objetos contidos no episódio, os narradores gesticularam como se os vissem em tempo real. Afinal, a memória tem relação com o espaço e o cotidiano (TEDESCO, 2014). Os gestos deles, que são expressões artísticas, compõem uma linguagem que permite observar uma perspectiva de mundo de quem a expressa e de quem a observa, ilustrando a ideia de pitoresco. Neste sentido, para Burke (2004, p. 54), a “ideia de pitoresco ilustra um aspecto geral sobre a influência das imagens na nossa percepção do mundo”.

Neste mesmo contexto, Bira utiliza, além de gestos, a linguagem sonora (sons imitando macaco) para a comunicação, recurso denominado de onomatopeia.

A linguagem é uma forma de comunicação e as metáforas são recursos de linguagem que também estão diretamente atreladas à memória e à narrativa. As metáforas são responsáveis por exaltar a narrativa, pois permitem um pensamento aberto e que provoca sentimentos e emoções. Na esteira do pensamento de Pais (2003) ao narrarmos experiências por meio de metáforas, acabamos resgatando as memórias, pois elas são representações simbólicas que nos permitem reviver as experiências contadas, assim como fez Petição ao utilizar a metáfora “vacas magras” para representar um acontecimento de um passado já vivido. Lazaro usa a metáfora “o caldo engrosse” ao se referir a uma eventual confusão. Bira, ao descrever “peguei no pé dele”, que significa *azucrinar*. Assim como Marcelo Guedes ao usar o termo “o pau vai comer” e “o pau pegou”, significando *agressões*. Ainda, Joel utiliza várias metáforas: “cagar a pau”, como *agressão*; “daí eu botei na cabeça”, como *pensei*;

“estou a milhão pelo Brasil”, como *estou bêbado*; “esquentou cabeça comigo”, como *se importou comigo*; e “me deu só um cagaço”, como *me amedrontou*.

Outra figura de linguagem bastante utilizada nas narrativas é a hipérbole. Uma vez que sua ocorrência define um exagero, sua função na narrativa é impressionar o ouvinte e fazer com que a narrativa pareça engraçada. Deste modo, Lazaro utiliza a expressão “cada vez que lembro da perna do colega... kkk caio na risada...!!!”, para ratificar a comicidade do fato.

Por fim, analisamos os lugares de memória, que são definidos por serem locais em que a memória social está ancorada, onde há a fusão entre o cotidiano e a experiência vivida (TEDESCO, 2014). São lugares que evocam memórias coletivas e individuais ao permitirem a recordação. Todos os vigilantes situaram suas memórias em um ou mais espaços físicos, principalmente em espaços alimentares, pois são espaços que constroem imagens, discursos, sentimentos e emoções.

Enquanto os vigilantes narravam e relatavam os fatos pitorescos por eles vivenciados, eu ouvia atentamente suas falas, pois considero de suma importância este momento de escuta, a fim de que estes vigilantes possam se ver e rever no presente, pois Goodson (2007, p. 58) evidência que “à medida que eles pensam mais sobre sua história de vida, eles saem desse lugar ao qual estiveram presos e se dão conta das fronteiras que gostariam de atravessar”.

4.4 Interpretando as Vozes Anônimas

Para iniciar a discussão, propusemo-nos a interpretar, com base na análise de informações, os sentimentos e características que estão nas entrelinhas das narrativas. Consideramos as lembranças como individuais e coletivas, relacionando-as com o momento histórico, social, político e econômico em que os fatos ocorreram. O ato de interpretar, segundo o dicionário Michaelis (2020), significa dar sentido a algo. Neste contexto, ao longo de cada narrativa, foi possível observar e correlacionar o discurso com alguns aspectos: pessoas, ações, objetos, paisagens, tempo e espaço.

Iniciamos observando as lembranças das experiências vivenciadas que estão impregnadas de recordações de um passado que, ainda hoje, faz-se presente na memória dos vigilantes. A expressão “antigo anel viário”, de Renato, e o termo “xadrez”, de Petiço, ligam a memória (passado) ao cotidiano (presente), uma vez que

a revisitamos por estímulos do presente. Já as expressões temporais informam em que tempo ocorre a situação descrita, admitindo determinar passado e presente.

Na lembrança apresentada por Petição, “olha, logo no início, quando entrei na UFRGS, no tempo das vacas magras, nós recebíamos o apoio da brigada militar”, o narrador utiliza a expressão “vacas magras” para assinalar um passado de tempos difíceis, no qual o poder aquisitivo era inferior em relação ao presente. Percebemos que o entrevistado expõe sua recordação baseado em uma comparação: ele classifica o passado como tempos de “vacas magras” (antiga estrutura social) ao compará-la com o presente (remuneração atual). Para corroborar com a fala de Petição, o entrevistado chamado de Careca compartilha o mesmo sentimento ao narrar: “nós estávamos num plantão da noite, sem dinheiro. Eu estava louco de fome [...]”. O narrador, em sua explanação, não revela quantos colegas estavam na equipe, mas podemos traçar um paralelo com a equipe de Petição, já que ele relata que a janta foi para umas nove pessoas. “Era uma turma grande”, salienta o entrevistado. Diante das falas, pode-se inferir que a lembrança de ambos, em relação à situação financeira, além de estar relacionada à estrutura social antiga e atual, ficou sedimentada na memória desses vigilantes. Por isso, reforçamos que o recordar é um ato proveniente de um hiato do passado com o presente.

A estrutura social é o modelo de funcionamento de uma sociedade e implica em como os indivíduos se comportam e se relacionam. A memória é parte de um processo social, uma vez que os indivíduos interagem a partir de estruturas sociais, isto é, a memória pode ser evocada ancorada a estruturas sociais que as antecedem.

Adjudicamos a liberdade dos entrevistados para contar os fatos ao modelo de entrevista seguido pela pesquisa. Este padrão de narrativa é responsável, além de proporcionar uma revisitação ao passado, por oferecer um espaço descontraído durante a entrevista, e, sobretudo, para Ravagnoli (2018), é um modelo que encoraja uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada.

Pisca não realizou o cacoete durante o seu discurso, o que permite inferir que o ambiente o deixou confortável, considerando-se que ele mesmo refere realizar os movimentos com a cabeça apenas quando está nervoso ou cansado. Oposto à entrevista de Pisca, temos a entrevista de Almeida. Este é o único narrador que se encabula ao contar os fatos. Atribuímos o acanhamento à timidez situacional do entrevistado, isto é, uma timidez causada somente em algumas ocasiões, pois a entrevista foi realizada por meio de videoconferência, na qual o narrador se

encontrava na sua residência ao lado da esposa e das filhas. Normalmente, quando está no serviço, o vigilante narra os mesmos fatos com riqueza de detalhes, despertando o seu lado cômico.

O ambiente descontraído em que se deram as entrevistas proporcionou expressões de risos e momentos divertidos. Pontuamos aqui o fato pitoresco de Renato, que conta o fato mais inusitado de todas as narrativas, pois jamais esperaríamos que um andarilho estivesse transando com uma boneca. O evento inesperado ajusta um ambiente engraçado e de muito humor arrancando inúmeras gargalhadas do entrevistador. Quanto às risadas provocadas pelo caso imprevisto da narrativa, podemos afirmar que “[...] o riso é provocado justamente pela “ruptura do convencional/do previsível”, ou seja: pelo reconhecimento da quebra da regra (de convívio social), através da incongruência” (ROMÃO, 2001 p. 20).

Seguindo a discussão, contemplamos os fatos como pitorescos quando, ao serem narrados, foram encarados pelos entrevistados como cômicos, anedóticos, divertidos ou engraçados. Os vigilantes, exceto Almeida, contam os fatos de forma engraçada e se divertem ao expô-los para o entrevistador. Até o Pisca, que é o personagem cômico e principal da sua própria narrativa, ri ao contar a sua história, mesmo que o cacoete já o tenha atrapalhado em outras ocasiões, conforme ele aponta. Tendo em vista que o cacoete faz parte do seu cotidiano, é provável que, nem Pisca, nem seus colegas esqueçam os fatos pitorescos que envolveram o vigilante. Já os fragmentos são lembranças marcadas pela excentricidade, pois, para algumas recordações serem evocadas, é necessário que outras sejam esquecidas. Por isso, nossa memória é considerada seletiva, já que lembramos somente de momentos significativos. Identificamos na fala de Petição o que nos parece ser um pequeno retrato ou um pequeno verso constante em sua memória, pois fragmentos foram encontrados na narrativa, na qual o vigilante revela a lembrança do modelo do veículo e os numerais da placa da viatura da Brigada Militar ao dizer: “e, na época, tinha uma viatura, era um opalão 1861”. O narrador menciona apenas partes da placa, pois os fragmentos são lotados de memorização e esquecimento. O esquecimento ocorre porque somos bombardeados por inúmeros estímulos por segundo, entre os quais muitos são irrelevantes. “Por isso, selecionamos as informações mais importantes para serem arquivadas” (MOURÃO; ABRAMOV, 2011, p. 786). Ao mencionar o veículo utilizado pela Briga Militar na época dos fatos, Ailton faz referência a “um opala preto só com uma listra escrito Brigada Militar”. Contudo, esta é uma imagem

distorcida, pois a Brigada Militar nunca teve veículos modelo Opala na cor preta. É admissível que a cor do carro tenha se tornado irrelevante nas memórias do narrador. Nesses fragmentos de memória, observa-se que a construção de suas lembranças contém traços que caracterizam as viaturas de um passado longínquo, pois a Montadora General Motors, responsável pela fabricação do modelo, encerrou a produção do Opala em abril de 1992. A descrição detalhada da viatura e a exaltação do vínculo de amizade criado com os brigadianos, gera a sensação de que esses fragmentos são guardados e carregados pelo narrador com apreço pela Brigada Militar, já que, na entrevista, o semblante de Petiço ficou tomado de alegria.

Notamos um esforço por parte dos entrevistados para recordar alguns detalhes que foram esquecidos. Lazaro, Pisca e Odilon explicitam o esquecimento ao dizerem que não lembram alguns detalhes dos fatos narrados.

A construção de uma lembrança está associada a pessoas e acontecimentos, pois as lembranças retomam relações sociais. O reconhecimento e a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

É assim que Marcelo Schneider aparece na narrativa de Pisca. Ele é um personagem permanente na memória de suas narrativas. É provável que, ao ver Marcelo Schneider, Pisca evoque sua memória e recorde o momento em que o episódio aconteceu. Assim como Renato, ao ver Telmo e associá-lo ao acontecimento da “mata afrodisíaca”.

Também podemos observar que, em um grupo social, um indivíduo é capaz de sofrer, mesmo que inconscientemente, influência da construção social daquela coletividade. Marcelo Schneider deixa evidente a influência do grupo nos próprios membros da equipe quando diz: “vive fazendo sacanagem”, como se isso fosse unanimidade entre os colegas de sua equipe. Ainda, Marcelo Schneider, ao descrever o atrito com um colega marrento, deixa evidente o funcionamento de uma sociedade complexa. Ela é composta por grupos, determinação de princípios e julgamento de ações e pessoas. Deste modo, essa sociedade é marcada por conflitos, como os narrados por ele. Para compreendermos a identidade individual dos autores das narrativas, também é preciso relacioná-la aos grupos aos quais os narradores pertencem, assim como aos grupos distintos deles. As recordações de experiências vividas e memórias coletivas constituem a base da identidade de cada um. Em outras palavras, os elos sociais que unem narrativas individuais com narrativas coletivas nas quais o indivíduo se insere formam a base para a criação da identidade social e para

a construção da memória. É necessário abordarmos o assunto identidade social para entendermos o comportamento dos narradores na atualidade. No entanto, a identidade é um produto de várias identidades, por ser o resultado cultural de vários processos e experiências vivenciadas ao longo da vida de um indivíduo.

Passar por uma experiência negativa pode motivar um sentimento negativo. Logo, gerará uma lembrança também negativa. Essa lembrança pode nos livrar de situações de perigo semelhantes à experiência negativa já vivida. O medo da dor, da morte ou da perda é um sentimento permanente e que pode ser desencadeado por uma recordação negativa, como detalham Odilon e Mozarte. “Quando eventos traumáticos permanecem na memória de uma maneira constante, detalhada e relativamente precisa, trata-se sobretudo de recordações de fatos” (BOHLEBER, 2007, p. 163).

Ao analisar a linguagem utilizada nas entrevistas dos vigilantes, observamos que Bira, Almeida, Joel e Careca, em suas narrativas, encenam durante o discurso, para tornar os fatos lúdicos e engraçados. Essa encenação e essa improvisação são a livre expressão da consciência do material que emerge do inconsciente. É a intuição em ação, em um jorro contínuo e rápido de opções. Assim fez Bira ao improvisar imediatamente uma imitação diferente das brincadeiras que costumeiramente fazia com o colega Carlos. Nesse caso, a criação, a estruturação, a execução e a exibição do discurso perante os colegas ocorreu simultaneamente num único momento, em que se fundiram memória e intenção (passado e futuro) e intuição (presente). Os sons emitidos por Bira são um recurso denominado de onomatopeias, que garantem a atenção de quem ouve. Além disso, elas remetem uma “carga emotiva que está por trás dos gestos da personagem, dando a ideia aproximada da dramaticidade da cena” (ALCOFORADO, 2008, p. 4). A linguagem é responsável por expor as imagens mentais retidas no imaginário de cada narrador. Silva ressalta que:

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. [...]. Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos (SILVA, 2006, p. 111).

Percebemos nas narrativas, além das figuras de linguagem, que os vigilantes utilizam argumentos humorísticos como recurso persuasivo. O humor pode ser

entendido como uma visão nova da realidade que presenciamos ou vivemos, assim como pode ser uma arma de denúncias e flagrantes.

Por fim, destacamos um lugar de memória, presente em seis narrativas, que faz referência ao ato de comer ou a espaços de alimentação. Nas lembranças de Ailton, havia um planejamento para realizar a pescaria, o que reforça sua afinidade com os brigadianos, diferentemente das lembranças evocadas por Marcelo Guedes e Careca, que revelaram que a busca por alimentos era para suprir uma necessidade fisiológica momentânea.

A narrativa de Pisca inicia-se em um mal entendido no trânsito, mas termina com um fato cômico ocorrido no almoço. Os fatos narrados por Joel, apesar de acontecerem em, no mínimo, três cenários, são desenrolados e motivados por um churrasco entre amigos. Assim como as narrativas intituladas “Pescaria no Parque”, de Petiço, “Pegadinha no Supermercado”, de Marcelo Guedes, e o “Cardápio da Janta”, de Careca, também se desdobram pela busca de alimento para uma refeição.

Nesse âmbito, relacionamos o ato de alimentar-se em grupo com o evocar da memória social. Alimentar-se não é apenas um processo fisiológico. Segundo Carneiro (2013), a alimentação, além de ser uma necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais. Petiço, ainda, é capaz de salientar o elo de amizade criado ao citar: “os brigadianos passavam aqui, nós oferecíamos cafezinho, água gelada e, às vezes, eles jantavam. Assim nós fomos fazendo amizade com eles”.

O ato de alimentar-se em grupo exerce o papel de interação pessoal e fortalecimento de vínculos afetivos. Desta forma, Assunção assevera que “a comida está relacionada aos laços sociais, pois evoca lembranças, emoções sentimentos que nos remetem às memórias do passado e dos indivíduos com quem nos relacionamos” (ASSUNÇÃO, 2008, p. 235).

Destacamos o curioso fato de existirem, ao longo das narrativas, sete ocorrências do verbo *comer* e de seus derivados, quatro ocorrências da palavra *janta/jantar/jantavam*, uma ocorrência da palavra *fome* e duas da palavra *comida*.

Os fatos pitorescos explicitam um ambiente agradável e cheio de cenários lúdicos que fortalecem as relações pessoais, as memórias individuais, coletivas e a identidade dos vigilantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, nosso propósito é tramar um diálogo entre o imaginário e os fatos vividos narrados pelos entrevistados. Nosso esforço é pela compreensão dos significados das falas, as quais lincamos com as teorias que iluminaram caminhos e sugeriram análises das lembranças dos vigilantes no presente. Lembrar, ao nosso ver, tem a função de instigar a memória.

O percurso metodológico possui como escopo principal a descrição das etapas da pesquisa, proporcionando ao leitor uma compreensão maior sobre como foi desenvolvido e concretizado o estudo. A pesquisa qualitativa assevera a forma de conexão entre o pesquisador e o pesquisado, apresentando as principais dificuldades enfrentadas para a realização da pesquisa.

Evidenciamos, sobretudo no terceiro capítulo, o quanto as técnicas de pesquisa qualitativa foram importantes para o alcance dos objetivos e pressupostos teóricos deste estudo. Fundamental, nesse sentido, foi o fato de termos estabelecido, de início, o contato com os vigilantes, a fim de escutá-los e compreender de que forma os fatos pitorescos estão sedimentados em suas memórias. E foi por acreditar ser necessário o entendimento de como um dado objeto se manifesta no imaginário dos vigilantes e singulariza-se nas suas determinações sócio-históricas e concretas, que decidimos iniciar este trabalho pela abordagem qualitativa.

As narrativas apresentadas foram tecidas por relatos de experiências da vida cotidiana, onde cada depoimento representou uma experiência pessoal. As narrativas dos vigilantes afigurados nesta pesquisa são iguais a tantas outras contadas nos ambientes da COORDSEG. Os relatos parecem tão semelhantes, que dão a impressão de que foram vividos em coletividade. No entanto, há em cada narrativa uma singularidade que distingue um fato de outro: faz toda diferença o modo como foram narrados e quem os narrou.

Trabalhamos com essas narrativas considerando a existência de alguma ambiguidade ou alteração. Contudo, entendemos haver legitimidade e importância no evocado. Nessa perspectiva, concordamos com Bosi (1994, p. 37) no sentido de que “a veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”.

Assim, encontramos hábitos, traços, fazeres e fatos nas narrativas, trazidas em companhia de imagens, sentimentos e sentidos. São esses os elementos que escrevem nas memórias dos narradores os fatos pitorescos. Os vigilantes lembraram, reatualizaram os fatos das relações vividas com antigos colegas e amigos. Na nossa ótica, a construção de um quadro social da memória dos vigilantes, compõe-se, sobretudo, pelas relações específicas que são perpassadas pela natureza da instituição UFRGS. Um quadro social, como nos diz Halbwachs (2004), é instituído pelas relações entre os homens, produzindo códigos específicos, oriundos de suas experiências compartilhadas, significadas socialmente, e, conseqüentemente, sustentando-se pelas raízes que crescem e adentram pelas entranhas dos homens. É do autor a noção que corrobora nossa pretensão em afirmar a existência de um quadro social na memória dos vigilantes, pois “os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamentos e de experiências onde reencontramos nosso passado”. (HALBWACHS, 2004, p. 71).

Nessas narrativas, a memória constituiu-se em um processo construído pelas inúmeras estratégias que formularam uma visão abrangente de discursos sobre as recordações do passado. Observamos que, por meio da memória, intensificava-se o sentido de pertencimento de um grupo a um passado comum, delimitando, desse modo, fronteiras socioculturais. Assim sendo, a memória funcionou como suporte de conhecimento e salvaguarda de fatos, acontecimentos e lembranças. Permitiu a esse grupo social situar-se em um dado contexto, reelaborando as lembranças, num mecanismo incessante, presidido pela dialética da lembrança e do esquecimento.

A memória designa, também, um espaço de divergências e confrontos, de esquecimentos e silêncios, de práticas individuais e sociais e dos espaços de apropriação. A reconfiguração e a recuperação das diferentes visões do passado fazem parte da memória e de suas estratégias de lembrar, recordar, criar representações e construir elos identitários dos grupos sociais. E estratégias de dominação são mecanismos sinalizadores de manipulação da memória coletiva como instrumento de poder.

O sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende, tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra. Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual,

passando a ser considerada como parte de um processo social em que aspectos da psique se encontram interligados a determinantes sociais. A memória deixou, portanto, de ser considerada como fenômeno individual, passando a elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas. Segundo Halbwachs (1992), a identidade reflete todo o investimento que um grupo faz, ao longo do tempo, na construção da memória. Portanto, a memória coletiva está na base da construção da identidade. Ela reforça o sentimento de pertença identitária e, de certa forma, garante unidade/coesão e continuidade histórica do grupo.

Assim sendo, constatamos que a memória é o mecanismo responsável por proporcionar no indivíduo ou grupo, um sentimento de pertencimento, bem como ressignificar, dependendo do contexto dos fatos e acontecimentos do passado. Desse modo, concluímos que os vigilantes relacionam os fatos narrados com fatos vivenciados, não sendo possível imaginar as narrativas sem três pilares: identidade do grupo, memória e imaginário.

Registrar as lembranças contidas no imaginário dos vigilantes proporcionou-nos a construção de um espaço de análise dos fatos vivenciados no cotidiano, assim como a promoção da visibilidade desse grupo social, que, de certa forma, contribui para a preservação desse passado, para que essas lembranças não sejam silenciadas. Na COORDSEG, encontramos algumas vozes anônimas que se propuseram a tornar suas narrativas conhecidas. Dessa maneira, pudemos dar visibilidade a esses vigilantes e contribuir para transformá-los em indivíduos a serem reconhecidos pela sociedade como parte integrante do patrimônio cultural da Universidade.

Optamos, ao longo da dissertação, por identificar os narradores pelo nome ou apelido pelo qual são habitualmente chamados e conhecidos na Instituição, pois entendemos que o leitor deve ter conhecimento, inclusive, de como ocorrem as relações afetivas do grupo no qual os vigilantes estão inseridos.

Nesta perspectiva sobre as lembranças dos vigilantes que a imaginação se apresenta como um fator de equilíbrio psicossocial que advém das notificações de toda ordem do vivido (culturais, sociais, psíquicas), pois é no imaginário que o real se reinventa. Nesse contexto, as imagens tornam-se ferramentas do imaginário, como reservatório do vivido, propulsoras de vida; e a imaginação surge como possibilidade de reinvenção de si, pois é pelo imaginário que o indivíduo constrói-se e constrói, é por meio do imaginário que o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece a si

mesmo. O imaginário proporciona a conexão dos indivíduos com suas experiências. Rememorar momentos de vida pelas representações torna-se um ato revelador de imagens que, em nosso âmago, são inextinguíveis. Assim o foi com os vigilantes. Ao recordar e narrar suas experiências sobre os fatos pitorescos, eles buscaram em seus reservatórios as representações mais significativas para narrar. É nesse bojo de representações das vivências do cotidiano que acredito estar presente o imaginário mais pulsante dos vigilantes, referente aos fatos pitorescos. É ele que se sobressai frente às outras imagens presentes nas narrativas, como as informações de cunho profissional por exemplo.

Nesse ponto, as relações entre real, imaginário e simbólico tornam-se bastante intrincadas, já que a própria linguagem, enquanto produção humana, implica a atividade criativa do imaginário. Ou seja, se o imaginário não prescindir do simbólico, este pressupõe necessariamente a capacidade imaginária, a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é ou de vê-la diferente do que é. O imaginário, por sua vez, liga-se ao simbólico não somente para exprimir-se, mas para existir enquanto tal (CASTORIADIS, 1992).

Da literatura emerge fortemente a matriz verbal. A matriz visual pode se fazer presente pela imaginação do leitor, pois há sempre diferenças na maneira como cada sujeito concebe e percebe as coisas. O sentido que é dado aos fatos narrados pelos vigilantes pode ser variado e deve ser calculado pelo leitor por meio de uma organização lógica e da consideração dos contextos situacionais e imediatos. Os contextos são fundamentais no processo de interação. Além disso, a imbricação entre o verbal e imagético atua de forma essencial na introdução, na manutenção e na recategorização dos objetos de discurso.

Inferimos, assim, que a análise linguística reconheceu a existência do fenômeno da linguagem figurada no discurso dos vigilantes. Considerando-se o campo da argumentação do verossímil, do plausível e do provável – na medida em que este último foge às certezas matemáticas – observou-se, na análise das narrativas que, certas palavras existentes nos textos, têm a capacidade de sugerir ou implicar algo além do seu significado predominantemente dito, do literal, do denotativo-referencial, reunindo nelas mesmas um conjunto de valores afetivos que lhes eram caprichosamente impostos pelo sujeito-vigilante ou mesmo pelo contexto onde foram empregadas.

Assim, constatamos a construção de metáforas, metonímias, onomatopeias e hipérbolos em todos os textos analisados, identificando-se pelo menos uma das figuras de linguagem em cada narrativa dos vigilantes.

Essa contribuição epistemológica procedente da semiótica alcança uma grande relevância para a pesquisa, pois possibilita que se considere a linguagem artística como produto cultural cujo valor das narrativas possa ser convertido em objeto de estudo.

No que se refere ao pitoresco, especialmente neste trabalho, levou-se em consideração que é deflagrado por meio de técnicas humorísticas, que são mecanismos - de ordem linguística ou não - responsáveis pela mobilização dos conhecimentos prévios, e, também, em muitos casos, pela contestação das normas sociais ou linguísticas estabelecidas. Entendeu-se que as técnicas não são humorísticas por si mesmas. O que as faz parecerem engraçadas é a sua inserção em contexto concebido como “cômico” pelos narradores.

Nesse sentido, inserir os fatos pitorescos enquanto fio condutor da rememoração do passado importa em dizer que os vigilantes possuem uma forma de apreensão e concepção do mundo pautada não só pela visualidade, em que se interpreta a realidade por meio de referenciais fornecidos pela linguagem artística. Desse modo, a teoria de Goffman (1996) pode perfeitamente ser aplicada aos fatos pitorescos narrados pelos vigilantes. Em dada situação, o “eu”, conscientemente, simula um personagem (narrador e personagens da narrativa), com a finalidade de obter humor de quem os ouve (o outro, na terminologia do autor) durante uma dada narrativa.

Como proposta de produção técnica, apresentamos ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais a publicação de um livro intitulado “O Pitoresco no Imaginário dos Vigilantes da UFRGS”, com 80 páginas contendo as narrativas dos vigilantes, ilustradas com imagens coloridas e a trajetória acadêmica e profissional do mestrando. Torna-se relevante destacarmos que, nesta proposta, as narrativas foram reescritas preservando-se, porém, o sentido do que foi contado.

Chegada a hora, pelo menos por enquanto, de finalizar nossa caminhada, na qual nos aventuramos transitar, por meses, pelas vielas e entranhas do imaginário dos vigilantes. Deste modo, a partir dos resultados encontrados, considera-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois foi possível dar sentido às vozes que, até então, estavam silenciadas, bem como identificar os elementos que estruturam o

imaginário dos sujeitos pesquisados, referente aos símbolos, às memórias e aos referenciais de identidade e, assim, indicar as representações sociais do patrimônio da UFRGS.

Este trabalho nos fez perceber a necessidade de “escavações” mais profundas nos discursos sobre a memória (e sobre o imaginário). O imaginário que representa a dinâmica de preparar os achados, ordenar as peças onde a paisagem representa as marcas que constituíram o passado. Dessa forma, as narrativas propiciadas pelas vozes dos entrevistados apontam para novos desdobramentos que poderão ser objeto de análise em trabalhos futuros sobre: (a) racismo no ambiente de trabalho; (b) pessoas com movimentos repetitivos (tiques nervosos) e suas relações no ambiente de trabalho e (c) figuras de linguagem utilizada nas narrativas.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice. Oralidade e Literatura. *In: Oralidade e Literatura: outras veredas da voz* (Org.). FERNANDES, Frederico. Londrina: EDUEL, 2007.

ALVES, MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. Paradigmas qualitativos: o planejamento de pesquisas qualitativas e revisão da bibliografia. *In: ALVES - MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O Método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRADE, Maria. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ARGAN, G. C. **Arte Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

ASSUNÇÃO, V. K. Comida de mãe: notas sobre alimentação, família e gênero. **Caderno Espaço Feminino**, v. 19, n. 1, jan./jul. 2008.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales: memórias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

_____. Imaginação Social. *In: Enciclopédia Einaudi*, s. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.

BARBOSA, A. A. O lugar da memória institucional nas organizações complexas. *In: Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas*, 4., 2010. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT2/GT2_Andreia.pdf> Acesso em: 3 out. 2020.

BARBOSA, A. A. Memória Institucional: possibilidade de construção de significados no ambiente organizacional. *In: Encontro Nacional de História da Mídia*, 2013, Ouro Preto. **Anais eletrônicos [...]**. Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/memoria-institucional-possibilidade-de-construcao-de-significados-no-ambiente-organizacional>. Acesso em: 03 nov. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1985.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Tradução: Luiza X. de Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: M. Fontes, 1999.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BOHLEBER, Werner. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 41, n. 1, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. (O que falar e dizer). São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução. Bauru, São Paulo: EDUSP, 2004.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade**: uma história da alimentação. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **O Mundo fragmentado**: as encruzilhadas do labirinto III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

CAMARGO, J. L. **FABICO**: Uma memória a resgatar. 2009. Biblioteconomia – graduação. Porto Alegre, 2009.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, A. S. M.; BARROS, D. F.; TEIXEIRA, A. C. C. A empresa como um "lugar de memória"? Uma análise do discurso do Programa Memória Petrobras. *In*: ENCONTRO DA ANPAD. 2013, Rio de Janeiro, RJ. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2013. Disponível em http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EOR1471.pdf. Acesso em: 3 out. 2020.

COSTA, I. T. M. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1997. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/686/1/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: 3 out. 2020.

CRUZ, Rodrigo. Experiencias de la Identidad. **Revista Internacional de Filosofia Política**, n. 2, 1993.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FRANÇA, V. R. V. Discurso de identidade, discurso de alteridade: a fala do outro. *In*: GUIMARÃES, C. *et al.* **Imagens do Brasil**: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. 3. ed. Lisboa: Veja, 1995.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, mar./abr., 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**, 4. ed. São Paulo: Editora Vozes, 1985.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**, Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDAR, Jô. Quatro Proposições sobre Memória Social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GOODSON, I. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, mai./ago. 2007.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, I. How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. **Field Methods**, n. 18, 2006.

GUIMARÃES, C. *et al.* **Imagens do Brasil**: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **On Collective Memory**. Chicago: University Chicago Press, 1992.

_____. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Éditions Albin Michel, 1994.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

_____. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais no nosso tempo. Educação & Realidade, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997.

HUMBOLDT, Alexander. **Quadros da natureza**. Rio de Janeiro: M. Jackson, 1952.

INTERPRETAR. *In*: MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/interpretar/>. Acesso em 08 out. 2020.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

KRAUSS, Rosalind. **La originalidade de la vanguardia y otros mitos modernos**. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

LEITE, S. N.; VASCONCELLOS, M. P. C. Negociando fronteiras entre culturas, doenças e tratamentos no cotidiano familiar. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13, n. 1, jan./mar. 2006.

LOBO, E. S. Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**. v. 4, n. 1-2, 1992.

MAALOUF, Amin. **In the name of identity**. Londres: Penguin Books, 2003.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MATOS, M. T. N. de B. **Memória institucional e gestão universitária no Brasil**: o caso da Universidade Federal da Bahia. 2004. 184 f. Tese (Doutorado) – Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2004. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10976/1/Maria%20Teresa%20Matos.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED, número especial: Juventude e Contemporaneidade - n. 5 e 6, mai./ago. e set./dez. 1997.

_____. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2004.

_____. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis, Editora Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MILLIN, A. L. **Dictionnaire des beaux-arts**. T. 1. Paris: Desray, 1806.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento** - Pesquisa Qualitativa em Saúde, São Paulo: Hucitec-ABRASCO, 1999.

_____. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec-ABRASCO, 2008.

MOURA, C. P. Resenha de Becker, Howard S. 2008 [1963]. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. v. 15, n. 2, Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-9313200900020011. Acesso em: 27 out. 2020.

MOURÃO, C. A. J; ABRAMOV, D. M. **Fisiologia essencial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

NASSAR, Paulo. **Relações públicas**: a construção da responsabilidade histórica e o resgate da memória institucional das organizações. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *In*: **Revista Brasileira de História**, v. 15, n. 29. São Paulo, 1995.

_____. **Memória, história e cidade**: lugares no tempo, momentos no espaço. Uberlândia: Art Cultura, v. 4, n. 4, jun. 2002.

PINO, A. A produção imaginária e a formação do sentido estético - reflexões úteis para uma educação humana. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2(50), ago. 2006.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Duran**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992.

POMIAN, Krzystof. Memória. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, v. 42, 2000.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PUHL, P. R.; ARAÚJO, W. F. Youtube como espaço de construção da memória em rede: possibilidades e desafios. **Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, set./dez. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12895>. Acesso em: 3 out. 2020.

PRICE, Uvedale. **Essays on the Picturesque**. London: J. G. Barnard, Printer, Skinner Street, 1810. Disponível em: www.archive.org/details/essaysonpictures02priciala. Acesso em: 5 mar. 2021

QUINTÁS, A. L. A. **Manipulação do homem através da linguagem**, 2009. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm>. Acesso em: 10 mai. 2020.

RAMPAZI, M. Presentazione. **Rassegna Italiana de Sociologia**. a. XLII, n. 3, set. 2001.

RAVAGNOLI, N. C. S. R. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na linguística aplicada. **The Specialist**, São Paulo, v. 39, n. 3, 2018.

REZENDE, E. **O valor da memória institucional no universo organizacional**. São Paulo: ER Consultoria, 2015. Disponível em: <<http://eliana-rezende.com.br/o-valor-da-memoria-institucional-no-universo-organizacional/>> Acesso em: 3 out. 2020.

RIBEIRO, A. P. G.; BARBOSA, M. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. **Comunicação e sociedade**. São Paulo, ano 29, n. 47, 2005.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RICHARDSON, et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. **Revista AMPL**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

RIOS, Fábio. “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. **Revista Intratextos**, v. 5, n. 1, 2013.

RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos. **Revista Letras Escreve**, v. 7, n. 4, 2017.

ROMÃO, S. C. G. **Onde está a graça**: análise da perlocução em textos humorísticos nos níveis explícito, implícito e metaplícito. 2001. 345 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística. Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/DISSERT_sidei_cursinogui_maraes_romao.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

RUEDA, V. M. S.; FREITAS, Aline; VALLS, V. M. Memória Institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, abr. 2011.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **Lo imaginario**. Buenos Aires: Lozada, 1964.

SCHUTZ, A. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs**: colective memory and experience. São Paulo, v. 4. n. 1/2, 1993.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVEIRA, Fabricio. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 15, n. 3, 2010.

SPINK, P. K. Organização como fenômeno psicossocial: notas para uma redefinição da psicologia do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 8, n. 1, 1996.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. 2008. 396 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação / Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/cotidiano.pdf>> Acesso em 03 nov. 2020.

STRATI, A. The Aesthetic Approach in Organization Studies. In: LINSTED, S. (Ed.). **The Aesthetics of Organization**. London: Sage Publications, 2000.

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiências e narração. 2. ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2014.

TEIXEIRA, M. C. S. Socio-anthropologia do cotidiano: a abordagem de Michel Maffesoli. In: **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

THIESEN, I. **Memória institucional**. João Pessoa: UFPB, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS. **Coordenadoria de Segurança - COORDSEG**. Disponível em: www1.ufrgs.br/PortalServidor/ServidorUnidade/ServidorUnidade.php. Acesso em: 10 mai. 2020.

VÁSQUEZ, A. S. **Um convite à estética**. Trad.: Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VIANA, Nildo. Memória e sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. **Revista Espaço Plural**, Cascavel, v. 6, n. 14, 2006.

VIEIRA, M. S. **As Categorias Estéticas da Commedia dell'Arte**. São Paulo: Vivência, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **Imaginación y Creatividad del adolescente**. In: obras escogidas IV: psicologia infantil. Madri: Visar, 1996.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Tradução: Jefferson L. Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. O manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, jun. 2000.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Pensamento e linguagem**. Tradução: Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. São Paulo: Ática, 2011.

VITORIANO, M. C. C. P. **Obrigação, controle e memória**: aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas. 2011. 356 f. Tese (Doutorado) Pós-Graduação em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/dBO1ld>> Acesso em: 3 out. 2020.

WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita Malta. Halbwachs e a memória: contribuição à história cultural. **Revista Territórios e Fronteiras**, Mato Grosso, v. 3, n. 1, jan./jun. 2010.

WHEELER, Alina. **Design de Identidade da Marca**. 2. ed. Porto Alegre, 2008.

APÊNDICE A – Relação de Vigilantes que compõem o Universo da Pesquisa

| SERVIDOR | IDADE | SITUAÇÃO | EXERCÍCIO | LOTAÇÃO |
|----------------------------------|-------|----------------|---|----------|
| Adalberto Fernando Chagas | 59 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Ademar do Nascimento Ribas | 52 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Adroaldo Silva de Castilhos | 56 | Ativo no Cargo | Setor da Cavalaria | COORDSEG |
| Ailton de Abreu Fraga | 56 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Airton Fontoura Bastos | 61 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Antônio Augusto de Leão Souza | 68 | Ativo no Cargo | Prefeitura Campus do Vale | COORESEG |
| Antonio Carlos Bicca Rangel | 55 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Antonio Leo Pereira dos Reis | 70 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Carlos Milton Pereira Canquerini | 65 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Cesar Valmor Monteiro | 58 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Claudio Rocha Vieira | 54 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Daniel Augusto Pereira | 52 | Ativo no Cargo | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORESEG |
| Darlan Silva de Azevedo | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Diniz Silva de Azevedo | 53 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Dionesio Pinheiro da Silva | 59 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Edlon Granez de Souza | 52 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Edmar Pereira de Oliveira | 54 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Enio Rodrigues de Campos Junior | 55 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Everton da Silveira Alves | 49 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Gilberto Becker da Silva | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Hamilton Silva de Moraes | 56 | Ativo no Cargo | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORDSEG |
| Jair Antonio Marques | 52 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| João Batista de Castilhos Pilar | 64 | Ativo no Cargo | Setor da Cavalaria | COORESEG |
| João Ubirajara da Silva | 59 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| João Moises Rordan Pereira | 67 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| João Ubirajara da Rosa Martins | 61 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Joel Nogueira | 61 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |

| | | | | |
|---------------------------------------|----|----------------|---|----------|
| Jonacir Fernandes Rolim | 64 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Jorge Silva de Almeida | 60 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Jose Agostinho Garcia da Silva | 66 | Ativo no Cargo | Secretaria Administrativa da COORDSEG | COORESEG |
| Jose Antonio Marques de Moraes | 65 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Jose Aureo Santos de Deus | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Jose Emilio Rodrigues Capellão | 63 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORESEG |
| José Paulo de Souza Feijo | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Luis Donald Moura de Souza | 58 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Luis Fernando Flores Pinto | 52 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Descentr e Campus Litoral da COORDSEG | COORESEG |
| Luiz Vanderlei Furtado Joris | 58 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORESEG |
| Marcelo Guedes da Rocha | 53 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Marcelo Schneider dos Santos | 54 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Marcio dos Anjos Szuberski | 50 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Marco Antonio de Vargas | 58 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Marcos Aurelio Ribeiro da Silva | 54 | Ativo no Cargo | Setor da Cavalaria | COORDSEG |
| Marcio Cesar Silva da Silva | 60 | Ativo no Cargo | Setor da Cavalaria | COORESEG |
| Mario Luis de Oliveira Mercio Pereira | 53 | Ativo no Cargo | Setor da Cavalaria | COORESEG |
| Mario Luiz Lucas Coutinho | 55 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Mauricio Fernando da Silva Belmonte | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Maurilo Tavares Pires | 62 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Mozarte Simões da Costa Junior | 54 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Odilon Manoel Roza de Oliveira | 65 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Osadir Nunes | 67 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Descentr e Campus Litoral da COORDSEG | COORESEG |
| Paulo Cesar Celente Dos Santos | 59 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Paulo Renato Rocha | 59 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Paulo Roberto Alves De Lima | 72 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Paulo Roberto Saldanha | 56 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Pedro Antonio Roman Fraga | 66 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |

| | | | | |
|---------------------------------------|----|----------------|---|----------|
| Pedro Jose Boldrini Pieretti | 64 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Renato Pagani Rocha | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORESEG |
| Renato Pieretti Duarte | 55 | Ativo no Cargo | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORDSEG |
| Ricardo Luis Garcia Do Espirito Santo | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Roberto Severo Muller | 55 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Rodinei Augustinho Burque | 59 | Ativo no Cargo | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Rogério Fonseca Barbosa | 55 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Silvio Luis Fraga Benites | 55 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Descentr e Campus Litoral da COORDSEG | COORDSEG |
| Telmo Farias | 57 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Valdeci Rocha De Souza | 71 | Ativo no Cargo | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Ademir Camargo Correia | 70 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Aldroir Pereira Alves | 83 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORESEG |
| Alexandre Baptista Da Silva | 58 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Alexandre Da Silva Goncalves | 54 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Anacleto De Souza Viana | 69 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Antonio Marino Ramos | 82 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Antonio Santana Lopes | 83 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORESEG |
| Carlos Alberto Castro Correia | 61 | Aposentado | Setor Operacional Da Coordenadoria De Segurança Da UFRGS | COORDSEG |
| Danilo Luiz Da Silva | 67 | Aposentado | Setor de Cavalaria | COORESEG |
| Denis Jesus Nunes Ferreira | 66 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Derli Ribeiro Cardoso | 64 | Aposentado | Setor de Cavalaria | COORESEG |
| Edson Alf | 67 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Edson Luiz Vieira De Souza | 70 | Aposentado | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Galdino Orani Dos Santos | 72 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Ivonei Chagas | 63 | Aposentado | Setor de Cavalaria | COORDSEG |
| Jaime Jose De Vargas | 64 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Jair Luiz Fernandes Rolim | 59 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Jesus Ferreira Viegas | 63 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORESEG |

| | | | | |
|-------------------------------------|----|------------|--|----------|
| João Maria Miller | 67 | Aposentado | Setor de Vigilância da Estação Experimental Agronômica | COORDSEG |
| Jorge Da Silva Nunes | 82 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORDSEG |
| Jorge Luis De Oliveira Oldani | 61 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Jorge Pereira De Souza | 66 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Jorge Silva Dos Santos | 58 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Jose Matos Da Silva | 69 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Jossoel Medeiros Da Mota | 57 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Laurindo Bunn | 75 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Luiz Da Silva Rangel | 82 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORDSEG |
| Luiz Gomes De Freitas | 81 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORESEG |
| Manoel Dos Santos Oliveiras | 68 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Marco Antonio Da Cunha Leão | 60 | Aposentado | Setor de Canil | COORDSEG |
| Mauro Reis Da Frota | 72 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Milton Rogerio Appel | 60 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORESEG |
| Milton Silva Das Neves | 64 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Moises Teixeira Camara | 73 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Omir Canabarro Nunes | 68 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Osmar Cabral | 69 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORESEG |
| Paulo Gilberto Dos Santos Rodrigues | 66 | Aposentado | Coordenadoria de Segurança da UFRGS | COORDSEG |
| Paulo Ricardo Dias Madruga | 67 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORDSEG |
| Regis Antonioli | 62 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Roberto Marques Quevedo Lazaro | 61 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus Centro, Saúde e Olímpico | COORESEG |
| Rosalvo Jorge Maciel | 81 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Sedine Becker Da Silva | 65 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORDSEG |
| Sergio Fleck | 67 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |
| Sergio Luiz Araudi De Oliveira | 55 | Aposentado | Setor de Vigilância Campus do Vale | COORESEG |

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O presente Termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, intitulada: **Narrativas de Memória dos Servidores da Coordenadoria de Segurança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: O Cotidiano e o Pitoresco no seu Imaginário**, que será desenvolvida por meio da aplicação de entrevistas que serão gravadas. As entrevistas serão realizadas, preferencialmente, por vídeoconferência, por meio do *WhatsApp* ou através de e-mail. Estas informações serão fornecidas na forma de participação voluntária dos servidores neste estudo sobre a rememoração dos fatos anedóticos, cômicos, divertidos e engraçados alicerçados na memória dos servidores lotados na COORDSEG. Esta pesquisa está sob a responsabilidade do mestrando Carlos Augusto Godoi da Silva e do professor Moisés Waismann, orientador da pesquisa, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, no município de Canoas/RS. Em qualquer etapa do estudo, o entrevistado poderá fazer contato com o mestrando por meio do telefone (51) 99963-3654, ou pelo endereço eletrônico godoi@progesp.ufrgs.br e com o orientador pelo endereço eletrônico moises.waismann@unilasalle.edu.br para esclarecimento de eventuais dúvidas. São garantidos ao entrevistado a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo pesquisador responsável pela mesma. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi aprovado e carimbado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade La Salle e será emitido em duas vias: uma para o colaborador da pesquisa e a outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____, brasileiro(a), Carteira de Identidade: _____, CPF: _____, Endereço: _____, depois

de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente Termo, declaro ceder ao pesquisador Carlos Augusto Godoi da Silva, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei, na cidade de _____, num total de ____ horas gravadas pelo pesquisador. O pesquisador, conseqüentemente, está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não.

_____, ____ de _____ de 2020.

Carlos Augusto Godoi da Silva

Assinatura do Colaborador

APÊNDICE C – Roteiro para Entrevistas Narrativas com os Servidores da Coordenadoria de Segurança

Esta entrevista faz parte da dissertação intitulada: Narrativas de Memória dos Servidores da Coordenadoria de Segurança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: O Cotidiano e o Pitoresco no seu Imaginário e tem como objetivo rememorar os fatos anedóticos, cômicos divertidos e engraçados alicerçados na memória dos servidores.

Nome_____ Idade_____

Bloco 1 – Informações Pessoais

Qual o teu nome completo?

Qual a tua idade?

Após o teu ingresso na UFRGS, tu recebeste algum apelido?

Tu tens algum tipo de ritual antes do início ou após encerrar o teu turno de trabalho?

Bloco 2 – Informações Funcionais

Como foi que tu vieste parar na UFRGS?

Qual a tua data de ingresso na UFRGS?

Qual foi a tua forma de ingresso?

Qual o teu horário de trabalho?

Bloco 3 – Informações Sobre Fatos Pitorescos

Conta algum fato anedótico, cômico, divertido ou engraçado que ocorreu contigo a partir da tua data de ingresso na UFRGS.

ANEXO I – Portaria de Criação da Coordenadoria de segurança

Serviço Público Federal

PORTARIA Nº 926 DE 16 ABR 2002

A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, no uso de suas atribuições,

RESOLVE:

Criar, a partir de 08 de abril de 2002, a Coordenadoria de Segurança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculada ao Gabinete da Reitora.

WLANA MARIA PANZA
Reitora.